

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico:

Professor Doutor Pedro Dias Pimenta Rodrigues

Co-orientador científico:

Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Júri:

Presidente: Professor Doutor Francisco Agostinho

Vogais: Professor Doutor António Leite

Professor Doutor Pedro Dias Pimenta Rodrigues

Lisboa, FAUL, Julho, 2014

AGRADECIMENTOS

A realização deste Projecto Final de Mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais este não se teria tornado uma realidade e aos quais estarei eternamente grata.

Assim, começaria por agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Pedro Dias Pimenta Rodrigues, pela competência científica e acompanhamento do trabalho, pela paciência demonstrada nos momentos mais difíceis.

Á minha co-orientadora, a Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá, pela competência científica, pela amizade e simplicidade, pela disponibilidade e apoio, assim como pelas críticas e sugestões dadas ao longo da orientação.

Um profundo agradecimento ao Professor Doutor José Manuel dos Santos Afonso, pela valiosa ajuda e permanente disponibilidade, pelos conselhos e ideias, pela amizade e simplicidade, pela partilha de conhecimentos essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas da Licenciatura e Mestrado, por todos estes anos de amizade, companheirismo e ajuda, em especial um agradecimento à Inês Morgado, à Catarina Cruz, à Kleidy Landim, à Mónica Tavares, à Patrícia Matos e à Mafalda Rocha. Um eterno agradecimento à Kátia Pina, pela sua incansável amizade e apoio a qualquer hora e a qualquer momento, e à Catarina Fernandes pela grande ajuda e apoio nos momentos de maior aflição.

Um especial e sincero agradecimento ao meu namorado Jair Marques, pelo apoio e força transmitida, pelo amor e carinho demonstrados em todo o caminho, por ser um ouvinte paciente de todas as minhas dúvidas, inquietações e desânimos.

Á minha família, em especial aos meus pais, Célia Delgado e Pércles Silva, pelo apoio incondicional, compreensão, amor e incentivo nos momentos mais difíceis, pela forma como me acompanharam e ajudaram para a conclusão de mais uma etapa da minha vida. A eles dedico este trabalho!

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Resumo

O Bairro do Barruncho, localizado na freguesia de Povoia de Santo Adrião, Odivelas, é um bairro clandestino marcado por um forte estigma social. É caracterizado por habitações maioritariamente precárias e pela inexistência de um conjunto de infraestruturas básicas. Apesar de ser um bairro de modesta dimensão, compõe-se de uma população muito heterogénea, onde encontramos residentes de etnia africana, uma comunidade cigana, e população de origem portuguesa. Os residentes são maioritariamente jovens, com baixas qualificações académicas e baixos rendimentos.

Barreiras físicas e sociais juntamente com uma certa diversidade cultural constituem por vezes problemas que dificultam a interacção das pessoas no bairro e a sua conexão com a cidade. Após uma análise SWOT realizada concluiu-se que uma das principais carências do bairro é a falta de um equipamento cultural e social que seja o motor de mudança, que promova a integração, o encontro e a partilha, tanto dentro do bairro como do bairro para a cidade.

O desafio proposto para este trabalho foi o repensar do espaço urbano deste bairro informal a partir de uma perspectiva de integração social e espacial do mesmo. O objectivo fundamental desta intervenção é criar uma zona de confluência e de ligação entre as diferentes comunidades presentes e na zona envolvente, mantendo/recriando novos usos e novas vivências. Propõe-se assim, a construção de um centro comunitário que não corresponderá a um único edifício mas sim a um conjunto de pequenos edifícios que estarão disseminados ao longo do bairro. Na proximidade destes edifícios existem pequenos espaços de lazer que permitem a paragem e o convívio entre as pessoas.

Palavras-chave: bairro informal; identidade; regeneração; inclusão sócio-espacial, equipamento

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Abstract

The Barruncho neighborhood, located in the parish of Póvoa de Santo Adrião, Odivelas, is a clandestine neighborhood marked by a strong social stigma. It is mainly characterized by substandard housing and the lack of a set of basic infrastructure. Despite being a neighborhood of modest size, consists of a very heterogeneous population, where we found residents of African origins, a Roma community and white population. The residents are mostly young, with low educational qualifications and low income.

Physical and social barriers, along with some cultural diversity become sometimes problems that hinder the interaction of people in the neighborhood and its connection with the city. After a SWOT analysis was conducted, the conclusion was that one of the main shortcomings of the neighborhood is the absence of a social and cultural facility, the engine of change that promotes integration, gathering and sharing, both within the neighborhood and between the neighborhood and the city.

The proposed challenge for this work was to rethink the urban space of this informal neighborhood from a perspective of its social and spatial integration. The fundamental aim of this intervention is to create a zone of confluence and interaction with the different communities that are present in the neighborhood and in the surrounding area, maintaining/rebuilding new uses and new experiences. It is thus proposed, the construction of a community center which is not a single building but a collection of small buildings that are scattered throughout the neighborhood. In the vicinity of these buildings there are small recreational spaces that allow stopping, and interaction between people.

Keywords: informal neighborhood; identity; urban regeneration; socio-spatial inclusion facility.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Índice Geral

Resumo	v
Abstract	vii
Introdução.....	1
Capítulo I	5
1. Loteamentos e construção clandestina em Portugal	7
1.1 Origem dos loteamentos e construções clandestinas	7
1.2 Principais fases na génese e desenvolvimento do loteamento e da construção clandestina.....	7
1ª Fase: Até finais da década de 60	8
2ª Fase: Primeiros anos da década de 70	9
3ª Fase: Depois de 1974	10
1.3 Uma análise conclusiva sobre a construção e loteamentos clandestinos	13
Capítulo II	17
2. O Equipamento Cultural como Cenário de Integração num Bairro Informal.....	19
2.1 Associação Cultural Do Moinho da Juventude, Cova da Moura	
2.2 Casa Comunitária da Mouraria	23
2.3 Orquestra Geração, Amadora - Projecto Pedagógico de Inclusão Social	26
2.4 Programa Favela-Bairro - Instrumento para a Integração Urbanística e Social das Favelas do Rio de Janeiro	28
2.5 Luz nas Vielas - Brasilândia, São Paulo	31
Capítulo III	35
3. O Bairro do Barruncho – Bairro informal da periferia de Lisboa.....	37
3.1 O Bairro do Barruncho – origem e evolução histórica.....	39
3.2 Análise e caracterização do Bairro do Barruncho	44
3.2.1 Acessibilidades.....	44
3.2.2 Análise do território.....	44

3.2.3	Morfologia e tipologia do edificado.....	45
3.2.4	Lógicas de agregação das habitações.....	46
3.2.5	Aspectos construtivos e materialidades.....	49
3.2.6	Infra-estruturas.....	51
3.2.7	Edificado.....	52
3.2.8	Espaços públicos.....	60
3.2.9	Equipamentos e serviços.....	61
3.3	Perfil sócio-demográfico dos moradores do Bairro do Barruncho.....	62
3.3.1	Caracterização demográfica.....	62
3.3.2	Caracterização socio-familiar.....	64
3.3.3	Caracterização escolar e profissional.....	65
3.3.4	Relação moradores/bairro.....	66
3.3.5	Caracterização de sociabilidades e interacções.....	67
3.4	Análise SWOT do Bairro Barruncho.....	68
3.5	A apropriação do espaço público no Bairro do Barruncho.....	70
Capítulo IV	73
4.	Um plano urbano para o Bairro do Barruncho.....	75
4.1	Pressupostos e estratégias projectuais.....	75
Conclusão	89
Bibliografia	91
Anexo 1 – Painéis Finais do Projecto	95
Anexo 2 – Processo de Trabalho	96
Anexo 3 – Desenhos Evolução do Trabalho	101

Índice de figuras

- Fig. 1 Localização dos bairros clandestinos em 1971 pág. 9
- Fig. 2 – Vista aérea Bairro da Cova da Moura pág. 20
- Fig. 3 – Vista habitações do Bairro da Cova da Moura pág. 21
- Fig. 4 e 5 – Associação Cultural Moinho da Juventude pág. 22
- Fig. 6 – Cartaz festas de Junho na Mouradia pág. 23
- Fig. 7 – Ilustração localização Mouradia pág. 24
- Fig. 8 – Exemplo de cartazes das actividades da casa Mouradia pág. 25
- Fig. 9 – Membros de um dos grupos do Projecto Orquestra Geração pág. 26
- Fig. 10 – Implantação da Favela do Vidigal no contexto de São Paulo pág. 29
- Fig. 11 – Uma das vistas a partir da Favela pág. 29
- Fig. 12 – Diagrama de intervenção na Favela do Vidigal pág. 30
- Fig. 13 – Uma das intervenções do projecto – Parque Ecológico pág. 30
- Fig. 14 – Mercado de la Cebada, Madrid, 2014 pág. 31
- Fig. 15 – Projecto Las Américas, México, 2014 pág. 32
- Fig. 16 – Projecto Luz nas Vieiras, Janeiro 2014 pág. 32
- Fig. 17 – Planta Localização Bairro do Barruncho pág. 36
- Fig. 18 – Localização do concelho de Odivelas na AML pág. 37
- Fig. 19 – Localização do Bairro do Barruncho em Odivelas pág. 38
- Fig. 20 – Mapa situação até 1944 pág. 38
- Fig. 21 – Mapa situação: entre 1945-65 pág. 39
- Fig. 22 – Mapa situação: entre 1966-77 pág. 40
- Fig. 23 – Mapa situação 1978 – 90 pág. 40
- Fig. 24 – Mapa situação 2002-12 pág. 41

Fig. 25 – Planta situação actual do bairro pág. 42

Fig. 26 – Eixos Viários pág. 43

Fig. 27– Morfologia pág. 44

Fig. 28 – Tipologias pág. 45

Fig.29 – Lógicas de agregação pág. 45

Fig. 30 e 31 – Exemplo modelo radial de agregação do Bairro do Barruncho pág. 46

Fig. 32, 33 e 34 – Exemplo modelo linear de agregação do Bairro do Barruncho pág. 47

Fig 35, 36 e 37 – Natureza dos modelos de agregação pág. 47

Fig. 38 – Exemplo modelo isolado do Bairro do Barruncho pág. 48

Fig. 39 – Fábrica de Peles pág. 48

Fig. 40 – Habitação unifamiliar pág. 48

Fig. 41 - Exemplo modelo livre no Bairro do Barruncho pág. 48

Fig. 42 e 43 Exemplos construções do modelo livre pág. 48

Fig. 44 – Arruamentos pedonais e viários do Bairro do Barruncho pág. 49

Fig. 45 – Materialidades presentes no Bairro do Barruncho pág. 49

Fig. 46, 47e 48 - Acessos ao Bairro pág. 50

Fig. 49 - Mapa de redes pág. 50

Fig. 50 - Redes do Bairro do Barruncho pág. 51

Fig. 51 - Amostra da construção legal/ilegal no Bairro do Barruncho pág. 51

Fig. 52- Mapa de materiais de acabamentos pág. 52

Fig. 53 - Entrada Sudoeste pág. 53

Fig. 54 - Habitações a reboco pág. 53

Fig. 55 - Habitações a tijolo e respectivas imagens pág. 54

Fig. 56 - Rua com diversidade de acabamentos pág. 55

Fig. 57 e Fig. 58 - Habitações de uma das ruas principais e vistas de uma das ruas principais do Bairro do Barruncho respectivamente pág. 55

Fig. 59 - Vista das ruas do Bairro do Barruncho pág. 56

Fig. 60 - Algumas habitações a reboco pintado pág. 59

Fig. 61 - Alvenaria em tijolo aparente pág. 58

Fig. 62 - Habitações a Norte do Bairro pág. 58

Fig. 63 - Mapa espaço público pág. 59

Fig. 64 - Estrutura verde pág. 60

Fig. 65 - Equipamentos e serviços nas proximidades do Bairro do Barruncho pág. 61

Fig. 66 - Pirâmide etária do Bairro do Barruncho pág. 62

Fig. 67 - Etnias maioritárias no Bairro do Barruncho pág. 63

Fig. 68 - Gráfico famílias no Bairro do Barruncho pág. 63

Fig. 69 - Gráficos agregados familiares no Bairro do Barruncho pág. 64

Fig. 70 - Gráfico Grau escolaridade e grupo profissional pág. 65

Fig. 71 - Gráfico Gosto pelo Bairro pág. 66

Fig. 72 - Gráfico relações sociais pág. 67

Fig. 73 - Diagrama espaço público pág. 69

Fig. 74 – Descentralização do Centro Comunitário pág. 73

Fig. 75 – Medidas de Actuação pág. 75

Fig. 76 e 77 – Requalificação do espaço público pág. 75

Fig. 78 e 79 – Requalificação do espaço na proximidade da habitação pág. 76

Fig. 80 e 81 – Requalificação do espaço na proximidade da habitação pág. 77

Fig. 82 – Ilustração reunião dos residentes pág. 77

Fig. 83 – Ilustração Vivência pretendida pág. 78

Fig. 84 – Diagramas evolução da habitação proposta pág. 79

Fig. 85 – Tipologias habitação proposta pág. 80

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido na continuação do tema de trabalho do 1º semestre em Laboratório de Projecto VII – “Construir no Construído, Redesenhar e Requalificar o Lugar – O Bairro na Cidade, o Bairro do Barruncho, Odivelas”.

O caso de estudo – Bairro do Barruncho – localizado em Odivelas na freguesia da Póvoa de Santo Adrião, é um bairro de génese ilegal constituído na sua maioria por habitações precárias e sem infraestruturas. Abrangendo uma área de 10,56 ha, confronta a norte com a Rua Cr. Francisco Salgado Zenha, uma área de urbanização em abandono actualmente, e o Casal do Privilégio, a oeste com a Escola do 2º e 3º Ciclo Carlos Paredes e a Rua Marechal Craveiro Lopes, a sul com a Rua das Giestas e a área industrial de armazéns, a este com o Bairro da Mimosa e com a Rua Heróis de Chaimite. O núcleo central do bairro localiza-se numa colina muito íngreme, virada a poente, totalmente degradada onde o lixo se vai acumulando.

Fruto do êxodo rural o Bairro do Barruncho começou a ser ocupado nos anos 60 por famílias portuguesas que aí construíram habitações clandestinas, sendo que até os anos 80 existiam cerca de vinte famílias a residirem no Bairro. Actualmente o Bairro, que ainda se encontra por urbanizar, possui o maior núcleo de barracas no concelho de Odivelas, abrigando uma população heterogénea (etnia africana, comunidade cigana e população branca de origem portuguesa).

Este trabalho incide, assim, sobre a problemática dos bairros informais e dos seus efeitos segregadores, procurando contrariar esta situação através da intervenção da arquitectura com a proposta de construção de um equipamento cultural que permita melhorar a qualidade de vida desta população e para minimizar os problemas sócio-espaciais.

Para ajudar a clarificar a escolha deste tema bem como enfatizar a sua importância, traçaram-se os seguintes objectivos:

- Perceber de que forma pode a arquitectura contribuir para uma regeneração de zonas social e urbanisticamente degradadas.
- Reforçar a ideia de que o espaço público funcionando como elo de ligação entre a população é um elemento ordenador do espaço urbano

- Integrar as distintas áreas que fazem parte da envolvente da zona de estudo
- Perceber como o espaço público e o equipamento contribuem para a criação/consolidação de uma malha urbana coerente

Ao se ter apresentado o objecto de estudo e se ter definido os objectivos que lhe são associados tornou-se necessário estabelecer uma metodologia de trabalho adequada. O trabalho compõe-se de uma componente teórica e uma componente prática. A componente teórica baseou-se na recolha e análise de bibliografia sobre os vários temas abordados: o fenómeno dos loteamentos e construção clandestina em Portugal, a caracterização e história do bairro do Barruncho, novas práticas de intervenção nos bairros segregados sob o ponto de vista urbanístico e social. Em relação ao trabalho prático privilegiou-se a abordagem etnográfica da observação no local e contactos variados com a população.

O trabalho desenvolve-se em 4 capítulos. No capítulo 1 faz-se uma breve investigação sobre os loteamentos e construção clandestina de modo a construir uma acepção temporal á volta deste fenómeno indicando as fases fundamentais na sua génese e desenvolvimento.

Já o capítulo 2 sustenta uma análise de algumas experiências relevantes que mostram alguns projectos que interviram sobre bairros degradados e urbanisticamente segregados potencializando a sua inclusão social. Nesses casos pode-se constatar que o equipamento público e social assume-se muitas vezes como o elemento catalisador de um processo de integração social e espacial de um bairro informal.

No capítulo 3 descreve-se se o Bairro do Barruncho a partir de uma multiplicidade de aspectos (caracterização socio-económica da população, levantamento do edificado, existência de espaços públicos, etc.) de forma a tornar possível a elaboração no capítulo seguinte de uma proposta de intervenção mais consciente e informada. Neste sentido, além de se estudar a origem e evolução do bairro, faz-se uma análise e caracterização do mesmo bem como o traçar de um perfil sócio-demográfico dos moradores do bairro.

Tendo por base os capítulos anteriores, o último capítulo 4 do trabalho apresenta o projecto proposto para o Bairro do Barruncho, culminando com a proposta de um

centro comunitário descentralizado que actua como cenário de inclusão da comunidade do bairro nos bairros envolventes, e na própria cidade.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Capítulo I – Loteamentos e construção clandestina em Portugal

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

1. Loteamentos e construção clandestina em Portugal

O presente capítulo debruça-se sobre os loteamentos e construção clandestinos. Surge em primeiro lugar a necessidade de se fazer uma análise diacrónica para melhor determinar o início desta problemática, enquadrando as suas causas e consequências, para que posteriormente se possa fazer a ponte com o surgimento do Bairro do Barruncho.

1.1 Origem dos loteamentos e construções clandestinas

Desde 1962, a urbanização clandestina constituiu a principal forma de expansão dos aglomerados urbanos e de transformação do uso de solo em Portugal (Ferreira,1987). A falta de espaço urbano planeado e a baixa condição económica por parte das famílias conduziu a esta forma clandestina de apropriação do terreno¹ e da construção de habitações.

Para traçar sucintamente o perfil do clandestino pode-se dizer que surge como uma resposta às necessidades de alojamento por parte de uma população de estratos muito pobres, que não encontra soluções no mercado habitacional legal. Esta população acaba por recorrer à construção das barracas ou dos chamados bairros de lata em terrenos ilegais, comprometendo a própria paisagem.

As construções feitas nestes bairros são habitualmente de má qualidade, usando-se materiais precários de forma variada, visto que muitos dos residentes clandestinos trabalham no sector da construção civil. Posteriormente à ocupação dos terrenos ilegais e a uma certa sedentarização dos clandestinos, em alguns casos o bairro é conduzido a uma recuperação urbanística o que causa elevados investimentos por parte das Câmaras Municipais (Matos,1989).

1.2 Principais fases na génese e desenvolvimento do loteamento e da construção clandestina

¹ Sob o critério jurídico, entende-se por construção clandestina, como a construção edificada sem autorização camarária exigida pelo R.G.E.U e decreto-lei nº 166/70, que incorpora o processo de licenciamento de obras particulares, assegurando o direito de total de fruição da propriedade ou ainda construções feitas em terrenos loteados ilegalmente, isto é, sem alvará. (BARATA SALGEIRO,1972; LUSITANO DOS SANTOS,1988). Para além do conceito jurídico, entende-se por "clandestino" o que é feito às escondidas, o que está em segredo, uma actividade oculta, por parte dos construtores (MACHADO, P. Dicionário da língua portuguesa, in: LUSITANO DOS SANTOS, 1988)

Segundo autores que se debruçaram sobre esta temática (Ferreira,1987; Salgueiro,1972; Costa Lobo,1999; Lusitano Santos 1988; Guerra, 1989; Cardoso, 1993) na génese e desenvolvimento do loteamento e da construção clandestina, destacam-se três fases fundamentais:

1. Até finais da década de 60
2. Primeiros anos da década de 70
3. Depois de 1974

1ª Fase: Até finais da década de 60

Tal como Ferreira (1987) anuncia, nas décadas de 30 e 40 surgiram nas periferias de Lisboa, Évora e Setúbal, os primeiros bairros clandestinos. Nestes bairros clandestinos ressaltam três características importantes em relação à sua localização ilegal:

Proximidade do local de trabalho: é, naturalmente, um factor importante de localização, visto que a maioria da população masculina activa era empregada na construção civil e em indústrias diversas, como operários não especializados. Ambos os grupos trabalhavam nos centros urbanos, procurando por isso residir o mais próximo possível destes centros urbanos².

Proximidade dos centros urbanos: Uma razão é como já referimos a possibilidade de aí conseguir encontrar trabalho, e por outro lado era nos centros urbanos que havia mais transportes públicos tornando mais fácil as deslocações.

Preço do terreno: a localização fora dos limites do concelho traz um factor menos evidente mas também propiciador do aparecimento dos bairros, que é o preço do terreno, que se encontra mais barato nas periferias do concelho (Salgueiro,1972).

Com o aumento do ritmo da urbanização a partir do início dos anos 50, que corresponde a um momento de expansão do capitalismo, acelerado pela instalação de novas indústrias e pelo êxodo rural para as áreas de Lisboa, Porto e Setúbal, o parcelamento ilegal de terrenos multiplicou-se, formando uma cintura que envolve estes centros urbanos sobrelotados, constituindo a sua periferia³.

² Como exemplo desta situação, temos os habitantes da Brandoa, habitantes de vários bairros do concelho de Sintra, Loures e de Almada, que se deslocavam diariamente a Lisboa.

³ O caso de Brandoa é o mais conhecido desta fase. Em 1962 devido ao número de prédios já edificados – 360 – a Câmara Municipal propõe, pela primeira vez, a urbanização desta área. Mas só foi dada a devida importância em 1969

Foi, contudo, até finais da década de 60, que se verificou o grande surto do fenómeno clandestino, quando, segundo Ana Cardoso, houve um crescimento dos centros urbanos para “fora de portas” (Cardoso,1993). Este crescimento extravasado foi motivado por uma maior pressão urbana resultante do desenvolvimento económico, pela incapacidade da administração pública conseguir intervir no mercado dos solos e da habitação, e ainda pela “saída para a periferia de pequenos capitais imobiliários, “expulsos” do centro das cidades pela intervenção do capital financeiro ligado ao sector imobiliário” (Guerra,1989).

Segundo Ferreira (1987), esta fase, que vai até finais da década de 60, é caracterizada por:

- Construções precárias, em bairros de lata ou improvisadas a tijolo e cimento, sem equipamentos nem serviços;
- Construções frequentemente realizadas de noite, habitadas após a colocação da primeira placa para evitar a demolição;
- Predomínio do regime de arrendamento (terreno e casa);
- Existência de uma permissiva repressão policial e administrativa;

2ª Fase: Primeiros anos da década de 70

Nos primeiros anos da década de 70, verifica-se a aceleração da expansão dos loteamentos ilegais e um aumento significativo das construções clandestinas (fig. 1). Este aumento acabou por intensificar as pressões urbanísticas e as necessidades habitacionais que não encontravam uma solução no mercado legal. Devido a essa situação, os aspectos que marcaram esta fase foram vários.

Relativamente a estes aspectos, pode-se sublinhar que houve alguma liberalização político-administrativa, traduzida numa maior passividade das autoridades políticas e municipais, que por sua vez advém da necessidade de reprodução da força de trabalho e da incapacidade do Estado ou a iniciativa privada oferecerem condições mínimas, optando por “permitir” a construção clandestina. Outra característica importante desta fase foi o significativo aumento de rendimento de determinados

quando se dá o desmoronamento de um prédio de 6 andares. Nesta altura o bairro já tinha cerca de 5000 fogos albergando mais de 20 000 pessoas, “sem estabilidade assegurada, sem água nem esgotos, com uma rede viária mais do que precária, movimentando-se num sub-mundo de ilegalidades e de negociatas” (COSTA LOBO – encontros sobre a construção clandestina I) a Brandoa passa então a ser conhecido como “o maior bairro clandestino de Europa”.

estratos do operariado e dos trabalhadores de serviços, que passaram assim a conseguir fazer a construção das suas habitações definitivas sem alvará, seguindo uma tendência de “casa própria”. Consequentemente, houve mais procura e portanto mais desenvolvimento das actividades dos loteadores ilegais que sustentavam estas construções. Como resultado, vastas áreas de terrenos rústicos da periferia de grandes centros populacionais foram transformados em áreas desordenadas, sem nenhum princípio urbanístico (Ferreira, 1987; Lusitano Santos, 1988)

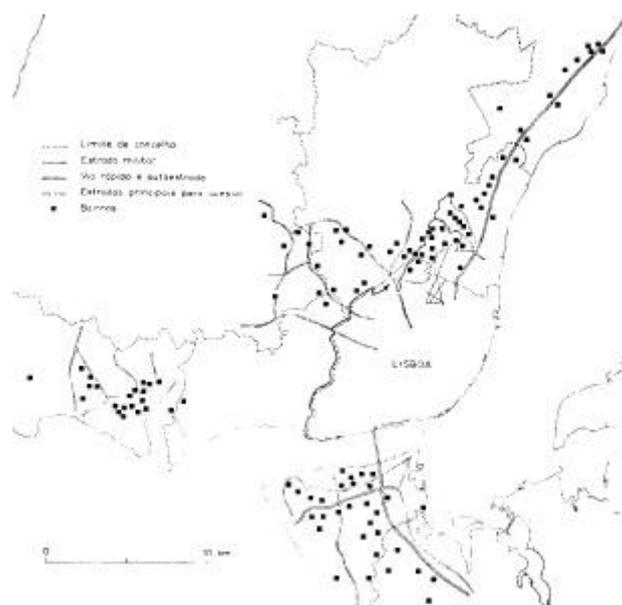


Fig. 1 – Localização dos bairros clandestinos 1971

Fonte: Bairros Clandestinos na periferia de Lisboa – T. B. SALGUEIRO

3ª Fase: Depois de 1974

Depois de 74, ao contrário do que seria de esperar, a revolução do 25 de Abril, ao trazer a liberdade democrática e um aumento generalizado do poder de compra, veio aumentar a proliferação da construção clandestina. Se, por um lado, houve o aumento do poder de compra, por outro lado havia uma insuficiente resposta da promoção legal, quer privada, quer pública, um aumento do desemprego e redução das actividades das empresas de construção libertando mão-de-obra e meios produtivos para o sector informal.

Relativamente a este período, importa sublinhar os seus aspectos essenciais. Houve um desenvolvimento de construção massiva nos terrenos loteados antes de 1974, levando à densificação e expansão dos bairros pré-existentes, a par do surgimento dos novos bairros. É importante ressaltar que este período foi caracterizado pelo início da legalização e consolidação dos bairros, visto que houve um desencadeamento do processo de infraestruturização desses aglomerados, levando a uma acentuada melhoria construtiva e de equipamento das habitações.

No cenário da revolução, marcado por reivindicações por parte da população, as Câmaras Municipais vêem-se confrontadas a arranjar meios para uma intervenção mais eficaz, tanto para a recuperação dos bairros clandestinos como para a contenção do alastramento destes.

Entre 1974 e 1976 surgiu o SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local – oficializado a 31 de Julho de 1974 em Despacho pelo Ministro da Administração Interna, Manuel da Costa Brás e do Secretario de Estado da Habitação e Urbanismo, Nuno Portas como “um corpo técnico especializado para apoiar, através de Câmaras Municipais, as iniciativas das populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes, e eventualmente monetários”⁴.

Segundo o Livro Branco do SAAL, este movimento pode ser resumido em três importantes frentes: 1.o facto de ser uma resposta de emergência às exigências das populações com carências habitacionais que encontram dificuldades com a execução dos programas de construção convencional; 2.o SAAL mais do que uma resposta à crise habitacional, tinha preocupações em envolver a população alvo nos projectos habitacionais, procurando através do diálogo soluções habitacionais tradicionais que não pusessem em causa a vivência do espaço nem o agregado humano; 3.o movimento dependia essencialmente do apoio dos moradores durante o processo de projecto (escolhas e decisões). O diagnóstico da situação habitacional em cada bairro permitia a orientação técnica⁵ das associações de moradores, possibilitando através

⁴ Ministérios da Administração Interna e do Equipamento Social e do Ambiente, Despacho: Diário do Governo nº 182, 1ª série, 6-8-1974, em O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974, José António Bandeirinha.

⁵ O SAAL era constituído por “brigadas técnicas”, como assim eram denominadas todas as equipas técnicas constituídos na sua maioria por jovens arquitectos e estudantes, que elaboraram diversos planos e projectos de zonas degradadas nas áreas centrais e periféricas nas cidades do Porto, Lisboa e Évora.

do programa, a melhoria gradual das habitações mediante a auto-construção assistida. Posteriormente este apoio continuaria na manutenção e futura gestão social do espaço construído. Sob estas directrizes e com a urgência de um movimento deste género era esperado que o SAAL abrangesse alguns modos de actuação específicos, tais como a rapidez de resposta às solicitações e necessidades das populações bem como uma certa eficácia nas intervenções a estas solicitações. O desbloqueamento a todas as barreiras burocráticas relativamente a requerimentos habitacionais por parte da população carenciada que até então se faziam sentir antes de 74 foi ultrapassado sendo que com este processo deu-se prioridade á resolução dos problemas habitacionais que então existiam.

É de referir que este processo envolveu um total de 41.758 famílias nas cidades de Porto, Lisboa e Évora, no atendimento a 174 solicitações de auxílio, de um total de 271 pedidos ⁶.

Em 1976 o Ministério da Habitação Urbanismo e Construção cria o Comissariado do Governo para a Recuperação de Zonas Clandestinas e Degradadas, sendo também publicado o novo Decreto-Lei nº 275/76 – que representa a posse administrativa dos terrenos loteados ilegalmente, e os Decretos-Lei nºs 804/76 e 90/77, que visam uma aliança entre os proprietários e as Câmaras para a construção de planos de recuperação das áreas afectadas.

Mais recentemente, dos anos 80 até hoje, verifica-se um crescimento substancial nos bairros clandestinos com a chegada de populações oriundas dos PALOPs⁷, contribuindo para uma desorganização urbanística assim como para o aparecimento de outros problemas a nível de saúde da população, vida social e económica.

Outra intervenção oficial do Estado deu-se, mais tarde em 1992, concedendo o apoio às famílias carenciadas sem recursos para a obtenção de casas no mercado legal, com o Plano Estratégico para Lisboa. Através deste Plano, procurava-se melhorar as condições de habitação, erradicando os bairros de barracas, impulsionando a reabilitação urbana das zonas marginalizadas, com vista a contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações através do seu realojamento.

⁶ Juan Antonio Zapatel em *Projectos Urbanos: A experiência do SAAL em Portugal*, pag. 2

⁷ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa designadamente Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique

Um ano mais tarde, desenvolve-se o Programa Especial de Realojamento (PER), com o objectivo de apoiar o estrato da população mais desfavorecida e socialmente excluída, ao abrigo do Decreto – Lei nº 163/93 de 7 de Maio. Este programa, sendo uma medida de política habitacional, pretende banir a construção clandestina de barracas nas zonas periféricas dos centros urbanos tais como Lisboa e Porto.

Por ter este carácter ambicioso⁸, o PER sempre foi muito debatido desde o início, sendo, segundo Fonseca Ferreira, um programa “de realização complexa e resultados problemáticos” (Ferreira, 1994). A solução que o PER propunha era a irradicação total das barracas com vista ao realojamento das famílias. Para além desta “solução” habitacional, o PER propunha-se resolver a exclusão social a que estavam sujeitos as famílias que habitavam estes bairros de realojamento, criando programas de inserção social com vista ao combate da exclusão social⁹.

Importa referir que não está em causa o realojamento das populações que vivem em bairros precários mas, sim, a forma como é feito esse realojamento. Isabel Guerra (1994) contestou este processo, sublinhando que o fenómeno do realojamento é “antes de mais um problema social e não um problema de edifícios, isto porque as pessoas não são coisas que se ponham em gavetas” (Guerra, 1994). Este realojamento era praticamente uma “transplantação de populações” (Ferreira, 1994), com poucas ou nenhuma diferença culturais. A esse factor associava-se as graves carências económicas e sociais das famílias nesses bairros de habitação colectiva (prédios em altura) onde predominava a densificação dos fogos, desintegração e inacabamento dos projectos (Guerra, 1994).

1.3 Uma análise conclusiva sobre a construção e loteamentos clandestinos

Com base no que já foi dito anteriormente pode-se constatar que durante as décadas de 40 e 60, os grandes centros urbanos não estavam preparados para a grande mudança que ainda estava por vir, sendo que uma grande parte da população ficou sem acesso à habitação a custos que pudessem suportar, porque as políticas urbanas

⁸ Este carácter ambicioso da solução do PER também advém consequentemente do grande número de fogos em vista para o realojamento e os prazos de execução dos mesmos.

⁹ Informação retirada do texto legislativo: “Complementarmente à resolução do problema habitacional, é oferecido aos municípios ou instituições particulares de solidariedade social um programa alargado de inserção social das comunidades envolvidas, visando a criação de condições a uma plena integração destas populações na comunidade e combatendo os problemas de criminalidade, prostituição e toxicodependência, entre outros, a que a exclusão social motivada pela falta de condições habitacionais condignas as deixou votadas” - Decreto-Lei n.º 163/93 de 7 de maio DR, I Série – A n.º 106 07-05-1993, p. 2381.

não conseguiram sustentar novas necessidades habitacionais e de trabalho que a procura exigia.

Como resumo das características que marcaram as fases deste processo de construção e loteamentos clandestinos podemos considerar que o aumento destes bairros clandestinos teve como factores determinantes: a escassez da habitação legal a preços compatíveis com o rendimento das populações, dificuldade em encontrar solos urbanizados propícios às possibilidades financeiras da população, rigidez e centralização do processo de planeamento e licenciamento urbanístico, a inadequação das tipologias de habitação legal às necessidades da população (MATOS,1989).

Fonseca Ferreira (1987) refere que, do ponto de vista económico, a proliferação dos bairros clandestinos deveu-se aos baixos rendimentos da população portuguesa, isto porque, entre o custo da habitação e o poder económico da grande maioria das famílias, havia um grande desfasamento, na medida em que os que possuíam pequenas poupanças familiares não encontravam alternativa de utilização pois não existia uma adequada oferta, quer pública quer privada, a este nível.

Ao mesmo tempo que se entrava num período de progressiva marginalização das pequenas empresas de construção pelo mercado fundiário e imobiliário, assistia-se a uma generalização do desemprego. Do ponto de vista cultural, havia também uma forte tradição das famílias no acesso à terra e na vontade de casa própria como fundo de garantia futura, dando preferência a habitações de maiores áreas, baixa altura e com forte relação com a natureza, dando prioridade à habitação isolada com quintal, o que nesta altura só seria possível com a compra de um lote clandestino (Cardoso, 1993).

Os problemas institucionais que surgiram junto com o surto clandestino vieram agravar esta situação e, segundo Fonseca Ferreira (1987) abarcaram a centralização e burocratização da administração e planeamento urbanístico, assim como uma rigidez e morosidade no processo de licenciamento urbano, um apoio discricionário do Estado aos grandes promotores imobiliários, e uma inacessibilidade do crédito à habitação para as famílias de fracos recursos.

O crescimento descontrolado dos grandes centros urbanos é um dos principais causadores das construções clandestinas que vão crescendo cada vez mais. Com

base nos dados já discutidos neste capítulo determina-se que os loteamentos clandestinos e a construção ilegal “têm consequências complexas e nefastas ao nível social, urbanístico, económico e autárquico.” (Ferreira,1987) Estas consequências acabam por interferir negativamente nas condições de vida das populações, no território e na vida económica e política do país.

A nível urbanístico, os loteamentos clandestinos conduzem a uma grande alteração na estrutura fundiária, através do parcelamento do solo. Estas construções clandestinas, para além da destruição do solo e devastação de explorações agroflorestais, vão também provocar alterações a nível de recursos de subsolo, modificando, conseqüentemente, os sistemas de drenagem de água, o que pode levar a grandes desastres ecológicos.

A ocupação desordenada das construções clandestinas, por vezes extensiva a vastas áreas do terreno, vai comprometer o desenvolvimento ordenado dos centros urbanos, prejudicando a execução das infraestruturas, de equipamentos e a instalação de serviços. Do ponto de vista autárquico, os loteamentos clandestinos, quando surgem inesperadamente, em zonas impróprias do território, destinadas a recuperações urbanísticas, inviabilizam os planos urbanísticos já existentes para essas áreas. Desta situação resultam entraves na gestão municipal, problemas orçamentais e políticos.

É importante referir que, para além de comprometer o devido uso do território em geral, “(...) estes problemas traduzem-se também por grandes encargos financeiros apenas em parte cobertos pelas taxas de urbanizações(...)” (Ceia, 1989), o que dificulta a instalação dos equipamentos e serviços no próprio bairro clandestino visto que os orçamentos camarários mostram-se por vezes insuficientes para comportar também os custos referentes a possíveis reconversões dos bairros.

Do ponto de vista social, visto que a ocupação anárquica dos loteamentos clandestinos dificulta uma correcta implantação urbana, ela vai conseqüentemente impossibilitar a “fixação de actividades geradoras de emprego que emprestem a essas zonas uma vida própria” (Ceia, 1989), ao invés de se caracterizarem normalmente por zonas habitacionais. Como resultado desta situação, verifica-se o agravamento das condições de vida dos residentes dos bairros clandestinos como, por exemplo, a

grande deslocação (periferia – centro urbano) e difíceis acessos a equipamentos e serviços de que necessitam, como também á saturação dos equipamentos existentes perto do bairro.

Estes factores, derivados do aparecimento e proliferação dos loteamentos e construções clandestinas, tornam cada vez mais difícil a própria urbanização dos bairros, facto que os tem levado, cada vez mais, à conseqüente marginalização e auto-exclusão em relação ao aglomerado urbano onde estão enraizados.

Capítulo II – Experiências de Intervenção em Bairros Informais

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

2. O Equipamento Cultural como Cenário de Integração num Bairro Informal

Como já foi visto no capítulo anterior, os bairros de carácter informal constituem hoje, um problema para as cidades, pela sua falta de conexão para com a cidade, pela degradação das suas construções, pela carência de infra-estruturas, pela marginalização dos seus residentes entre outros problemas característicos destes tipos de ocupações informais.

Cada vez mais os bairros informais tornam-se espaços segregados relativamente ao centro urbano e às próprias actividades da cidade. A sua localização periférica garante não só um distanciamento físico mas também um distanciamento social/económico em relação á heterogeneidade dos outros espaços que compõe a cidade.

A identidade de um bairro, de uma cidade, passa por uma apropriação do espaço, pela forma como o indivíduo interioriza esse espaço, como age e reage nele, como quer vê-lo, e isso em parte exprime-se nas relações que os indivíduos estabelecem nesse espaço. No fundo, apropriação significa tomar para si, tendo subjacente uma ideia de identidade com esse espaço, que se materializa na interacção que com este se estabeleceu.

Em muitos projectos de arquitectura não são tidos em conta a componente social/humana que é o factor aglutinador de todo um processo de requalificação urbana de um espaço degradado e fragmentado. Muitas vezes isso deve-se ao interesse político e económico do projecto/área carenciada.

O equipamento urbano articulado com o espaço público funciona como elemento de formação e reforço da identidade urbana. A construção de um equipamento seja de cariz educativo, social ou cultural num cenário informal pode ser o primeiro passo para uma mudança de uma realidade marginalizada e frágil para uma valorizada e coesa.

No âmbito do tema deste trabalho – o equipamento como elemento de regeneração do bairro informal – foram escolhidos cinco casos de estudo que reflectem a importância da dinamização cultural e artística para melhorar a qualidade de vida e a auto estima das populações com graves problemas sociais e económicos. Das experiências aqui relatadas duas delas - a Associação Cultural do Moinho da Juventude na Cova da Moura, a Casa Comunitária da Mouraria -, relacionam-se directamente com o projecto

que apresento para o Bairro do Barruncho. O Programa Favela-Bairro no Rio de Janeiro evidencia a importância do espaço público, concretamente da rua, tema também fundamental no meu projecto. Os outros dois casos de estudo - Orquestra Geração na Amadora, e o Luz nas Vieiras na cidade de São Paulo -, são casos exemplares de como é possível, através de uma lógica interdisciplinar onde a imaginação e a criatividade são elementos chave, melhorar a auto-estima das populações e o percurso de vida de cada um.

Embora com diferentes localizações geográficas, todas estas experiências têm como centro, populações social e economicamente mais desfavorecidas e problemáticas, possuidoras de uma imagem marginalizada e frágil perante a sociedade. Estes casos de têm portanto a mesma base de intervenção para com a comunidade alvo, ou seja partilham dos mesmos objectivos: uma maior coesão social e espacial do bairro, maior qualidade de vida das populações, logo maior auto-estima e dignidade, estando nesse sentido mais apto a desenvolver o sentimento de pertença e valorização da identidade tanto individual como colectiva.

2.1 Associação Cultural do Moinho da Juventude, Cova da Moura

O Moinho da Juventude, situado na Cova da Moura, é um caso de estudo muito interessante porque começou através de um trabalho informal com crianças e mulheres do bairro, ou seja, foi criado pelos próprios residentes do bairro de forma a discutir e combater em conjunto os problemas do dia-a-dia.

O Bairro da Cova da Moura é um bairro de génese ilegal, de autoconstrução, localizado na parte Nascente do concelho de Amadora, ocupando uma área de quase 16,5 hectares (fig. 2). A primeira ocupação nesse terreno foi em 1950 quando existia ali uma exploração de trigo e uma pedreira entretanto abandonados. As primeiras habitações apareceram então como as residências dos trabalhadores rurais que exerciam actividade na então Quinta do Outeiro, posteriormente denominada Bairro Alto da Cova da Moura.¹⁰

Na década de 60 começam a surgir os primeiros moradores sendo que nos pós 25 de Abril de 1974 é que se verifica um maior fluxo de chegadas aquando do regresso dos portugueses vindos das ex-colónias. Posteriormente a chegada das famílias de origem africana pertencentes aos PALOPs, especialmente de Cabo Verde trouxe um grande incremento tanto á população quanto



Fig. 2 Vista aérea bairro Cova da Moura

Fonte: <http://ppl.com.pt/en/pri/cova-da-moura>

ao espaço do bairro. Só na década de 80 e 90 chegaram ao bairro os imigrantes provenientes de Angola, São Tomé e Príncipe e Guiné. A partir dos anos 90 chegaram novos imigrantes oriundos de países do Leste da Europa e do Brasil, facto que veio contribuir para que o bairro se consolidasse como multicultural (Guerra, 1994). A ocupação dos terrenos intensificou-se, originando a construção de habitações precárias, que ao longo do tempo iam sendo consolidadas e melhoradas.

¹⁰ Carlos Alves Gomes dos Santos, A (RE) Qualificação Sócio Urbanística do Bairro Alto da Cova da Moura: os diferentes olhares institucionais, 2008.

Estima-se que actualmente com base no recenseamento geral da população de 2011, o bairro possui 7885 residentes sendo que 4213 são mulheres e 3672 são homens, representando 53,4% e 46,6% respectivamente ¹¹.

O seu carácter ilegal e precário (fig.3) associado à sua faceta multicultural de populações com baixos recursos económicos contribuíram para o desenvolvimento de uma série de problemas hoje presentes no bairro, tais como: a po breza, o desemprego, tráfico de drogas, criminalidade, violência, insegurança, etc.¹²



Fig. 3 Vista habitações do Bairro Cova da Moura

Fonte: <http://ppl.com.pt/pt/prj/cova-da-moura>

Na década de 80 consolidaram-se com o apoio da Autarquia as infra-estruturas urbanas, como o saneamento básico, a iluminação pública, o asfaltamento das vias principais e a recolha de resíduos sólidos. Foi também nesta altura que surgiram os primeiros equipamentos de apoio à população (Campos, 2006).

A Associação Moinho da Juventude (fig. 4 e 5) nasce então nos primeiros anos da década de 80, construída pelos próprios moradores com um trabalho informal de animação de crianças, de organização de mulheres e de luta pelo saneamento básico. A associação procura envolver todas as faixas etárias em actividades de cariz social, cultural e económico – actividades que também trabalham em prol da melhoria das condições de vida dos moradores. No sentido de melhorar as condições de vida dos moradores, a Associação é composta por 40 responsáveis que trabalham ao lado de 400 jovens em serviços como o ATL, jardim infantil, biblioteca juvenil, apoio escolar, alguns cursos nas áreas de informática, creche, colónia de férias, emprego apoiado, desporto e artesanato, “espaço jovem” e círculo de debates.

¹¹ Fonte: <http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/associacao/QuemSomos.htm>

¹² Carlos Alves Gomes dos Santos, A (RE) Qualificação Sócio Urbanística do Bairro Alto da Cova da Moura: os diferentes olhares institucionais, 2008.



Fig. 4 e 5 – Associação Cultural Moinho da Juventude

Fonte: <http://www.moinhodajuventude.pt/index.php/pt/>

No início da década de 90, a Associação Cultural Moinho da Juventude desenvolveu cursos de formação profissional, sobretudo para mulheres e jovens em situação de risco que em conjunto discutem e tentam dar respostas às suas dificuldades sociais e económicas (legislação laboral; mercado de trabalho; formação profissional). Além das actividades e serviços de apoio aos jovens, destacam-se no campo da saúde a promoção de reuniões e debates que ajudam na prevenção do VIH/Sida e da violência. A nível de informação ao cidadão, o Moinho da Juventude é também composto por um Gabinete de Acção Social (GAS) que desenvolve um conjunto de respostas em relação aos projectos de vida dos moradores trabalhando directamente com entidades que podem ajudar e apoiar a sua concretização ¹³.

Para um melhor funcionamento além da ajuda dos moradores do Bairro, Associação conta com o apoio da Segurança Social, com alguns donativos privados e com a ajuda de mão-de-obra voluntária.

2.2 Casa Comunitária da Mouraria

O exemplo da Casa Comunitária Mouradia situado na Mouraria é um caso de estudo exemplar no que toca ao apoio á população como forma de regenerar e dinamizar

¹³ Fonte: <http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/associacao/QuemSomos.htm>

tanto o bairro como o dia-a-dia dos seus moradores e visitantes. A Mouraria é um dos mais tradicionais bairros da cidade de Lisboa. O seu nome advém do facto de D. Afonso Henriques, após a reconquista cristã de Lisboa (1147) ter delimitado uma zona própria na cidade para os muçulmanos que não quiseram sair da cidade (Menezes, 2003). Nas ruas da Mouraria ainda é muito visível o legado urbanístico árabe, sendo também um bairro que sempre foi muito associado às actividades comerciais da cidade ao longo dos anos. Caracterizada pela sua rica cultura portuguesa, a Mouraria define-se como o berço do fado, ainda mais porque aqui nasceram grandes fadistas populares como é o caso de Fernando Maurício e de Mariza. Como o passar dos anos o bairro foi acolhendo várias nacionalidades principalmente no séc. XX com a grande vaga de imigração, tornando-se assim num bairro multicultural. Este facto consolidou o bairro da Mouraria como sendo bastante heterogéneo a nível social, cultural e económica. Esta diversidade étnico-multicultural pode também ser considerada como uma ameaça à cidade (Mendes, 2012) visto que contribui para o desenvolvimento de uma série de problemas no bairro: envelhecimento da população devido em grande parte à chegada dos demais imigrantes; degradação e precariedade das habitações; comércio formal/informal; tráfico e consumo de drogas; sem abrigos, etc (Menezes 2003). Definindo-se como “ponto de encontro entre a cultura bairrista e as inúmeras expressões culturais do bairro”¹⁴, a Casa Comunitária da Mouraria é um projecto criado no âmbito da Associação Renovar a Mouraria que tem como objectivo primário o apoio à comunidade, procurando sempre envolver todas as faixas etárias em iniciativas culturais e económicas. A associação foi criada em 2008 para a revitalização do bairro. Com os objectivos de dinamizar a Mouraria tanto a níveis, social, cultural, económico e



Fig. 6 Cartaz festas de Junho Mouradia

Fonte: <http://bocaaudiolivros.blogspot.pt/2013/06/ha-fado-na-mouraria-no-arraial-da.html>

¹⁴ Fonte: <https://www.facebook.com/events/107324596102723/>

turístico (fig.6), a Associação contribui ao mesmo tempo para a melhoria das condições de vida local. Segundo a Associação o seu plano de acção assenta “na inclusão, na convivência inter-geracional, na abertura do bairro a novos públicos e na revitalização das tradições de cariz popular como o Fado e os Santos Populares enquanto linguagem transversal a todo o bairro”¹⁵.

A 8 de Dezembro de 2012, a casa comunitária da Mouraria – Mouradia – abriu as portas. Surge como um projecto comunitário que nasceu com a reabilitação de um edifício camarário em elevado estado de degradação¹⁶, localizado no Beco do Rosendo (fig.7).

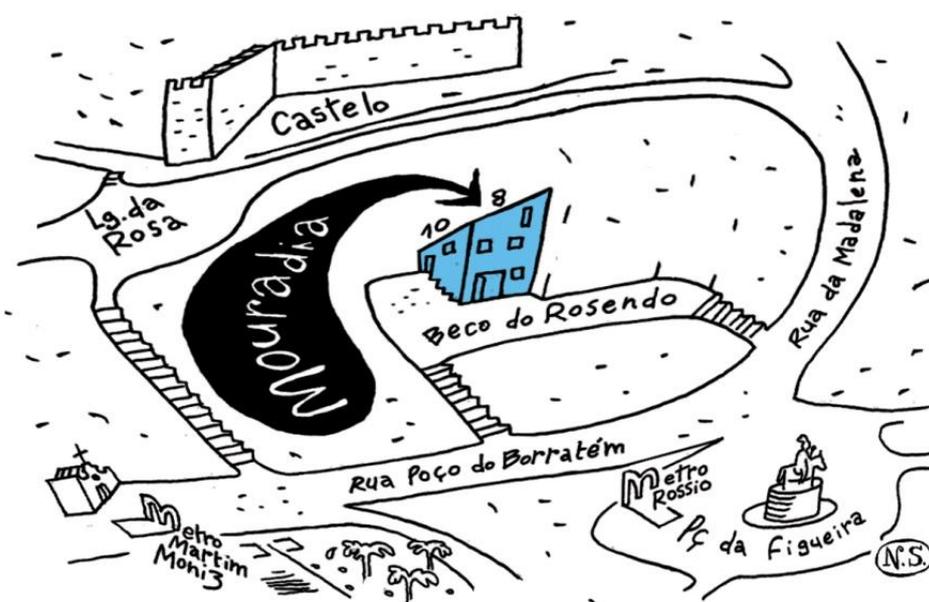


Fig. 7 Ilustração localização Mouradia

Fonte: <http://www.renovaramouraria.pt/>

O espaço apresenta duas componentes essenciais para o trabalho com a comunidade: uma sala polivalente mais centrada em actividades pedagógicas como a formação, e uma outra sala mais lúdica – a cafetaria – que explora a gastronomia das diversas nacionalidades, tertúlias, exposições, ciclos de cinema, jantares de grupo, etc. Entre estas actividades e serviços de apoio à comunidade geral, também fazem parte do projecto, algumas actividades gratuitas como é o caso de cursos de alfabetização da língua e cultura portuguesa para imigrantes, o apoio ao estudo de jovens, garantidas pelo voluntariado de estudantes do Técnico. O apoio ao cidadão,

¹⁵ Fonte: <http://www.renovaramouraria.pt/associacao/>

¹⁶ O edifício foi reabilitado pela CM-Lisboa no âmbito do projecto Bip-Zip, em parceria com o atelier Arteria em 2010.

aulas de música e dança, oficinas de artes plásticas também fazem parte do projecto assim como um espaço de “Saúde para Todos”. (fig.8)



Fig 8: Exemplo de cartazes das actividades da casa Mouradia

Fonte: <http://www.renovaramouraria.pt/>

2.3 Orquestra Geração, Amadora – projecto pedagógico de inclusão social

A Orquestra Geração surge a partir da ideia do “Sistema de Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela” criado nos anos 70 com o propósito de auxiliar jovens oriundos de famílias com dificuldades económicas e situações urbanas marginais. O objectivo deste programa é criar um sistema gratuito de ensino musical que promova a inclusão social.

Em 2007 na Escola Miguel Torga, por iniciativa conjunta da Câmara Municipal da Amadora, da Escola de Música do Conservatório Nacional, da Fundação Calouste Gulbenkian, juntamente com o apoio do Programa EQUAL, surge a primeira Orquestra Geração. Depois desta primeira iniciativa, com bons resultados visíveis, tanto a nível do envolvimento das escolas e dos parceiros, como das famílias, quer da participação das crianças e jovens, decidiu-se abranger o projecto, não só ao concelho de Amadora como também a Oeiras, Loures, Sesimbra e Vila Franca de Xira. Desta forma surge

assim o projecto Orquestras Sinfónicas Juvenis aprovado em 2009 no âmbito do Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN) que permitiu a criação de um núcleo de Orquestra no Zambujal, nas escolas Almeida Garrett ¹⁷.

O programa conta com três anos da prática musical, desenvolvido num primeiro ano com os instrumentos de cordas, num segundo ano com os instrumentos de sopros e no terceiro ano com os instrumentos de percussão. Estes instrumentos necessários para as aulas são fornecidos através do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação EDP.

Decorrendo no período após as actividades lectivas, além da orquestra e da formação musical, a prática do vocabulário também está incluída no projecto deste modo a reforçar um bom desenvolvimento escolar dos jovens (fig.9).

A orquestra geração já realizou várias apresentações – concertos, workshops e estágios – ao longo do ano em vários pontos do país e não só, como por exemplo: na Sede da Comunidade Europeia, em Bruxelas (Out. 2009), na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa (Maio 2010/2011), no Teatro de S. Luiz (Jun. 2010), no Auditório ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian, entre outros locais. Estas apresentações constituem uma importante estratégia para a motivação dos jovens, pondo á prova o seu progresso enquanto jovens músicos mas também propiciando as suas relações de socialização e reforçando as suas competências pessoais/individuais.

A orquestra geração visa deste modo, dar o apoio social a crianças e jovens, integrando-as na sociedade aumentando o seu auto-estima e o respeito pelo outro de forma a contribuir para o reforço da sua identidade e bem-estar, dado que estes jovens



Fig.9 Membros de um dos grupos do Projecto Orquestra Geração. Fonte: <http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/Programacao/Musica/Pages/orquestrageracaomaio2014.aspx>

¹⁷ Fonte: <http://educa.cm-amadora.pt/index.php/projectos/orquestras-geracao/92-projectos/184-orquestras-geracao>

passam a relacionar-se com uma diversidade de pessoas num contexto e situações diferentes. Além de promover a inclusão social das crianças e jovens dos bairros social e economicamente mais desfavorecidos a orquestra trabalha também no sentido de esbater o abandono e insucesso escolar, promovendo o trabalho em grupo e a disciplina tanto na rua como dentro de casa. Outro facto bastante importante sobre o projecto é que ele ocupa um tempo livre dos jovens, o que evita que estejam menos tempo na rua e desta forma expostos a situações de marginalidade.

Mais do que um trabalho social, a orquestra promove o acesso a uma formação musical que seria impossível para a maioria destes jovens dado a situação de exclusão social e urbana.

2.4 Programa Favela-Bairro – instrumento para a integração urbanística e social das favelas do Rio de Janeiro

Na cidade do Rio de Janeiro, com cerca de 5,5 milhões de habitantes, 1 milhão de pessoas vivem em favelas¹⁸ e 500 mil vivem em loteamentos e construções clandestinas (Magalhães, 2004). Quer isto dizer que uma parte significativa da população vive em condições urbanas e ambientais precárias, existindo uma grande falha em termos de condições habitacionais, insuficiência de infra-estruturas e serviços públicos. Sendo que já se trabalhou em várias propostas de erradicação de favelas, com o descolamento e reassentamento das populações em outras áreas, decidiu-se tomar um outro caminho onde acarreta-se menos custos tanto social com económico. Neste sentido, em 1993, foi criado o Programa Favela-Bairro, desenvolvido pelo BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, com o principal propósito de identificar as favelas mais pobres e carentes em termos de serviços públicos e proporcionar os tais serviços e infraestruturas¹⁹ promovendo a integração e transformação da favela em

¹⁸ As favelas são aglomerados populacionais muito densos, cujo planeamento é inexistente, sem serviços formais e de difícil acesso. São caracterizadas por habitações pitorescas e clandestinas, onde os métodos construtivos são muito rudimentares ou mesmo nulos. Implantadas em locais extremamente deficientes, e onde as necessidades são muitas, o isolamento para com a cidade é notável. O termo favela é muitas vezes utilizado para descrever regiões urbanas de baixa qualidade de vida cujos moradores possuem um limitado poder económico. Fonte: "The Favela-Bairro Project, Jorge Mario Jáuregui Architects", 2006; "O que é a favela afinal?" em – Observatório de favelas, 2009; <http://www.dicionarioinformal.com.br/favela/>;

¹⁹ Como por exemplo o acesso á água potável, ao esgoto, á eletricidade, iluminação de ruas, melhor pavimentação, reflorestamento, parques e áreas destinadas á prática de desporto, colecta de lixo, cheche e outros centros de apoio á comunidade. Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.064/429>

bairro. Segundo Fabiana Knippschild²⁰ (2005) as favelas do Rio de Janeiro apresentam na sua maioria as seguintes características:

- A prevalência das áreas privadas sobre as públicas;
- Os espaços públicos ambíguos, onde as funções circulação, lazer e convívio se sobrepõem;
- A inadequação do sistema viário;
- A insuficiência de infra-estruturas e ausência de equipamentos públicos;
- A indefinição de propriedade

Após este estudo das características das favelas, foi feita uma primeira selecção das comunidades analisadas que mais necessitavam de uma mudança. Esta selecção das primeiras comunidades teve como parâmetros: ocupações consolidadas de tamanho médio, 500 a 2.500 habitações; boa organização comunitária; a distribuição no município evitando privilegiar qualquer região da cidade; e a abrangência de tipologias tanto em encostas como em áreas planas (Cunha, 1991). Desse conjunto de critérios, determinou-se quinze comunidades. Estão entre as primeiras a serem beneficiadas as favelas do Vidigal, do Borel, da Tijuca, e o Morro da Formiga.

Em termos de financiamento o programa Favela-Bairro obteve a maior parte dos recursos financeiros por meio de dois grandes contratos, PROAP-RIO e PROAP-RIO II, entre o BID e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Recursos complementares procederam da Caixa Econômica Federal, da União Europeia e do Tesouro Municipal.

As intervenções variaram de acordo com área atendida, sempre considerando as particularidades de cada comunidade num projeto específico, coeso e estratégico.

Todas as favelas atendidas pelo Favela-Bairro foram transformadas, por lei, em Áreas de Especial Interesse Social (AEIS), uma figura de zoneamento urbano prevista no Plano Director da Cidade, que permite parâmetros especiais de urbanização ou de regime de propriedade para as ocupações assim delimitadas. Passa-se a exemplificar este programa como a intervenção na Favela do Vidigal.

²⁰ Fabiana Knippschild foi aluna da Universidade Federal de Santa Catarina, com um Relatório Final de Actividades em Avaliação do planeamento urbano para a ocupação de encostas em Florianópolis, 2005

- Favela do Vidigal

A favela do Vidigal localiza-se no Morro dos Dois Irmãos, próximo ao mar, entre os bairros São Conrado e Leblon, na Zona sul do Rio de Janeiro (fig.10), possuindo uma vista privilegiada sobre o oceano e a cidade (fig.11). Esta parte da cidade tem como característica marcante o contraste visual entre as ocupações formais de alto valor imobiliário e o assentamento de baixa renda ²¹. O Vidigal surgiu a partir de 1941 e hoje possui aproximadamente 10.000 habitantes em uma área de 23,7 hectares (Knippschild,2005).

A intervenção no Vidigal parte da visão geral do bairro, tendo como objectivo principal conectar a favela à cidade através dos sistemas de circulação e percursos dos espaços livres de estar e lazer (fig.12). O projecto consistiu na construção de infra-estruturas viáveis para a comunidade de forma a suportar uma nova estrada capaz de facilitar a subida dos moradores para as suas habitações. Entretanto, nessa proposta utilizou-se os recursos paisagísticos locais para também incentivar o turismo. Projectou-se uma estrada que é a única rua principal, que atravessa toda a favela e une os equipamentos públicos, definindo-se como uma “rua estruturadora” da favela. Construiu-se uma série de espaços e equipamentos públicos: uma vila olímpica, uma sede de associação de moradores, um parque ecológico, alguns largos, a sede do núcleo da Comlurb, uma lavandaria comunitária, um centro cultural, um campo de futebol e a remodelação do “Teatro Nós no Morro” (fig. 13) (Taquenho, 2011).



Fig. 10 – Implantação da Favela do Vidigal no contexto de São Paulo e fig. 11 Uma das vistas a partir da Favela

Fonte: http://www.jauregui.arq.br/favelas_before_after.html

²¹ Fonte: <http://soulbrasileiro.com.br/main/rio-de-janeiro/favelas/vidigal-favelas-rio-de-janeiro-main/vidigal-2/>

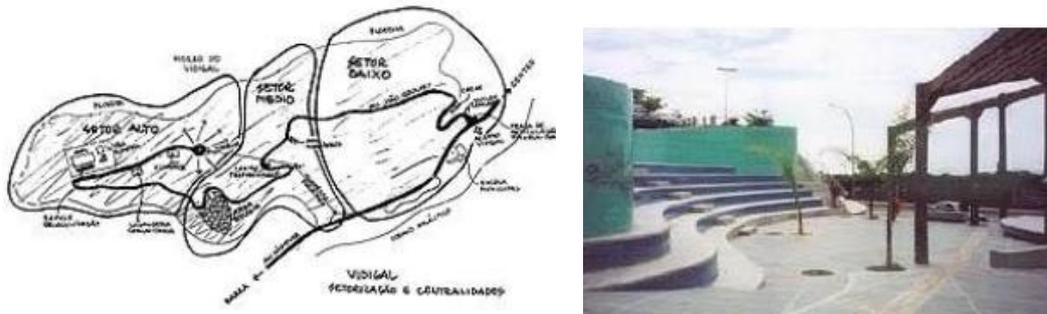


Fig. 12 Diagrama de intervenção na Favela do Vidigal e fig. 13 Uma das intervenções do projecto – Parque Ecológico
 Fonte: http://www.jauregui.arq.br/favelas_before_after.html

2.5 Luz nas Vieiras – Vila Brasilândia, São Paulo

A origem do distrito de Brasilândia data da década de 1930, com a desagregação de terrenos de cultivos de cana-de-açúcar numa propriedade privada pertencente a Brasília Simões posteriormente vendido à empresa Brasilândia de terrenos e construções. Os primeiros moradores vieram principalmente de moradias populares e cortiços existentes no centro de São Paulo que foram demolidos para dar lugar à reforma da cidade (construção de avenidas, espaço público e equipamentos). Mas foi na década de 50 e 60 que o local passou a receber um fluxo intenso de migrantes do Nordeste do país (fugindo da seca dos terrenos), juntamente com as famílias vindas do interior de São Paulo à procura de novas oportunidades de trabalho, assim como imigrantes portugueses e italianos, todos atraídos pelo novo loteamento clandestino que oferecia a quem comprasse um terreno, parte de tijolos e telhas para construir a sua habitação ²².

A partir da década de 60 a progressiva ocupação dos terrenos intensificou-se, não só dentro do bairro mas também com o surgimento de novos bairros clandestinos adjacentes ao terreno envolvente da Brasilândia. Actualmente, segundo os censos de 2000 Brasilândia conta com 220.094 habitantes, dos quais 7.610 em áreas ainda consideradas rurais ²³. Com o alastramento desordenado de habitações clandestinas a malha urbana apresenta-se com ruas estreitas e sinuosas, com pavimentação inadequada suportando um grande fluxo de veículos diariamente e infraestrutura escassa. Desde então a história do bairro é marcada pela exclusão e abandono social.

²² Fonte: <http://www.brasilandia.ms.gov.br/>

²³ Fonte: <http://www.brasilandia.ms.gov.br/>

Na procura de uma nova imagem para a estigmatizada favela de Brasilândia em São Paulo, este projecto do grupo Boa Mistura²⁴ apresenta-se como uma estratégia de reabilitação urbana que se baseia em algumas especificidades da favela para a tornar visivelmente mais permeável e segura para os seus habitantes. É importante frisar que além da transformação física do tecido urbano, como actuam a maioria das reabilitações urbanas (melhoria de condições de habitabilidade, espaço público, equipamentos e infra-estruturas) também há que regenerar os próprios habitantes dos bairros em estudo. “Viver num meio degradado faz com que os moradores se enfadem desse ambiente”²⁵, ou seja, mudar um pouco a sensibilização e auto-estima das pessoas que habitam estes bairros, que vivem ali o seu dia-a-dia também é um passo importante para a completa e futura regeneração no bairro.

Sob o convite da Embaixada de Espanha no Brasil, o grupo denominado Boa Mistura esteve na favela Vila Brasilândia, para realizar a intervenção urbana “Luz nas Vieiras”²⁶. O grupo é formado por artistas espanhóis dedicados à grafite e à pintura de ruas tais como paredes, portões, casas, escadas, becos, ruas, pavimentos, etc. O Mercado de la Cebada (fig.14) e o Projecto las Americas (fig.15) são dois exemplos dos trabalhos do grupo no que se refere à revitalização de um bairro.



Fig. 14 - Mercado de la Cebada, Madrid, 2014

Fonte: <http://www.boamistura.com/#-1>

²⁴ Fundada em 2001, Boa Mistura é um grupo espanhol que realiza diversas intervenções artísticas no meio urbano, composto por um arquiteto, um engenheiro civil, dois artistas e uma profissional em publicidade e relações públicas. O nome advém da própria diversidade de perspectivas de dentro do grupo. Fonte: <http://www.boamistura.com>

²⁵ Diz Juan Jaume Fernández, um dos membros do Grupo Boa Mistura, numa entrevista com a jornalista Marta Berand da Agência EFE, São Paulo – 7 de Março 2014. Fonte: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/03/arte-espanhola-ilumina-favelas-do-brasil.html>

²⁶ Fonte: <http://www.boamistura.com/#-1>



Fig. 15 - Projecto Las Américas, México, 2014

Fonte: <http://www.boamistura.com/#-1>

Como forma de combater o preconceito e atrair as atenções para estes locais, muitas vezes menosprezados pela sociedade, o conceito deste projecto é iluminar e inspirar as ruas, os becos, paredes, passagens, etc, da favela, que muitas vezes se transformam em áreas de conflito e violência, com cores e palavras que transmitam



Fig. 16 Projecto Luz nas Vuelas, Janeiro 2014

conceitos regeneradores do bem-estar e auto-estima das pessoas que por ali passam todos os dias. Através de efeitos ópticos criou-se um novo ambiente, onde o conceito enriquece não só o tecido urbano como também a vida dos seus moradores. Tanto a arte urbana como o grafiti tem o propósito de passar uma mensagem, seja ela apenas pictórica ou somente um nome, diz Batalha (2010). A mensagem deste projecto tem como objectivo estimular os transeuntes, assim como os vizinhos, lembrando-lhes que cada pessoa tem o seu valor, independentemente do local onde vivem. No decorrer do projecto os moradores escolheram as cores e ajudaram a pintar algumas paredes. Foi portanto um projecto participativo com a comunidade, ou seja, através de diálogos cruciais com os moradores da favela (tanto jovens como crianças) foram escolhidos os conceitos: beleza, que é da beleza do estar em comunidade, das conversas, das emoções, das relações; firmeza, por se ter conseguido um objectivo único que foi a coesão da comunidade; orgulho, por tê-lo conseguido; amor, entre os artistas e os habitantes da favela e também pelo significado do trabalho; e doçura, por cada uma das pessoas que partilharam da experiência. Escritas em branco e em português sobre um fundo de cores vivas usou-se a perspectiva para dar às letras profundidade e movimento (fig.16).

Segundo Juan Jaume Fernández, “O poder da rua é enorme, ela não está sujeita a galerias e é um presente que pode ser desfrutado por todos nós”. Ora nestas cinco palavras, expostas em cinco cores diferentes e com a convicção de que a arte pode ser um motor de mudança no cenário da favela, encontra-se esforços, suporte moral para as comunidades carenciadas.

Luz nas Vuelas foi possível graças ao patrocínio da Embaixada da Espanha no Brasil, os esforços do artista plástico Jaime Prades e com a colaboração da Singapore Airlines, Montana Colors e do Centro Cultural da Espanha em São Paulo.

Todas as experiências aqui apontadas trouxeram grandes benefícios para a proposta a desenvolver no projecto, no sentido em que todas contribuem não só para a melhoria das condições de vida dos residentes dos bairros carenciados mas também para a sua integração na sociedade.

Capítulo III – O Bairro do Barruncho – Bairro informal na periferia de Lisboa

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

3. O Bairro do Barruncho – Bairro informal da periferia de Lisboa



Fig. 17 Planta Localização Bairro do Barruncho. Fonte: mapas Google.

Para a realização deste capítulo de análise foi necessário recorrer ao importante trabalho de turma de Laboratório de Projecto VII do 1º semestre – “Análise do Bairro do Barruncho” – acrescentando a este um conjunto diversificado de outras fontes de informação²⁷. Relativamente à análise socio-económica foi consultado o Estudo sobre o Realojamento Social em Portugal – “Estudo sobre as expectativas e necessidades da população do Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento” realizado por Ana Mafalda Tomás. Realizámos também uma breve análise socio-etnológica onde através da observação no local e da realização de seis entrevistas²⁸ nos foi possível ter um melhor conhecimento das necessidades e aspirações da população em relação ao seu bairro. O objectivo desta análise sobre o Bairro do Barruncho, é expor e dar a conhecer os resultados dos levantamentos, estudos e reflexões efectuados sobre esta área crítica de reabilitação urbana, de forma a permitir elaborar posteriormente (cap. IV) uma proposta de intervenção mais consciente e informada.

²⁷ Fontes consultadas: Censos 2011 – Resultados Provisórios, XV recenseamento geral da população; Bairro do Barruncho – núcleo nº 20, Departamento de Habitação, Saúde e Assuntos Sociais, Odivelas; assim como portais consultados do Instituto Nacional de Estatística, da Área Metropolitana de Lisboa, e da Câmara Municipal de Odivelas.

²⁸ Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, baseadas num guião (em anexo). Da amostra recolhida fazem parte 6 indivíduos, 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, pertencendo às 3 etnias que habitam no Bairro do Barruncho.

De Lisboa a Odivelas

Situado no distrito de Lisboa, Região da Estremadura, Odivelas, é um dos mais novos concelho de Portugal, constituído pelas freguesias de: Odivelas, União das Freguesias de Pontinha e Famões, União das Freguesias de Póvoa de Santo Adrião e Olival Basto e União das Freguesias de Ramada e Caneças, distribuídas numa área de 26,6 km², e com uma população de 144.549 habitantes, segundo os últimos censos de 2001 (fig. 18).



Fig. 18 Localização do concelho de Odivelas na AML. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Localização e enquadramento do Bairro do Barruncho

A nascente do centro de Odivelas situa-se o Bairro do Barruncho, na freguesia da Póvoa de Santo Adrião. É um bairro de génese ilegal constituído na sua maioria por habitação precárias e sem infraestruturas. Abrangendo uma área de 10,56 ha, confronta a norte com a Rua Cr. Francisco Salgado Zenha, uma área de urbanização em abandono actualmente, e o Casal do Privilégio, a oeste com a Escola do 2º e 3º Ciclo Carlos Paredes e a Rua Marechal Craveiro Lopes, a sul com a Rua das Giestas e a área industrial de armazéns, a este com o Bairro da Mimosa e com a Rua Heróis de Chaimite.

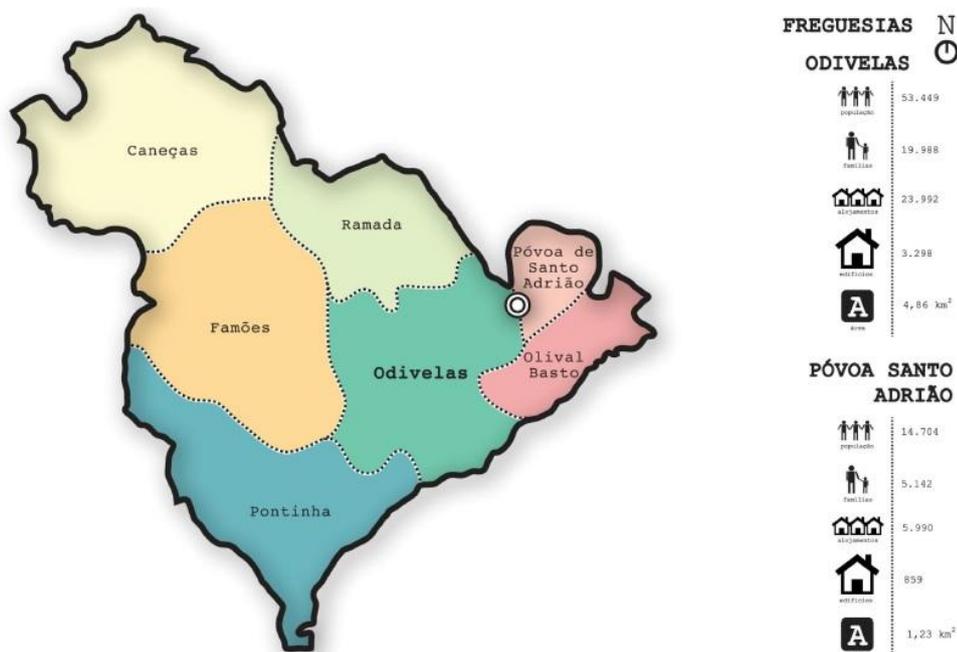


Fig. 19 Localização do Bairro do Barruncho em Odivelas. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

O Bairro apresenta uma localização complexa devido à morfologia do lugar. Existem duas ribeirinhas, uma a Poente que divide o Bairro do Barruncho do Bairro da Mimosa e a outra no meio da área onde fica também uma das principais ruas do bairro. O núcleo central do bairro localiza-se numa colina muito íngreme, virada a poente, totalmente degradada pela presença de sujidade. Em geral as condições higiénicas são críticas para a população e falta todo o tipo de infraestruturas, equipamento, serviços e estrutura verde. Como ponto positivo, passível de ser explorado, convém referir a forte presença de hortas urbanas no bairro, que ajudam à subsistência da população.

3.1 O Bairro do Barruncho – origem e evolução histórica

Em 1944 o território que envolve os limites do concelho da Póvoa de Santo Adrião e o concelho de Odivelas, incluindo o Bairro do Barruncho era um território sobretudo rural com algumas quintas e muitos campos agrícolas. Como se pode observar na (fig.20), além da Quinta do Barruncho que se localiza mais a norte, nesta altura já começam a existir as primeiras construções do cemitério da Póvoa de Santo Adrião.

O Bairro do Barruncho começou a ser ocupado nos anos 60 (fig.21) por famílias portuguesas que aí construíram habitações clandestinas, fruto do êxodo rural, provocado por uma procura de melhores condições de vida e de trabalho. Estas primeiras habitações foram construídas pelos próprios moradores, que pagavam uma renda aos

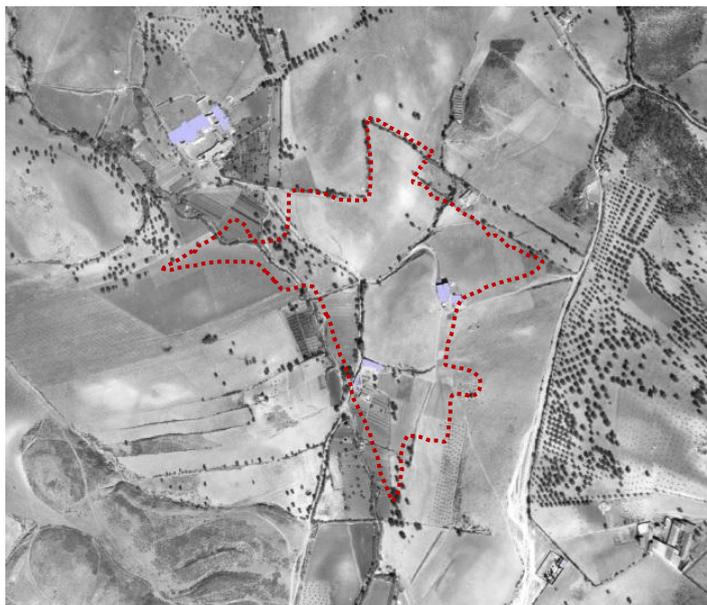


Fig. 20 Mapa situação até 1944 Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

proprietários do terreno. Os moradores clandestinos também tinham direito a espaços envolventes da casa que era reservado a hortas/cultivo de apoio à subsistência às famílias, sendo este um território rustico com potencial de cultivo. Ainda por esta altura, dá-se o aparecimento das primeiras construções unifamiliares do Bairro da Milharada, localizado a nascente do Bairro do Barruncho.

Após 1966 e até 1977 (fig.22), dá-se o desenvolvimento urbanístico considerável da Póvoa de Santo Adrião com construções em altura de blocos multifuncionais, e já é definida a zona industrial de armazéns que sustenta a zona Norte do Bairro.

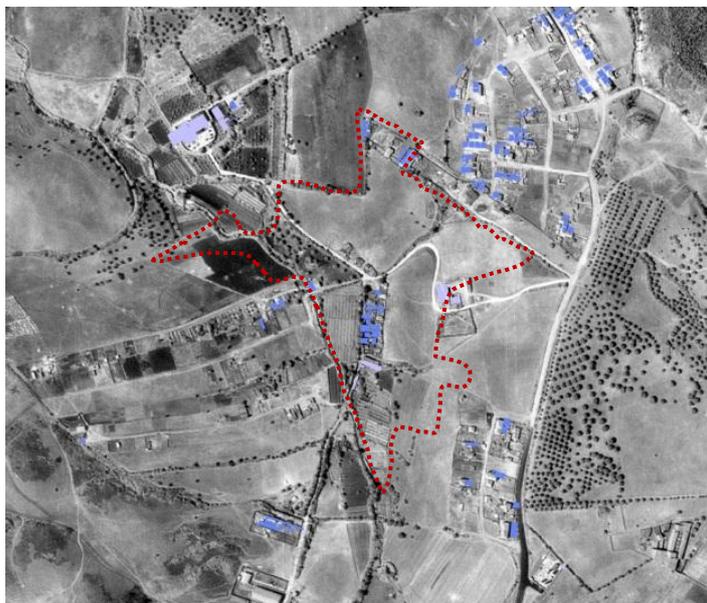


Fig. 21 Mapa situação: entre 1945-65. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Até os anos 80 existiam cerca de vinte famílias a residirem no Bairro do Barruncho, sendo que a partir desta altura o Bairro sofre um grande incremento no perfil da população residente em 1985 (fig. 23), devido em grande parte á chegada dos imigrantes provenientes dos PALOP's (Cabo Verde; Guiné; Angola e Moçambique) mas também á chegada de alguns



Fig. 22 Mapa situação: entre 1966-77. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab.proj

retornados das ex-colónias. É de referir que nesta altura há uma alteração no tipo de habitação, provocada pelo aumento do número de “indivíduos do sexo masculino, sós, jovens, em busca de trabalho nas grandes obras de construção civil” (TOMÁS;2011), sendo este o motivo pelo qual as habitações passaram a ser com materiais mais consistentes como tijolos e cimento. O mesmo que aconteceu com o Bairro do Barruncho sucedeu em outras partes da cidade. A grande vaga de imigração deu origem quer á formação de inúmeros bairros clandestinos como é o caso de Amadora, Seixal, Loures, na grande periferia de Lisboa, quer no adensar dos já existentes.



Fig. 23 Mapa situação 1978 – 90. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab.proj

Posteriormente em finais de 80 a 90 são consolidadas as várias zonas envolventes ao Bairro do Barruncho: os bairros existentes, a zona industrial, assim como as urbanizações de blocos multifuncionais na zona poente ao bairro. Não se sabe ao certo o número de famílias residentes no Bairro nos primeiros anos da década de 90. Contudo, “há registo de que se tratavam de famílias pequenas, formadas em média por 2 ou 3 pessoas, que viviam em construções precárias disseminadas pelo terreno, de um modo disperso” (TOMÁS, 2011). Surgem nesta fase infraestruturas importantes como a Escola Básica do 2º e 3º ciclo e o Mercado da Povia de Santo Adrião. Dois anos depois da criação do PER em 1993, a Câmara Municipal de Loures realiza um estudo/recenseamento ao bairro do Barruncho fazendo um levantamento relativamente ao número de barracas e á caracterização da população residente. Fica-se assim a saber que no núcleo central do Barruncho que, “residiam 98 agregados familiares constituídos por 350 pessoas, os quais foram recenseados no PER, ou seja, passaram a ter direito ao realojamento municipal.” (TOMÁS,2011).

No contexto das políticas de irradiação dos bairros de barracas, o mesmo foi declarado em 2009, Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística (ACRRU), aprovado de acordo com o artigo nº 41, nº 2, do Decreto – Lei nº 794/76

de 5 de Novembro, que aprovou a lei dos solos, facilitando a intervenção da



Fig. 24 Mapa situação 2002-12. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Administração Pública na implementação destas políticas. Ainda com o objectivo de encontrar uma solução urbanística adequada que conduza á requalificação da área em questão, a Câmara Municipal de Odivelas candidatou-se ao Programa EUROSPAN – edição 9 – promovido pela Associação Europeia de Arquitectura.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Actualmente (fig.24) o Bairro, que ainda se encontra por urbanizar, possui o maior núcleo de barracas no concelho de Odivelas. O número actual de fogos ronda os 122, acolhendo cerca de 115 agregados familiares, o correspondente a 540 indivíduos (Fig. 25). Sem quaisquer infraestruturas de saneamento básico e sem condições de salubridade, as famílias estão alojadas em precárias condições higiénicas e sanitárias.

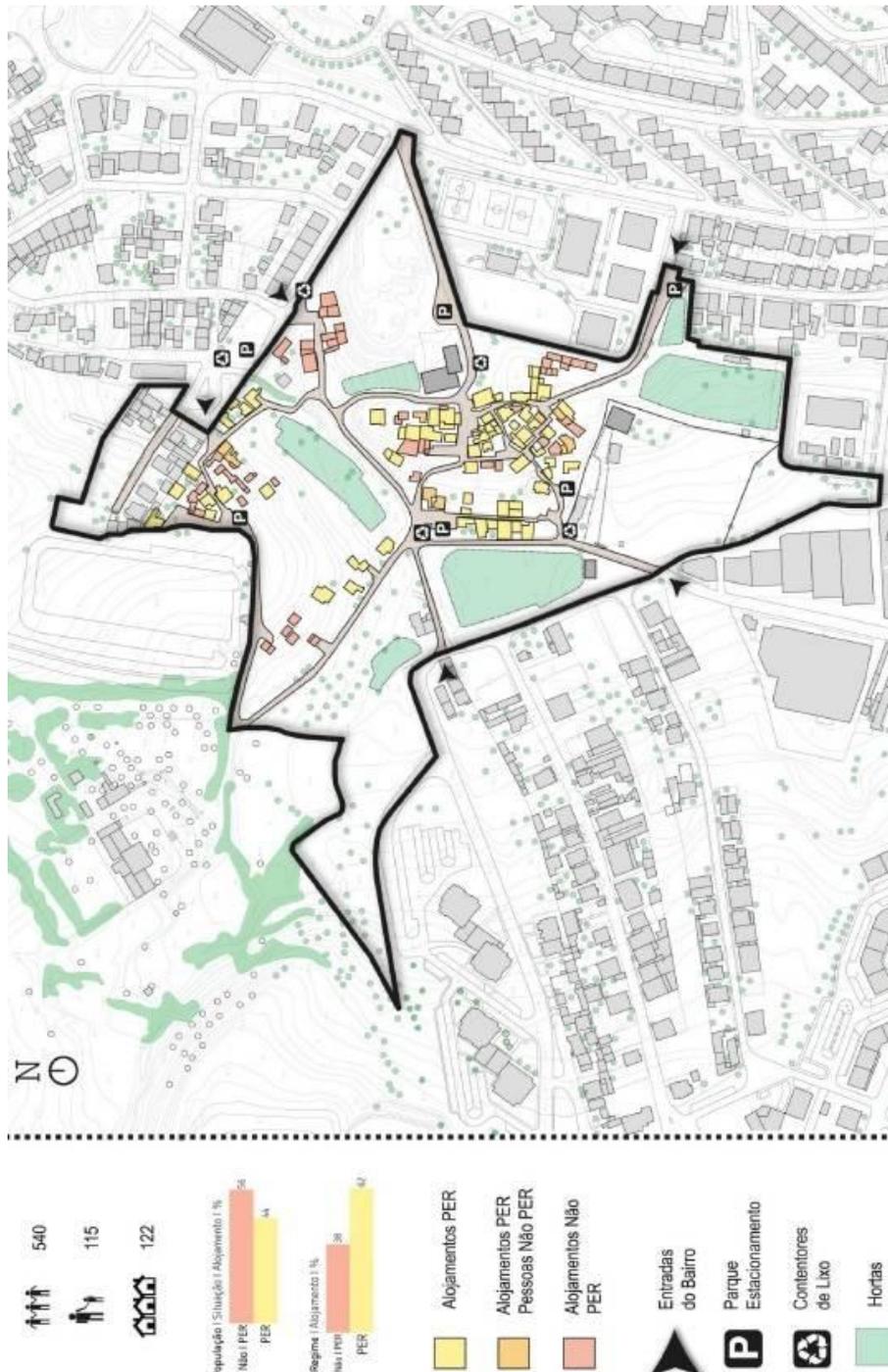


Fig. 25 Planta situação actual do bairro. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.2 Análise e caracterização do Bairro do Barruncho

3.2.1 Acessibilidades

O concelho de Odivelas encontra-se no cruzamento de vários eixos centrais viários (fig.26). O IC22 – Radial de Odivelas, o IC17 – CRIL que percorre a cintura rodoviária interna de Lisboa, a A9 – CREL que por sua vez percorre a cintura externa de Lisboa, em parte o Eixo Norte – Sul, e a A8 que faz a ligação entre Leiria e Lisboa. Estas infraestruturas viárias possibilitam a Odivelas uma melhor ligação na malha viária nacional e regional, quebrando assim o isolamento do território de Odivelas e proporcionando melhores condições para a criação de novas empresas.²⁹



Fig. 26: Eixos Viários

Fonte: [Http://www.cm-odivelas.pt/index.php/acessibilidades](http://www.cm-odivelas.pt/index.php/acessibilidades)

3.2.2 Análise do território

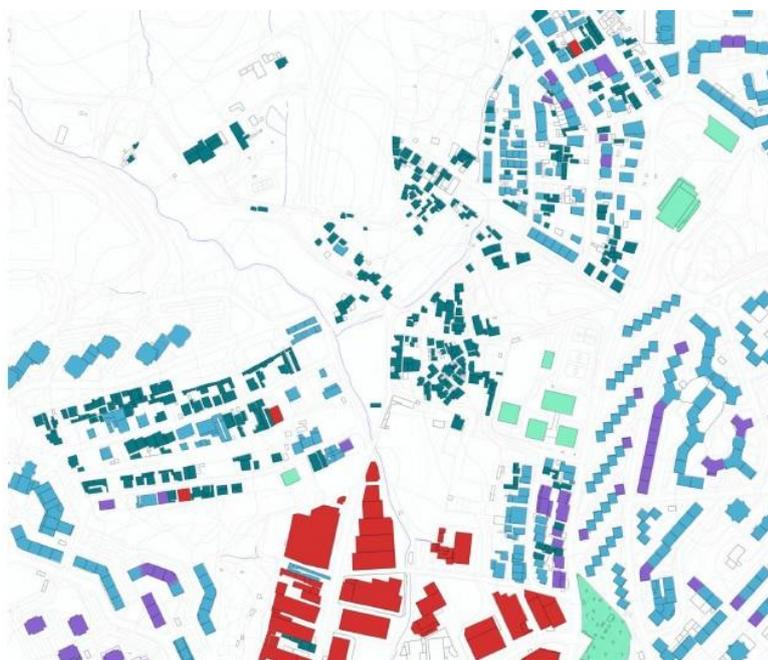
A zona de intervenção é caracterizada pela presença da ribeira do Barruncho e de um seu afluente que conformam a morfologia do lugar. Estas ribeiras definem encostas de declive considerável, de 8 a 15%. Apenas as zonas baixas junto ao vale assumem um cariz mais plano.

²⁹ Fonte: <http://www.cm-odivelas.pt/index.php/acessibilidades>

A nível geológico, o Bairro do Barruncho localiza-se numa área de conglomerados, arenitos e argilitos, bastante heterogénea. As zonas de encosta pertencem ao grupo dos Calcários Vermelhos.

3.2.3 Morfologia e tipologia do edificado

O Bairro do Barruncho é constituído na sua quase totalidade por habitações unifamiliares. Como podemos observar na fig. 27, a Norte do Bairro encontramos uma única habitação multifamiliar.



Unifamiliar ■ Multifamiliar ■ Misto ■ Equipamento ■ Serviços ■

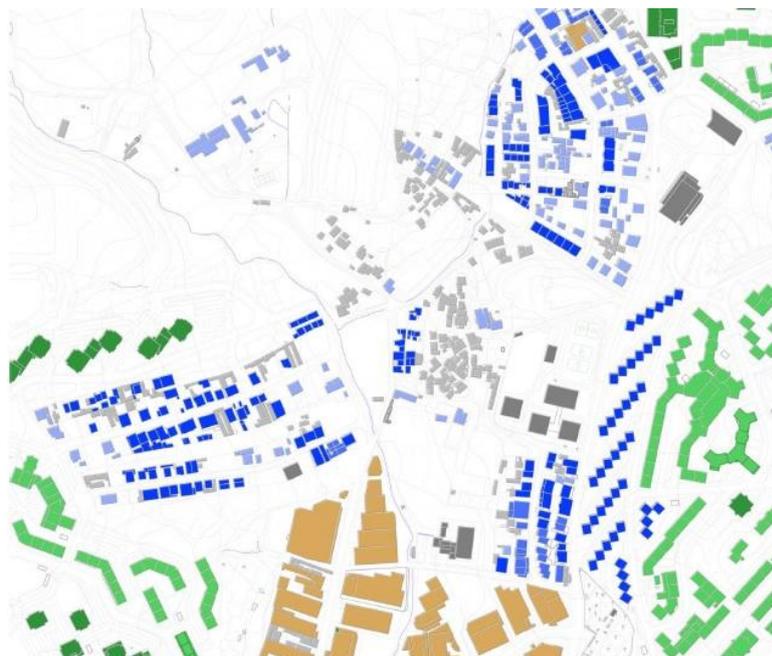
Fig. 27 Morfologia

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab.

O Bairro encontra-se delimitado a Sul por uma zona industrial constituído por armazéns e serviços como por exemplo os Correios da Rua Heróis de Chaimite; a sudoeste do Bairro existem habitações mistas constituindo blocos de habitação multifamiliar em quarteirão aberto ou torre com alguns serviços no piso térreo; delimitando o Bairro a Este encontramos o Bairro de génese ilegal (AUGI), o Bairro da Mimosa constituído maioritariamente por habitações unifamiliares em banda, germinada como também habitações isoladas; a Oeste e Noroeste da zona de estudo encontra-se habitações em bloco multifamiliares em banda e habitações unifamiliares isoladas e também em banda respectivamente. Edifícios singulares fazem parte da fachada Noroeste/Oeste/Sudoeste (fig.28).

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



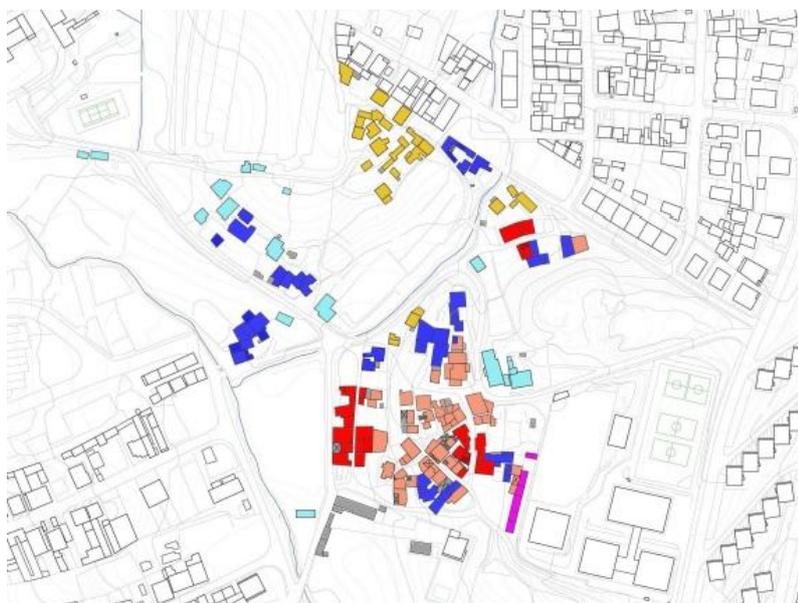
Hab. Isolada ■ Hab. Germinada ■ Hab. Banda ■ Qua. Aberto ■ Torre ■ Edif. Industriais ■
 Edif. singulares ■ Edif. Infomais ■

Fig. 28 Tipologias

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.2.4 Lógicas de agregação das habitações

De modesta dimensão o Bairro do Barruncho foi ao longo dos tempos de ocupação, ganhando vida própria de acordo com as necessidades habitacionais das famílias. O seu crescimento até os dias de hoje levou à formação de vários



Patio ■ Corredor-pátio ■ Linear ■ Lateral ■ Isolado ■ Livre ■

Fig.29 – Lógicas de agregação

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

núcleos de habitação, seja por afinidades familiares, seja pela apropriação geográfica, ou até relações de proximidade com os limites do bairro (fig. 29). Estas apropriações deram origem a quarteirões próprios preenchidos não só pelas habitações mas também pelas ruas e pelos pátios criando pequenos espaços públicos muito vividos pelos seus residentes. Estes espaços foram-se constituindo a partir de diferentes processos de agregação, tais como: agregação radial, agregação linear, modelo isolado e modelo agregação livre.

Agregação radial

O sistema de agregação radial remete á ideia do pátio. Privados ou não, funcionam como uma área de recreação, oferecendo segurança e intimidade por vezes como uma área que liga duas ou mais casas ou mesmo como um corredor pátio, onde as pessoas se encontram á porta de casa funcionando como um ponto de encontro (fig. 30 e 31).

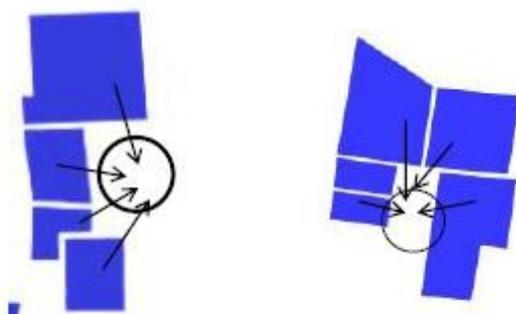


Fig. 30 e 31 – Exemplo modelo radial de agregação do Bairro do Barruncho

Fonte: Diagrama da autora

Agregação linear: corredor – pátio

Abordando o mesmo conceito do pátio, o corredor – pátio mostra-nos um espaço de ponto de encontro entre amigos e familiares, traduzindo o carácter de vivência, de comunidade do Bairro. Por vezes encontramos situações de modelo linear de agregação onde prevalecem as ruas ditas secundárias de acesso, ruas que não têm o mesmo carácter de vivência que o corredor-pátio que acabam por mostrar uma

agregação mais solta, seguindo um eixo direcional (fig. 32, 33 e 34, respectivamente fotografias 35, 36 e 37).

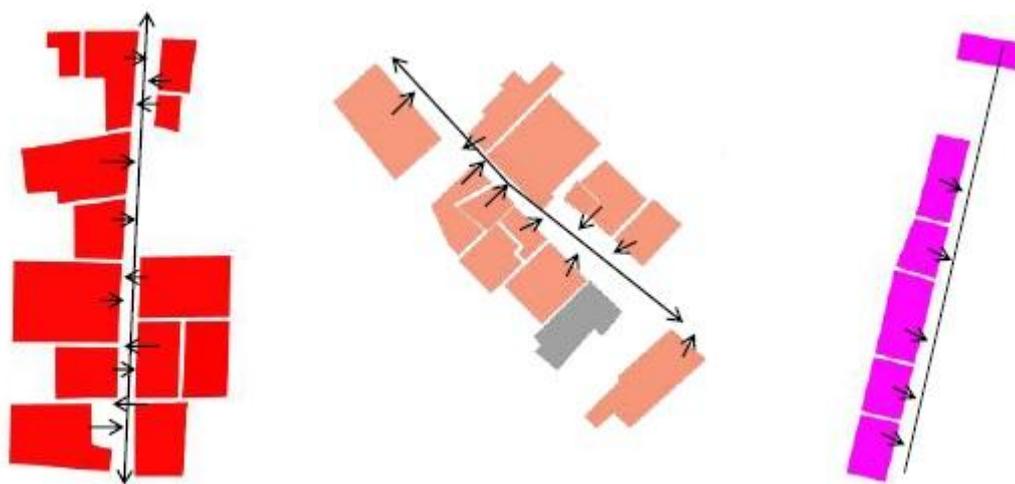


Fig. 32, 33 e 34 – Exemplo modelo linear de agregação do Bairro do Barruncho

Fonte: Diagramas da autora



Fig 35, 36, 37 – Natureza dos modelos de agregação

Fonte: fotografias da autora

A figura 36 e 37, mostra-nos o modelo linear lateral característico de uma vivência mais reservada, onde se tem a ligação directa e privada com o quintal/logradouro.

Modelo isolado

São exemplos de casas ou barracas que têm um carácter de excepção, representando algumas casas mais antigas do bairro, como por exemplo a fábrica de peles e algumas habitações unifamiliares (fig. 38, 39 e 40).



Fig. 38 Exemplo modelo isolado do Bairro do Barruncho, fig. 39 Fábrica de Peles, fig. 40 Habitação unifamiliar

Fonte: Diagramas e fotografias da autora

Modelo agregação livre

Este sistema não obedece a nenhum sistema de implantação anteriormente analisado, pode-se dizer que segue uma agregação livre com um certo carácter de desfragmentação (fig. 41, 42 e 43).



Fig. 41 Exemplo modelo livre no Bairro do Barruncho, fig. 42 e 43 Exemplos construções do modelo livre

Fonte: Diagrama e fotografias da autora

3.2.5 Aspectos construtivos e materialidades

No Bairro do Barruncho verifica-se que os arruamentos viários (fig. 44) se encontram numa zona circundante e que o interior do bairro tem um carácter essencialmente pedonal. Tal é atribuído à proximidade das casas bem como ao acanhado das passagens. O mapeamento dos arruamentos ajuda a perceber a precariedade das ruas/caminhos que existem dentro do Bairro do Barruncho (fig. 45).

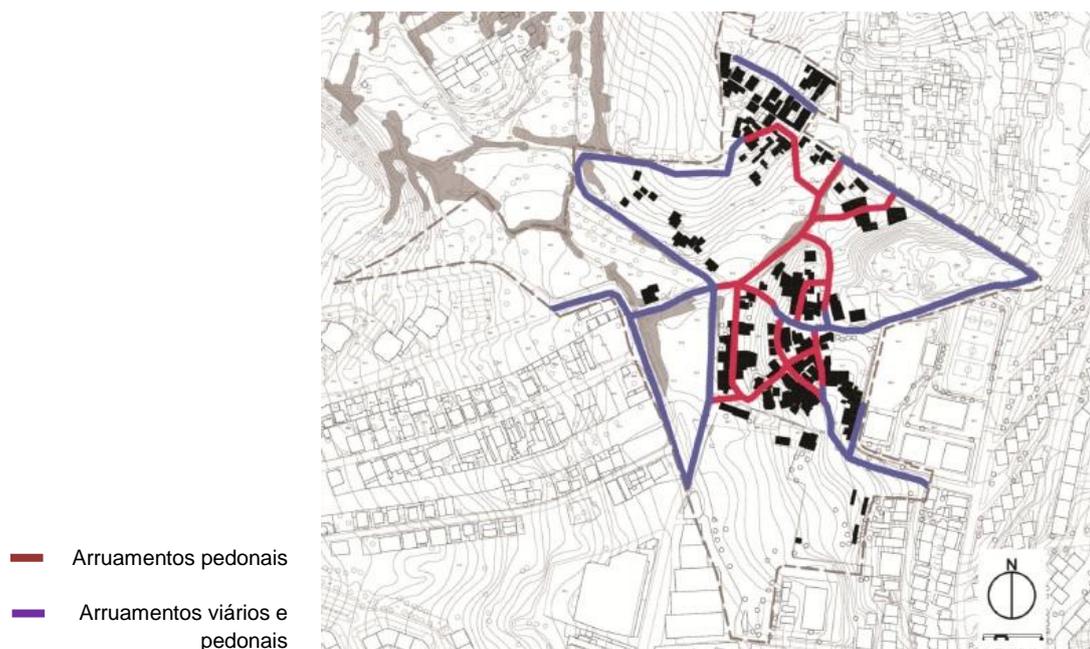


Fig. 44 Arruamentos pedonais e viários do Bairro do Barruncho



Fig. 45 Materialidades presentes no Bairro do Barruncho. Fonte de ambas as figuras: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

O acesso dos carros às casas é apenas uma realidade para alguns que são os que se situam nas zonas mais exteriores ao bairro ou perto de algum acesso principal ao interior (fig. 46 e fig. 47). No interior do Bairro, quanto mais inclinação possui o arruamento, mais tendência tem para ter um “elemento contendor” da terra que facilmente se transforma em lama. É o caso do arruamento ladrilhado ou dos arruamentos que possuem cimento (fig. 48)



Fig. 46, 47 e 48 Acessos ao bairro Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.2.6 Infra-estruturas

Redes

O Bairro do Barruncho não possui muita iluminação pública, situando-se esta apenas em dois arruamentos, sentindo-se por isso alguma insegurança ao sair das habitações à noite. A rede eléctrica aqui existente é ilegal, sendo feita através de puxadas da rede pública (fig. 49)



Fig. 49 Mapa de redes. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Alta tensão — Rede candeeiros — Rede luz+telefone — Esgoto — Águas

Águas

Existe uma deficiência na evacuação de águas residuais, sendo que esta ou é feita através de fossas ou, em casos mais extremos, a correr a céu aberto (fig. 50).

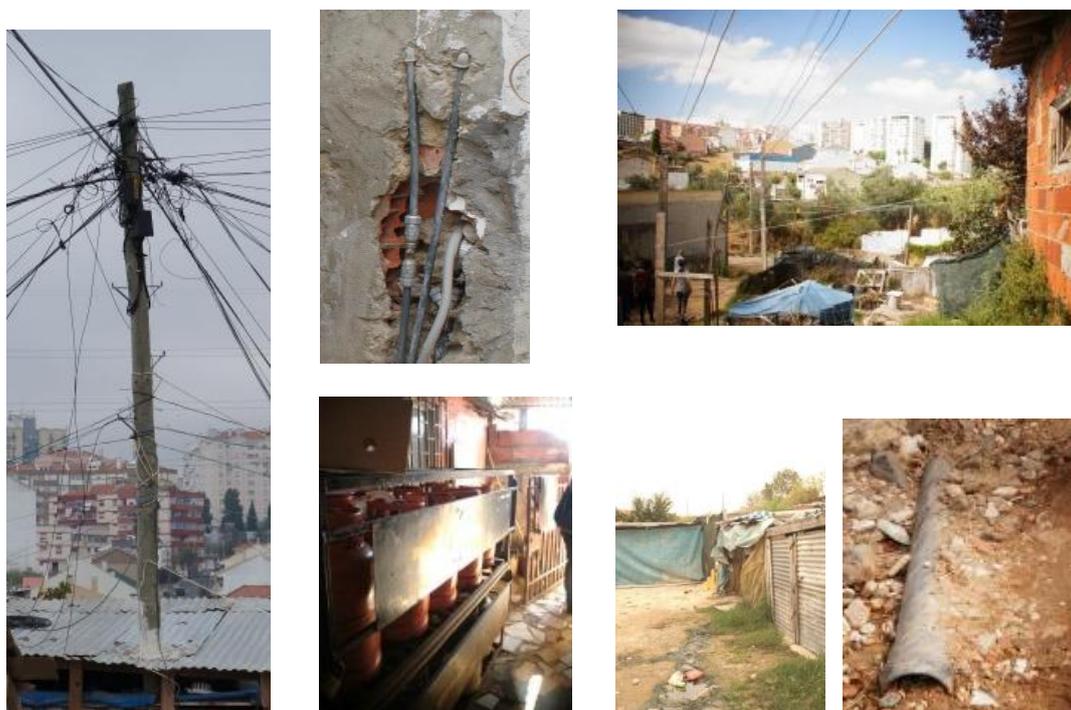


Fig. 50 Redes do Bairro do Barruncho Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.2.7 Edificado

Ao analisarmos o edificado da área em estudo, percebemos, em primeiro lugar, que as habitações de génese legal representam uma fatia pouco expressiva da área de estudo.

(fig 51).

-  Construção legal
-  Construção ilegal
-  Arruamentos



Fig. 51 Amostra da construção legal/ilegal no Bairro do Barruncho. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Quanto aos acabamentos, por ser um bairro de cariz ilegal, as materialidades de acabamentos existentes no edificado são de diferentes tipos, que vão desde madeiras, a reboco, até tijolo (fig. 52). O material com mais expressão é o reboco pintado, que confere às habitações um carácter mais digno. Logo em seguida, outra fatia importante são as habitações com acabamento em reboco simples. Depois, materiais como o tijolo, a madeira e derivados, são utilizados como acabamentos, e são estes revestimentos informais que dão ao bairro carácter de “bairro de lata”.

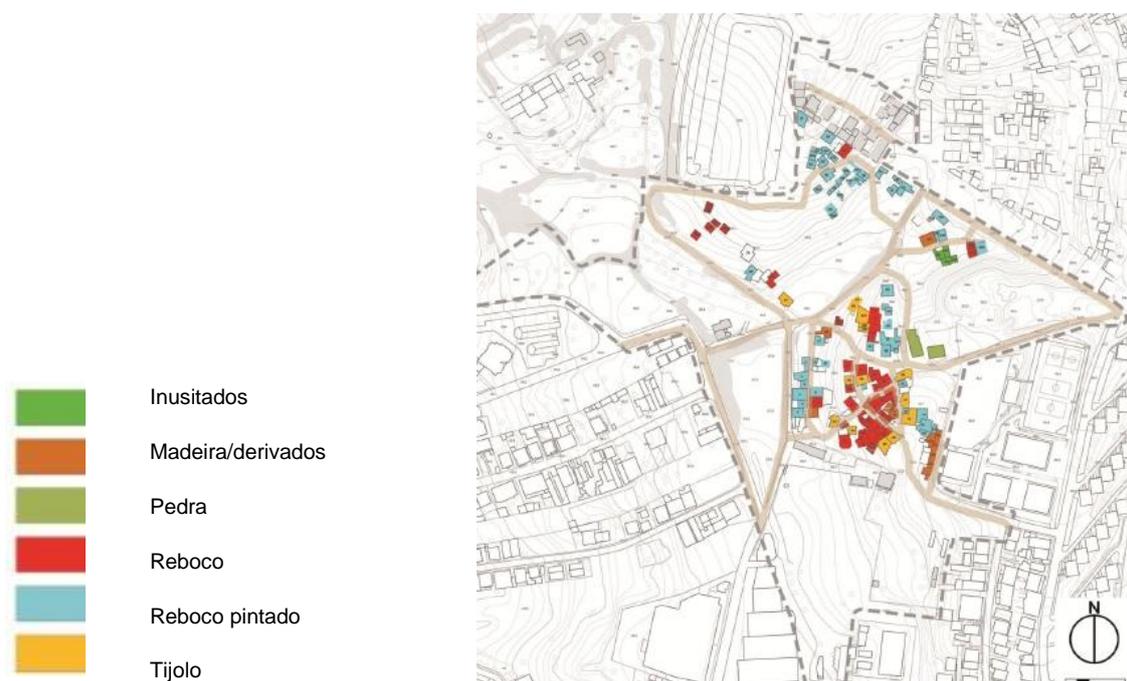


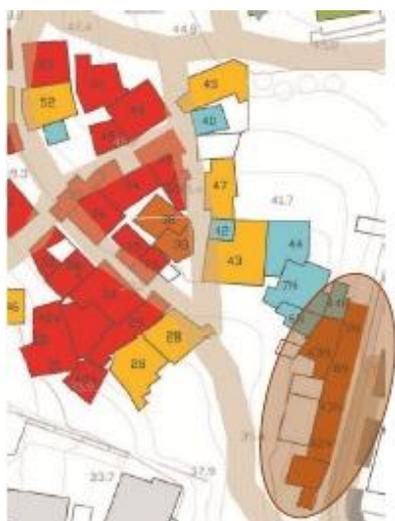
Fig. 52 Mapa de materiais de acabamentos.

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Junto à entrada Sudeste do Bairro, temos um conjunto de casas construídas, na sua quase totalidade, em madeira e seus derivados. As estruturas e os acabamentos são todos feitos em excedentes de madeira, contraplacados, e outros derivados deste material. Do uso destes materiais, resulta uma zona de cariz precário, débil e que mostra bem o poder económico das famílias que nela habitam (fig.53).

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



Madeira e derivados

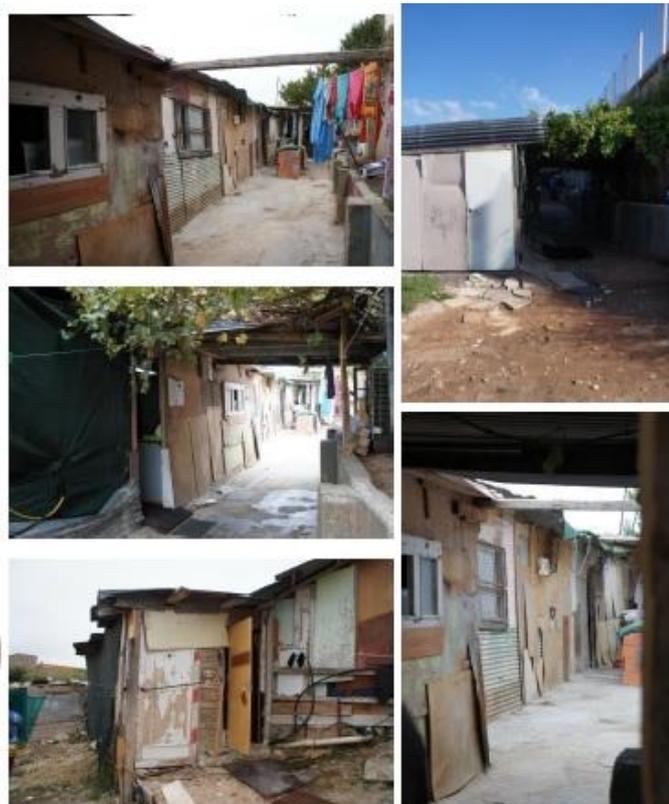


Fig. 53 Fotografias entrada Sudoeste. Fonte: Trabalho MIARQ5D

Numa segunda zona encontramos, sobretudo uma construção menos precária (fig. 54), onde já são utilizadas

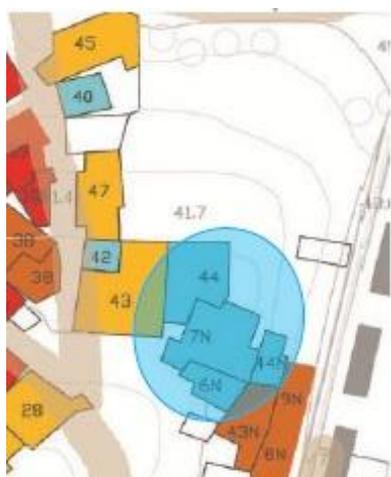


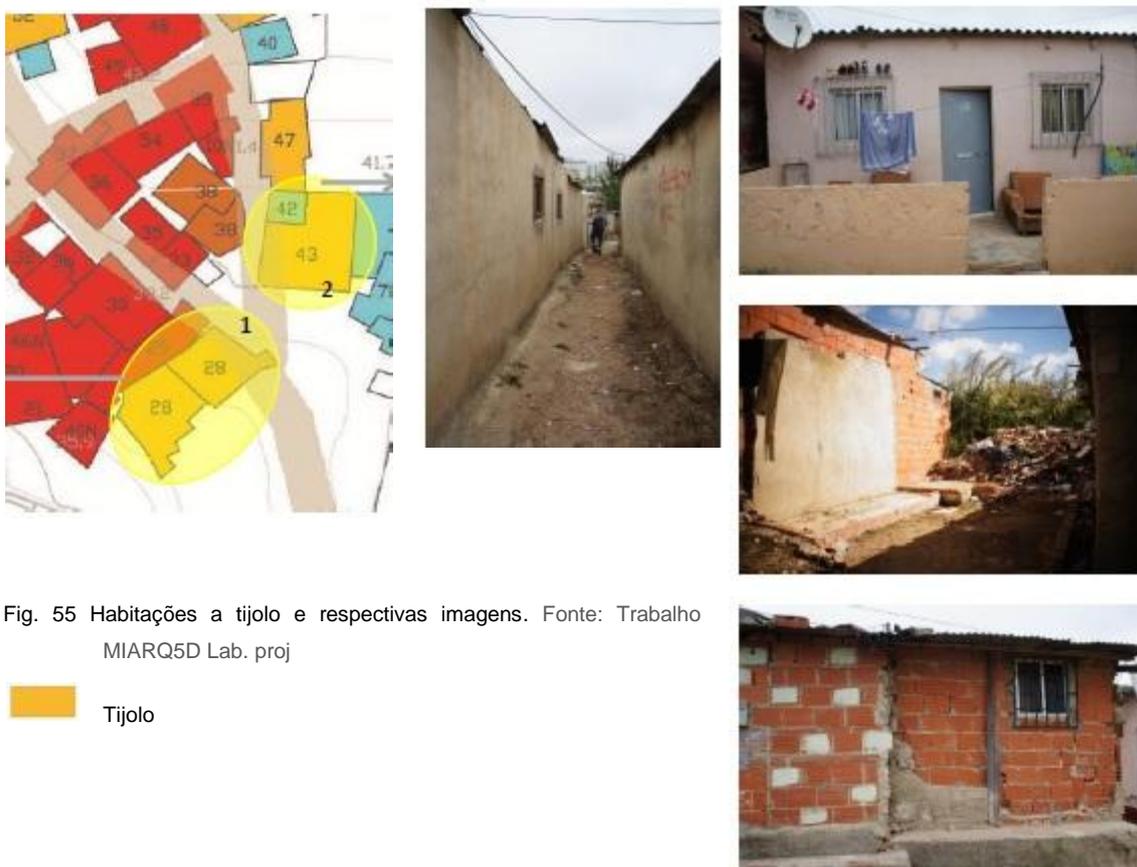
Fig. 54 Habitações a reboco Fonte: Trabalho MIARQ5D

Reboco Pintado



técnicas de construção mais “avançadas”. Neste conjunto de construções o acabamento é quase todo em reboco pintado, e o pavimento foi nivelado de forma a criar um pátio de apoio às várias casas.

No conjunto de construções a seguir apresentado nota-se duas habitações onde o material predominante é o tijolo. O aspecto inacabado do edificado deve-se ao fraco poder económico dos seus moradores, que vão acabando as suas casas conforme o que vão arrançando no dia-a-dia, ou quando surge qualquer oportunidade de o fazer. A construção em tijolo, só por si, já é um “luxo” dado o carácter do bairro em questão. (fig. 55).



Nas imagens seguintes, a rua que é identificada no mapa, tem alguma diversidade de acabamentos. Podendo destacar-se a casa 40, com acabamento em reboco pintado (imagem no canto superior direito) e a casa 45, com alvenaria de tijolo aparente (imagem no canto inferior direito). No entanto, predominam os acabamentos em reboco, tal como se pode observar na imagem do canto superior esquerdo (fig. 56).

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



Fig. 56 Rua com diversidade de acabamentos

Fonte: Fotografia Autoria própria

No conjunto abaixo representado (fig. 57) podemos observar as diferentes vistas de uma das principais ruas do Bairro do Barruncho (fig. 58). Mais uma vez, esta rua caracteriza-se pela quantidade de materiais diferentes que formam as habitações. As casas número 58 e 59 possuem uma construção mais regrada e “tradicional”, com possibilidade de serem reabilitadas com mais facilidade.

Fig. 57 e Fig. 58 Habitações de uma das ruas principais e vistas de uma das ruas principais do Bairro do Barruncho respectivamente

 Reboco pintado



Vista Norte da Hab. N.º 43



Vista Norte das Hab. N.º 48 e 34



Vista para Oeste



Vista Sul da Hab. N.º 60



Vista Sul das Hab. N.º 58 e 59

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Nas imagens seguintes (fig. 59) verificamos mais uma vez, que no edificado em questão prevalecem os acabamentos em reboco pintado, dando-lhes um carácter menos precário. Temos também de ter em atenção a presença de um edifício marcante em todo o Bairro, a Fábrica das Peles. Este edifício encontra-se em condições bastante degradadas, mas possíveis de serem recuperadas com relativa facilidade.

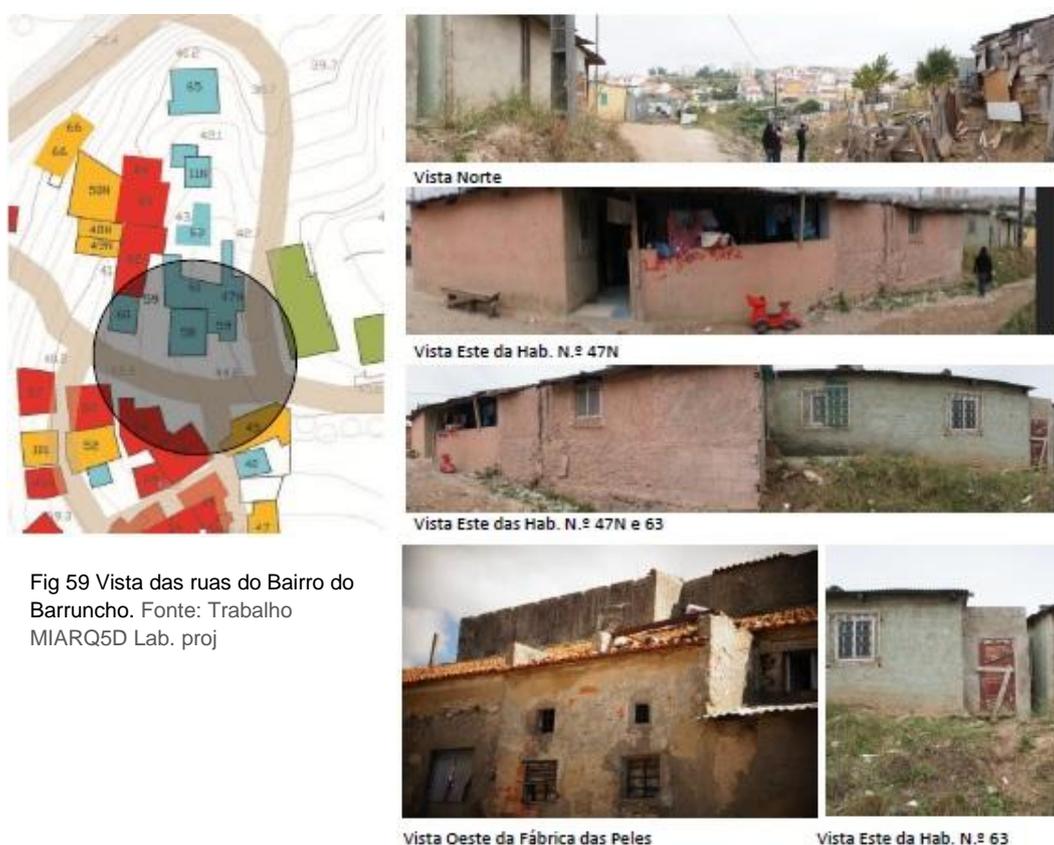


Fig 59 Vista das ruas do Bairro do Barruncho. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

A zona mais a Oeste do Bairro do Barruncho é constituída pelas habitações mais antigas deste Bairro. Talvez por esta razão a maioria destas tem melhores acabamentos que a zona a Este (fig. 69). Estas habitações têm, predominantemente, acabamento em reboco pintado, havendo apenas três excepções, uma habitação em reboco e duas garagens em madeira ou seus derivados.



Fig. 60 Algumas habitações a reboco pintado. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

■ Reboco pintado

Na zona mais a norte do Bairro do Barruncho também se podem ver algumas casas com melhores acabamentos, como se observa na primeira fotografia. Contudo, a maioria das habitações que existem nesta área têm acabamentos em reboco (segunda fotografia), havendo ainda uma em alvenaria de tijolo aparente (fig. 61).



3.2.8 Espaços públicos

Sendo um Bairro clandestino com uma implantação desordenada das habitações e percursos, desde o início da sua criação não houve preocupações de se criar espaços qualificados de encontro e de estar. A fig. 63 seguinte representa o espaço público na zona estudada, incluindo zonas verdes e zonas impermeáveis. Pode-se ver que a maioria do espaço público qualificado situa-se na zona Leste do mapa, na localidade da Póvoa de Santo Adrião. Por outro lado na zona Oeste do mapa, nota-se uma menor existência de espaço público, sobretudo junto da zona industrial e a zona expectante a Norte. Relativamente ao Bairro do Barruncho conclui-se que se encontra numa zona pouco consolidada, onde o espaço público é escasso. Rodeado de terrenos baldios, pequenas hortas e zona industrial, apenas a sua vertente Este, em contacto com a Escola Básica I, apresenta um consolidado espaço público.



Fig. 63 Mapa espaço público. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

A estrutura verde na área em estudo assume uma área total de 44 760 m² (fig. 64). O grande parque assinalado a verde-escuro ocupa uma área de 17 000 m² ou seja 38%. Com 23% de área e com um verde de tom médio estão assinalados os jardins. Por último, com um verde mais claro, estão indicados as pequenas zonas verdes, que representam 39% da área total.



Fig. 64 Estrutura verde. Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab.

3.2.9 Equipamentos e serviços

A maioria dos equipamentos e serviços que dão apoio à população do Bairro do Barruncho localizam-se na Póvoa de Santo Adrião (fig. 65), tais como o Centro de Saúde da Póvoa de Santo Adrião, as farmácias, a PSP, a Escola Básica, assim como uma grande parte do comércio local (o Mercado da Póvoa de Santo Adrião por exemplo). Os residentes do Bairro do Barruncho têm muitas vezes de se deslocar diariamente a estes equipamentos por causa da ausência destes dentro do próprio bairro onde residem. Dentro dos limites do bairro encontramos apenas uma pequena mercearia localizada em casa de um dos residentes, a Dona Teresa, onde se pode comprar o básico para o dia-a-dia.

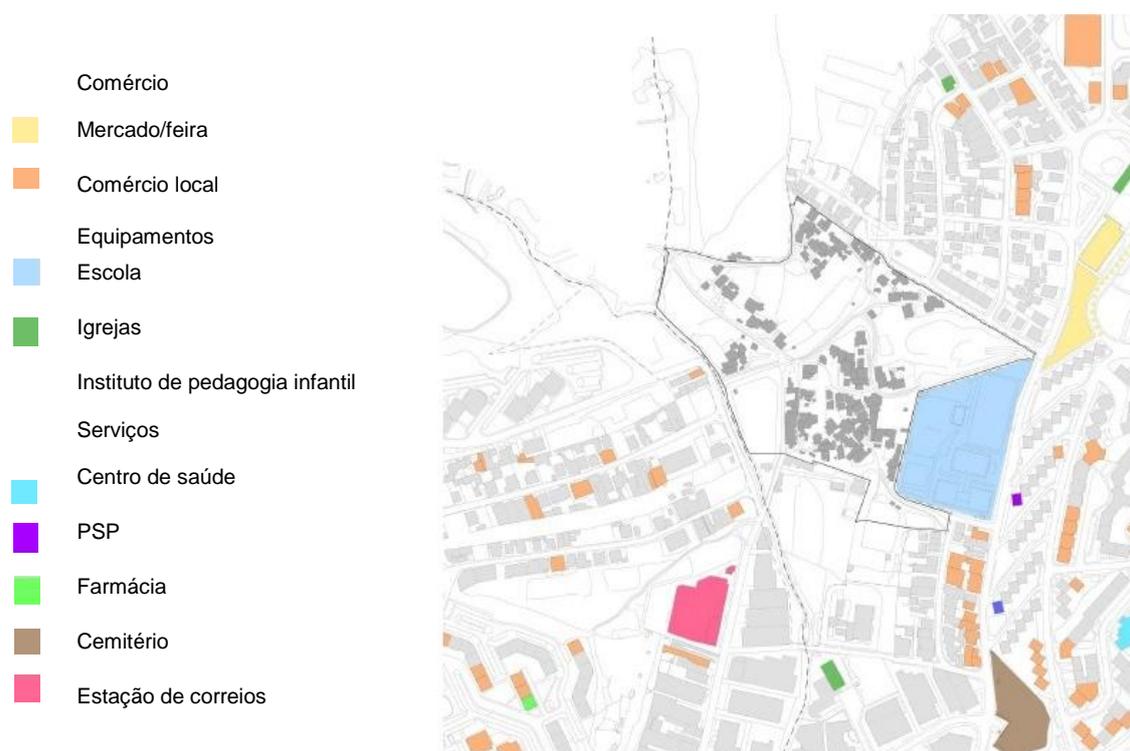


Fig. 65 Equipamentos e serviços nas proximidades do Bairro do Barruncho

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.3 Perfil sócio-demográfico dos moradores do Bairro do Barruncho

3.3.1 Caracterização demográfica

O Bairro do Barruncho compreende uma população relativamente jovem de 30,7% de crianças entre 0-14 anos, uma maioria da população em idade activa de 65,8% entre 15-64 anos (fig. 66). Existe uma percentagem reduzida da população idosa, que representa 3,5% da população. Com estes dados podemos constatar que existe um forte contraste com os números da população envelhecida nas cidades de Lisboa e Odivelas. Na análise do género podemos constatar que há uma maior representatividade de homens face às mulheres.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

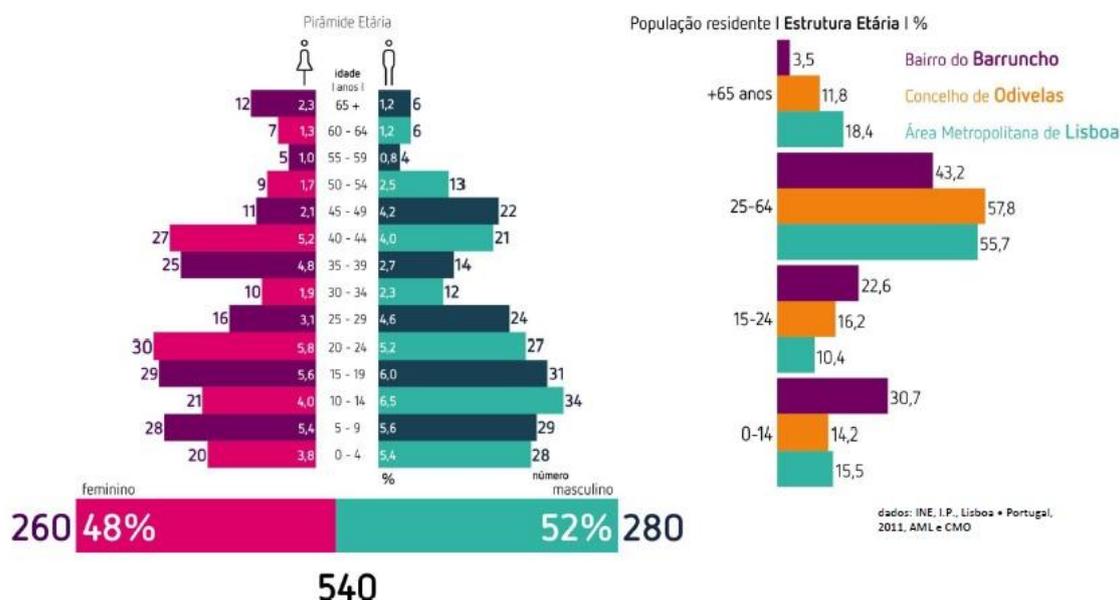


Fig. 66 Pirâmide etária do Bairro do Barruncho

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Apesar de ser um bairro de pequena dimensão a população do Bairro do Barruncho divide-se em 3 etnias maioritárias como podemos ver na fig. 67, etnia africana, uma comunidade cigana, e população de origem portuguesa. Neste sentido há uma predominância de agregados familiares de origem africana, sobretudo de Cabo Verde que conta com 41% da população, Moçambique com 9%, e de Portugal com 37% da população. Como a maioria dos habitantes é jovem, conclui-se que, uma grande percentagem de descendentes dos moradores oriundos dos PALOP nasceu em Lisboa e requereram a nacionalidade portuguesa.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

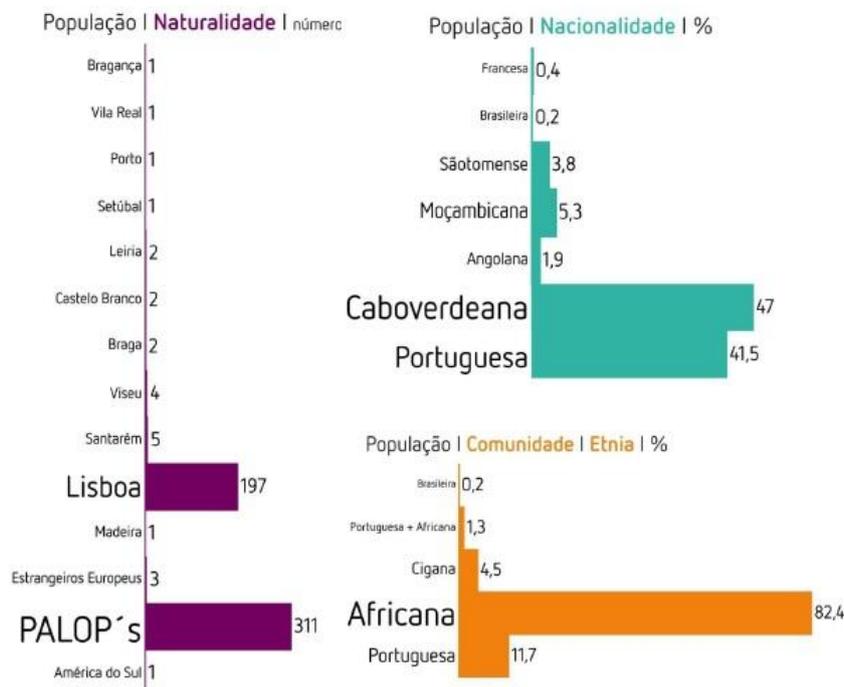


Fig. 67 Etnias maioritárias no Bairro do Barruncho

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.3.2 Caracterização socio-familiar

No Bairro do Barruncho verifica-se em maior número famílias do tipo tradicional conjugal nuclear casal com filhos, representando 34% das famílias. De acordo com o quadro abaixo constata-se que as famílias de casal com filho e as famílias extensas (diversas gerações presentes) representam a maioria das famílias do Bairro (fig. 68).

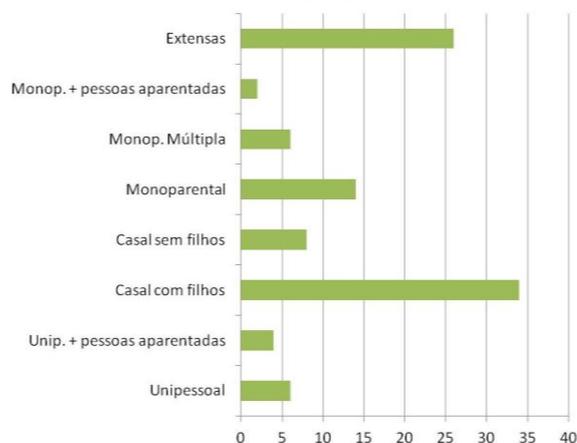


Fig. 68 Gráfico famílias no Bairro do Barruncho

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Quanto ao número de pessoas que compõem o agregado familiar pode-se constatar que há uma predominância de famílias de pequena e de média dimensão, sendo que o índice de ocupação dos alojamentos é elevado. A média dos agregados familiares é de 4 a 7 pessoas que partilham o mesmo espaço de alojamento precário e de áreas reduzidas, originando quase sempre na miscigenação dos espaços interiores. Ainda de notar é a média por agregado familiar do Bairro do Barruncho que se apresenta superior á do concelho de Odivelas e da AML (fig. 69)



Fig. 69 Gráficos agregados familiares no Bairro do Barruncho

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.3.3 Caracterização escolar e profissional

Quanto á situação de instrução da população do Bairro do Barruncho há uma grande percentagem de residentes (17,7%) sem nenhuma qualificação (só 13,6% tem o 12º ano de escolaridade ou superior). Estes dados relacionam-se com a baixa escolaridade das gerações mais velhas e com a grande quantidade de jovens em idade escolar. No que concerne ao grupo profissional a maioria da população activa trabalha em actividades que exigem poucas ou nenhuma qualificações escolares, tais como limpezas e construção civil, o que se traduz em 69% da população que aufera até 400 euros mensais. As limpezas, serviços domésticos são geralmente um trabalho

constante para as mulheres, com horários muito longos e rendimentos mais baixos que os homens (fig. 70).

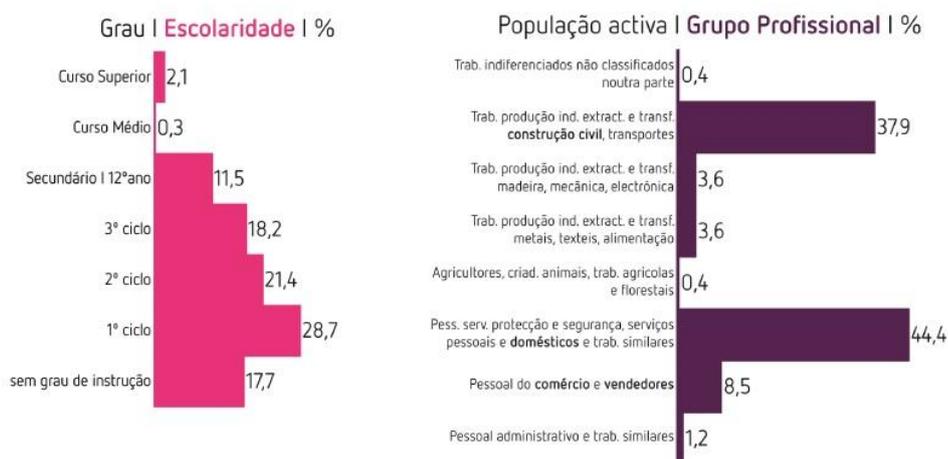


Fig. 70 Gráfico Grau escolaridade e grupo profissional

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.3.4 Relação moradores/bairro

Além das fortes redes de vizinhança, em muitos casos criada desde que o bairro começou a ser habitado, a população do Bairro do Barruncho é caracterizada por fortes redes familiares, sendo que a maior parte da população tem familiares a viver perto de si, no mesmo bairro, se não, na mesma freguesia. A partir do trabalho realizado pelos alunos de Arquitectura de Lab. Proj VII, que 58% da população gosta do bairro onde vive e apenas 26% diz que não gosta (fig. 71). As razões que justificam as respostas positivas, tem a ver com um sentimento de à vontade dentro do bairro, o sentimento de hábito e acomodação que lhes permite realizar actividades que noutra situação habitacional ser-lhes-iam condicionados. São várias as actividades desenvolvidas em conjunto pela população do bairro, tais como, as recreativas, as deslocações em conjunto para o trabalho, actividades religiosas/paroquiais, as visitas aos vizinhos, refeições em conjunto, e as festas que chega a ser a actividade mais desenvolvida.

Por outro lado os que fazem uma apreciação negativa do bairro apresentam razões como a desunião entre moradores do bairro devido á desintegração das redes de vizinhança, resultante de conflitos entre famílias e etnias. A marginalidade, a sujidade

e insalubridade, o excesso de lixo espalhado pelas ruas, o bairro barulhento e confuso durante a noite, são outros motivos que levam 26% da população do bairro a dar uma resposta negativa.

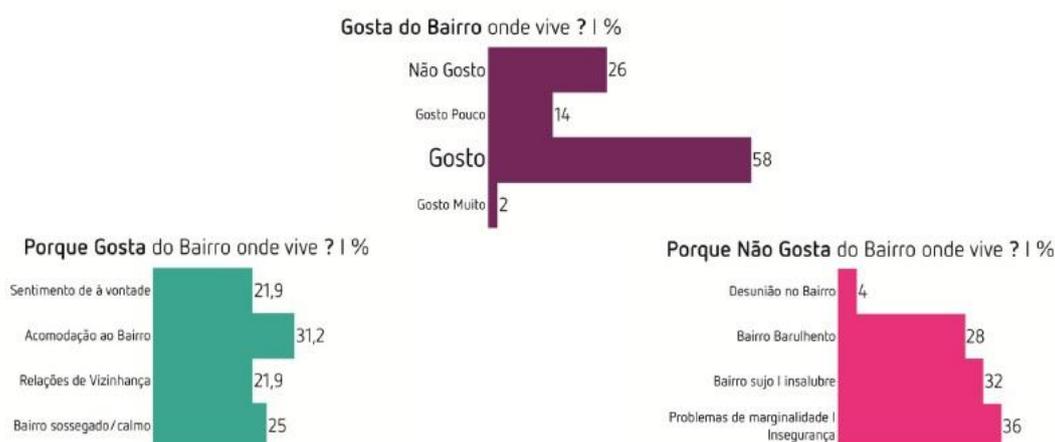


Fig. 71 Gráfico Gosto pelo Bairro

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.3.5 Caracterização de sociabilidades e interações

Entre os vários tipos de relações de vizinhança, verifica-se que 38% dos moradores conversam na rua ou em casa dos vizinhos, sendo esta actividade a mais realizada entre os moradores do bairro (fig. 72). Constata-se que 33,4% participam em festas de Natal, baptizados e aniversários, normalmente na rua ou no quintal de um vizinho. As refeições em conjunto também fazem parte do quotidiano do bairro, sendo que 12,9% realizam almoços durante os fins-de-semana, e ainda nos fins-de-semana 3,7% desenvolve actividades religiosas/paroquiais, indo á igreja em conjunto e ajudando os jovens da paróquia no seu trabalho com as crianças do bairro (ATL e coro da Igreja). A ida para o trabalho também conta como um modo de sociabilidade visto que 5,6% convivem durante as deslocações tanto para o trabalho, como para as compras ou para ir buscar os filhos á escola. Em relação à camada mais jovem do bairro 3,7% jogam á bola no ringue da Póvoa de Santo Adrião, visto não existirem condições nem infraestruturas necessárias dentro do Bairro. Contudo as crianças aproveitam os espaços sobrantes entre as habitações para as suas brincadeiras.



Fig 72 Gráfico relações sociais

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

3.4 Análise SWOT do Bairro Barruncho

Numa análise SWOT³⁰ feita ao Bairro do Barruncho, destacam-se como forças o facto de ser um bairro activo e festivo, sendo que a existência de forte laços familiares e de vizinhança facilita a interação dos moradores. Os próprios residentes do bairro personalizam as ruas, a forte presença de crianças e jovens contribui para o rejuvenescimento do bairro, assim como a forte identidade cultural traz o espírito de entreajuda e união entre os residentes. A existência de espaços de logradouros para a prática de pequenas produções agrícolas, a situação de proximidade aos transportes públicos e aos equipamentos colectivos e educativos são também vistos como um ponto forte do bairro. Observa-se, por outro lado, um conjunto de fraquezas tais como: como habitação de base com espaço precário e de área muito reduzida, agravando-se com a sobrelotação das mesmas e a construção débil da maioria – construção em madeira/derivados com cobertura em chapa metálica – o que leva a menor durabilidade e pior qualidade das habitações, a segurança igualmente reduzida, iluminação pública insuficiente, falta de espaços verdes, inexistência de espaços de

³⁰ Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades), Threats (Ameaças) – análise executada em grupo, conclusão: Janeiro de 2013.

lazer e equipamentos sociais/culturais, inexistência de espaços reservados ao lazer infantil, malha urbana desintegrada da cidade, limitada flexibilidade do terreno quanto á sua morfologia, o que torna difícil a acessibilidade tanto pedonal como rodoviária. A falta de estacionamento formal e o mau pavimento nas imediações do bairro; sectorização do bairro em 3 partes devido á diversidade da população – população de origem portuguesa, origem africana e origem cigana – o que conseqüentemente também vai incrementar os conflitos sociais no bairro. Consta-se a inexistência de inter-relação de várias actividades urbanas, pois é maioritariamente bairro residencial, articulado com a falta de tratamento urbano nomeadamente falta de equipamentos que sustentam essas actividades urbanas assim como infraestruturas necessárias.

No entanto no Bairro do Barruncho encontramos ainda aspectos considerados oportunos, tais como a existência de terrenos livres para a construção ou para utilização agrícola, a existência de um riacho o que permite trabalhar em toda uma envolvente de revitalização dessas áreas, possibilidade de revitalização das áreas abandonadas e expectantes dentro e fora do bairro, assim como a revitalização de situações de fronteira, fomentando a passagem de peões, convidando e criando fluxos e contacto do exterior com a comunidade. Existe claramente uma vontade da população do bairro na participação do desenvolvimento de um plano geral para o bairro que desenvolva a auto-subsistência através de hortas urbanas, criatividade e iniciativa no aproveitamento e reutilização de materiais para a construção das habitações, multifuncionalidade dos espaços exteriores á habitação, reservados tanto para o espaço de garagem como para espaços de convívio, de socialização entre os residentes.

Como ameaças algo que fica bastante evidente logo na primeira visita ao bairro é o facto de existir difícil acesso pedonal a algumas das habitações como também o acesso rodoviário, nomeadamente da ambulância e bombeiros. Existem riscos de acidentes devido ao mau estado do pavimento, por vezes escorregadio devido á fuga de água dos esgotos, tornando por outro lado, a rua um local perigoso para as crianças brincarem. Os passeios, quando existem, são ocupados pelos carros como consequência da falta de estacionamento. Não existe nenhum equipamento social para o acompanhamento de crianças e jovens do bairro. Os residentes do bairro, sendo de etnias diferentes, exprimem muitas divergências entre si, aumentando a insegurança e a criminalidade dentro do bairro, o que acaba por aumentar o estigma negativo de que o bairro sofre.

3.5 A apropriação do espaço público no Bairro do Barruncho

Como já foi dito anteriormente o Bairro do Barruncho carece de espaços públicos qualificados e esta insuficiência deve-se ao crescimento desordenado das habitações clandestinas não pensando no desenho de um espaço público de estar colectivo.

Sendo assim no Bairro do Barruncho, um Bairro fortemente caracterizado pelas suas relações de vizinhança e de relações sociais, o espaço público aparece de forma improvisada pelos seus residentes. Do espaço sobrando das construções das habitações surgem a rua-corredor, o beco, o alpendre e o pátio como as principais formas do dito “espaço público” existente (fig. 73). Deste conjunto pode-se ainda dizer que a rua-corredor, é o espaço público por excelência no bairro. Mais do que um espaço de estar, de lazer ou simplesmente de passagem, a rua-corredor funciona como um prolongamento da própria casa. Apesar de ser um hábito para toda a população do bairro a ocupação da rua como espaço de todos, esta apropriação está mais vincada na comunidade africana cabo-verdiana.

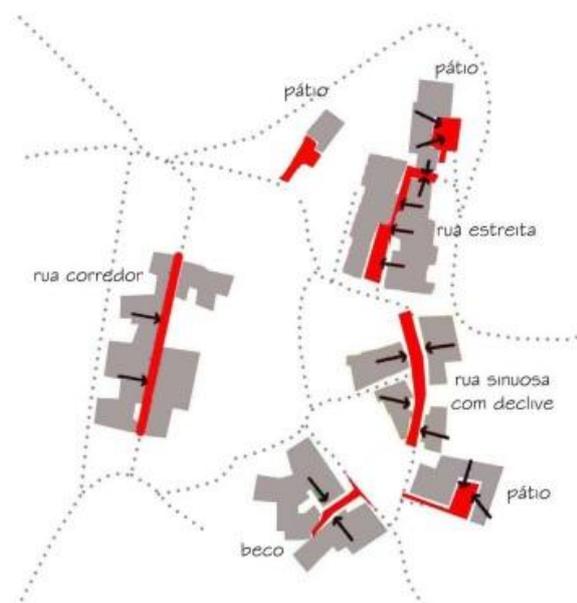


Fig73 Diagrama espaço público

Fonte: Trabalho MIARQ5D Lab. proj

Esta sensação de à vontade que os moradores têm para com a rua deriva, entre outras razões, da localização das casas dos familiares em seu redor. Ou seja desde a formação do bairro, quando se instalaram as primeiras famílias, estas criaram os primeiros núcleos de estar (núcleos originais mais reduzidos) para depois com a chegada dos familiares, os novos residentes, se integrarem no mesmo núcleo. Resultado disso é um ambiente de fortes laços familiares e de vizinhança, sendo que ao lado vive a tia, atrás os primos, e à frente a avó. Isso gera uma certa intimidade com o espaço público que separa as casas. Com a porta quase sempre aberta, a mãe observa o filho que brinca perto de casa enquanto cumprimenta os que passam por ela.

O pátio como espaço público no Bairro do Barruncho é na maioria das vezes um espaço privado, pertencente a uma família, que é disponibilizado, quando necessário para as festas do bairro, seja de aniversário, de batizado ou de casamento. Mais uma vez a apropriação deste espaço é mais feita pela comunidade cabo-verdiana que num espírito de “djunta mon³¹” organizam-se entre si, passando a palavra, cada um trazendo o que pode para tal convívio.

O beco já representa uma forma de espaço público que muitas vezes tem apenas como funcionalidade permitir uma passagem rápida de um lugar a outro. Torna-se muitas vezes num espaço vulnerável e inseguro, num espaço intimidante que induz dificuldades de apropriação por parte dos moradores. Além da diferença de actividades diárias que se passam entre a rua e o beco no bairro, a diferença de escala entre eles é determinante para a apropriação de cada um. Enquanto que a rua permite o controlo dos que por lá passam, o beco provoca mais um efeito de enclausuramento, de insegurança.

O alpendre é a uma antecâmara da habitação funcionando como o braço direito da rua-corredor. Mais do que canais de circulação, no bairro estes espaços abrigam acontecimentos e relações sociais, conversas ou saudações. O alpendre apesar de ter um carácter privado, tem a mesma a mesma funcionalidade que a rua-corredor.

³¹ “Nu djunta mo” é uma expressão cabo-verdiana que significa espírito de entre ajuda.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Capítulo IV – Um plano urbano para o Bairro do Barruncho

“Enquanto eu observava da janela do nosso segundo andar, tentando imaginar como intervir se precisasse, percebi que não seria necessário. Do açougue de baixo do prédio, saiu a mulher que cuida do estabelecimento com o marido, ficou parada a curta distância do homem, com os braços cruzados e expressão muito decidida. Joe Cornacchia, que cuida da confeitaria com os seus genros, saiu quase ao mesmo tempo e ficou firme, do outro lado. Várias cabeças despontaram nas janelas mais altas do prédio, uma delas saiu rapidamente da janela e essa mesma pessoa reapareceu um momento depois na porta, atrás do homem. Dois homens do bar vizinho ao açougue vieram á porta e ficaram a olhar. Do meu lado da rua, vi que o chaveiro, o quitandeiro e o dono da lavandaria tinham saído dos seus estabelecimentos e que a cena também era acompanhada de várias janelas vizinhas à nossa. O homem não percebera mas estava cercado. Ninguém ia permitir que a menina fosse levada, ainda que ninguém soubesse quem era ela.”³²

³² Jane Jacobs relata no Morte e Vida das Grandes Cidades, uma experiência que presenciou na rua onde morava: uma discussão entre um homem e uma menina de 8 ou 9 anos de idade. Segundo Jacobs, o homem tentava convencer a menina a ir com ele. Depois de algum alarido por parte dos residentes da zona, percebeu-se que o homem afinal era pai da menina. Com este excerto quer-se mostrar que a diversidade que pode existir num bairro traz um elemento muito importante: a segurança. Esta noção aplica-se no projecto a ser desenvolvido.

4. Um plano urbano para o Bairro do Barruncho

4.1 Pressupostos e estratégias projectuais

Após a análise da área do Bairro do Barruncho, procede-se à definição das estratégias de intervenção projectual. A intervenção abarca uma estratégia de requalificação do Bairro do Barruncho, sendo que "Um dos grandes conflitos das urbanizações nos subúrbios é que estes se transformam em pequenas cidades-dormitórios, já que durante a maior parte do dia a vida das pessoas acontece fora dos bairros e mais perto do centro das cidades" ³³. Neste sentido o plano de requalificação apresenta duas vertentes: procura não só uma integração e agregação do Bairro na malha urbana da cidade como, também procura responder a estratégias dinamizadoras de inclusão da comunidade residente, conferindo ao bairro um valor social, paisagístico, económico, cultural e identitário de que carece.

Conceito 1 – Decompor o conceito do centro comunitário

Segundo o ADESCO³⁴, o Centro Comunitário é uma estrutura polivalente onde se desenvolvem serviços e actividades que, de uma forma articulada, tendem a constituir um pólo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e à definição de um projecto de desenvolvimento local, colectivamente assumido ³⁵.

As áreas de intervenção do centro comunitário vão desde o atendimento/acompanhamento social, a animação sócio-cultural, intervenção psicológica, educação e formação de competências. Normalmente a acção do centro comunitário desenvolve-se num único núcleo que serve de base para o desenrolar de todas estas actividades de base para a comunidade.

A ideia de decompor, ou seja de descentralizar as acções do centro comunitário surge nas primeiras ideias do projecto de devolver o bairro á cidade. Ou seja ao se fazer um plano urbano seja para uma área informal ou não, deve-se pensar na cidade como um todo, e não pensar somente nas necessidades habitacionais das pessoas. Mais do que uma casa, precisa-se de espaços de sociabilização, de encontro, de trocas, só assim faz-se realmente parte da sociedade. Nesta perspectiva esta proposta de decompor o centro comunitário (fig. 74) procura descentralizar as actividades de um só

³³ Joanna Helm em "4 princípios para redesenhar os subúrbios para o futuro"

³⁴ Associação para o desenvolvimento comunitário

³⁵ Fonte: <http://www.adesco.pt/valencia.php?val=ic>

edifício e redistribuí-las ao longo do bairro, gerando maior autonomia e heterogeneidade nas próprias actividades. Desta forma a comunidade tem maior controle dos recursos que lhe são oferecidos.

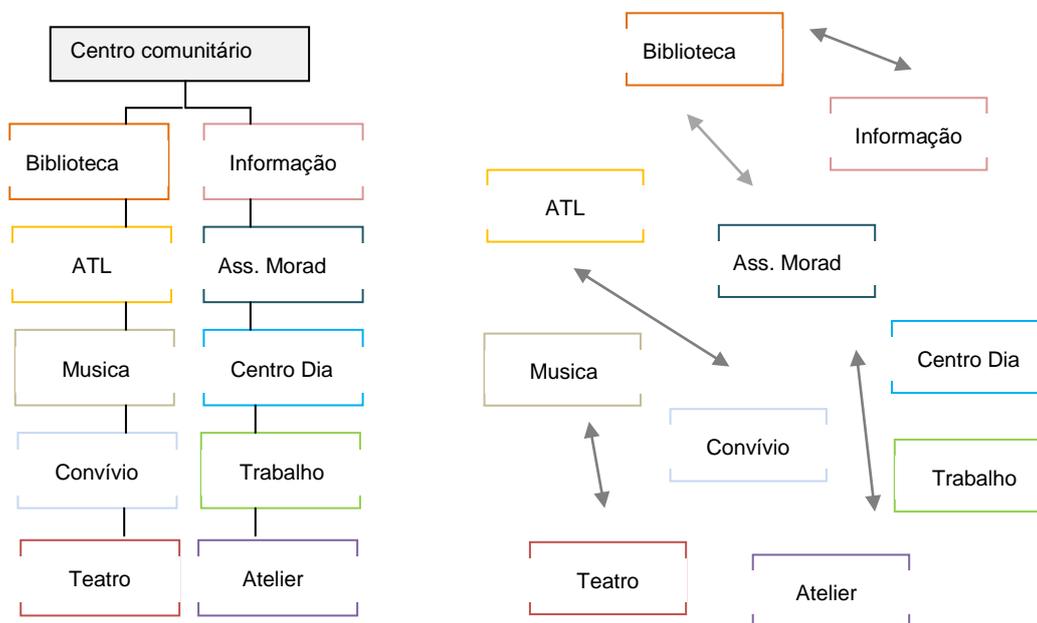


Fig. 74 Descentralização do Centro Comunitário Fonte: Diagrama da autora

Conceito 2 – Como conectar as diferentes valências do centro comunitário?

Depois de se pensar na melhor forma de redistribuição das valências ao longo do bairro, com localizações estratégicas para o decorrer de cada actividade, pensa/se em como agrupar estas valências. Qual a melhor forma de estruturar este eixo de equipamentos criados? Através do espaço público, sendo este é que capaz de reforçar a identidade de um lugar através da criação de referências simbólicas (Brandão, 2008). O espaço público ganha neste sentido um carácter estruturador a nível local, dando maior coerência ao espaço, não só enriquecendo o lugar com outros usos e vivências mas também criando um elo de ligação entre o Bairro e a cidade.

Deste modo a intervenção passa por criar uma cintura de espaços públicos pontualmente integrados com os equipamentos de apoio criados, podendo deste modo criar várias ligações compostas por percursos pedonais e uma ciclovia, criando oportunidades de passeio interligados aos equipamentos com o objectivo de dinamizar e desmistificar a ambiência do bairro.

Esta cintura penetra-se no Bairro num sentido este-oeste começando numa cota mais alta para a mais baixa, sendo que tem origem na zona habitacional da Póvoa de Santo Adrião confluindo no Bairro e acaba por culminar na zona do Bairro da Mimosa, respectivamente.

Ao longo desta travessia acontecem diversas actividades começando pela zona este do bairro, na praça do miradouro que confronta-se por um lado com o novo edifício proposto da creche e centro de dia e por outro lado com o edifício reabilitado da Fábrica de Peles na associação de moradores e um espaço de formação (incubadora de empresas) e um restaurante/café. Este espaço encontra-se numa zona de cota mais alta de onde se tem a vista privilegiada do resto do bairro sendo este o motivo de se criar um espaço miradouro associado a uma zona verde de descanso e lazer. Continuando o percurso desce-se pelo bairro no sentido norte, onde numa zona de cota mais baixa encontra-se um parque infantil articulado a um pequeno parque com um riacho e zonas verdes. No sentido oeste encontra-se a horta comunitária convidando não só a população do bairro mas também a população da zona envolvente. O percurso desemboca num parque urbano mais a norte onde temos uma quadra e outros percursos desportivos.

Em prática: Medidas de actuação

Apos estabelecidos os pressupostos e as estratégias projectuais, torna-se necessário definir como se desenvolve o percurso acima proposto, que tem como foco a reabilitação urbana. Tendo em vista o lema “Redesenhar, Requalificar e Redignificar” pretende-se sublinhar que o importante é mudar a forma como o bairro é visto pelos próprios moradores mas também como é visto pelo exterior.

A estratégia de requalificação definida pelo percurso proposto desenvolve-se em 4 áreas principais: o Espaço Público, a Habitação, os Equipamentos e as Hortas:

1. Requalificar o espaço público
- Definir os percursos de passagem e as áreas de permanência
 - Definir hierarquias
 - Criar espaços de interacção
 - Permitir o atravessamento este-oeste

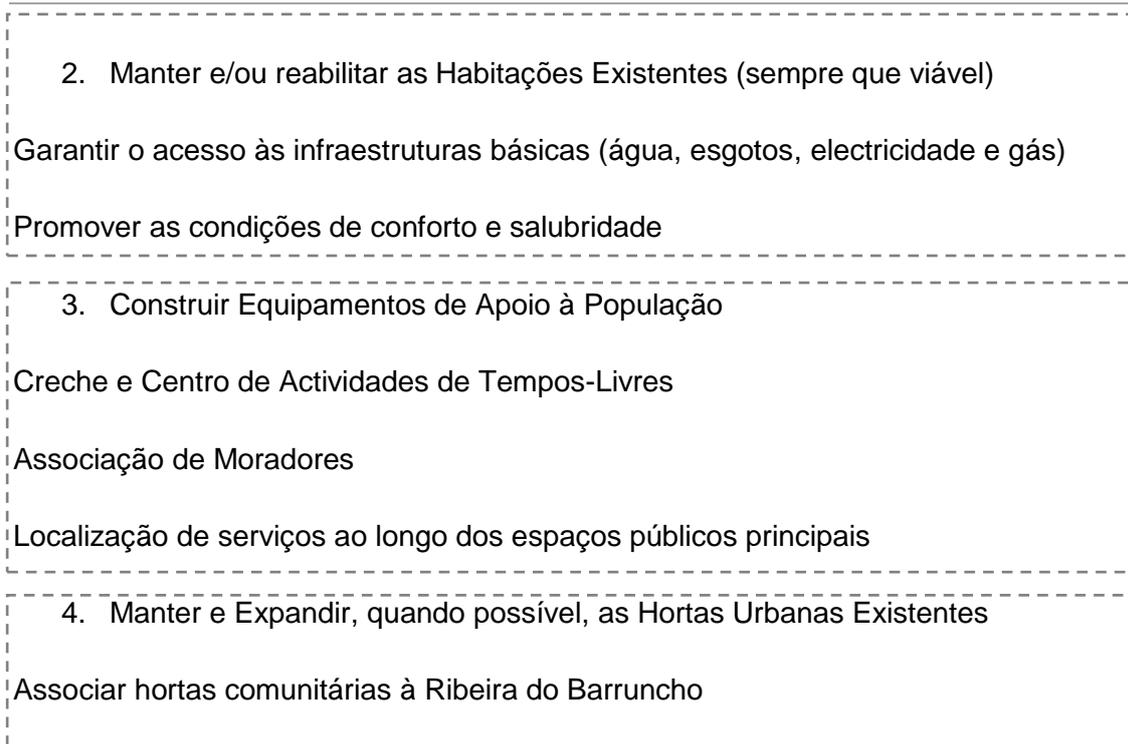


Fig. 75 Medidas de Actuação Fonte: Diagrama da autora

Convém referir que ao longo do processo de análise da área de intervenção e da própria elaboração destes quatro pontos de actuação, os limites da área de intervenção foram questionados e adaptados de forma a melhor responder as necessidades do local e permitir uma intervenção mais integrada.

Ponto 1 – Requalificar o espaço público

Como já foi visto anteriormente, os espaços públicos no Bairro do Barruncho são escassos sendo que os que existem foram simbolicamente criados pelos próprios moradores. Esta proposta de requalificação do espaço começa por uma requalificação das ruas existentes no bairro, passando pela pavimentação das mesmas com calçada branca portuguesa, por vezes redesenhando ou mesmo alargando algumas em situações mais precárias. É também proposto a implantação de mobiliário urbano tais como bancos e postes de luz (candeeiros) promovendo conforto e maior habitabilidade dos percursos que compõem esses espaços públicos criados (fig 76 e 77).



Fig. 76 e 77 Requalificação do espaço público Fonte Montagem da autora

Torna-se também importante para a requalificação dos espaços públicos, dos percursos que fazem parte desses espaços criar-se uma hierarquia de modo a melhor organizar espacialmente o bairro como também de forma a privilegiar certos espaços em relação a outros:

Hierarquização das ruas

- Rua principal, associada a equipamentos e serviços, fazendo a ligação Este-Oeste; inclui o atravessamento automóvel em piso de calçada.
- Ruas secundárias de acesso ao bairro, permitem o acesso a tráfego automóvel ocasional e de emergência; pavimento em calçada de granito
- Ruas secundárias de atravessamento do bairro; pavimento em placas de betão em grelha, permitindo a permeabilidade do solo
- Ruas terciárias de atravessamento transversal, de uso maioritário dos residentes, quando pelos logradouros associada às hortas privadas

Espaços de permanência

- Largo do miradouro, entrada Este, associado aos principais equipamentos e serviços
- Largo da entrada sul, associado a serviços
- Largo da entrada norte, associado a parque infantil
- Parque do Barruncho, a oeste

Ponto 2 – Manter e/ou reabilitar as Habitações Existentes (sempre que viável)

Como foi possível analisar no capítulo anterior a maioria das habitações não possui



Fig. 78 e 79 Requalificação do espaço na proximidade da habitação Fonte Montagem da autora



Fig. 80e 81 Requalificação do espaço na proximidade da habitação Fonte Montagem da autora

condições dignas de salubridade, sendo que as mais antigas do bairro revelam um cuidado superior na sua construção pelo que numa primeira fase serão mantidas e só numa fase posterior necessitarão de reabilitação. Procura-se intervir pontualmente na malha sem danificar as raízes das comunidades residentes (fig.78e 79), sendo que numa primeira fase de reabilitação das habitações mais degradadas. Faz-se o tratamento dos revestimentos de fachada (regularização e pintura) (fig. 80 e 81) e das coberturas (colocação de telhado) pensando-se também na ligação destas habitações às redes de infraestruturas existentes do terreno envolvente, conseguindo desta forma o acesso às infraestruturas básicas (água, esgotos, electricidade e gás) promovendo condições de conforto e salubridade.

Numa segunda fase – Reconstruir – inicia-se a construção de novas habitações na zona de expansão, para acolher as famílias das habitações mais precárias, a demolir, feita no terreno a Norte do coração do bairro de Barruncho. À semelhança das operações SAAL, de modo a tornar este projecto de reconstrução mais viável e económico, recorre-se ao conceito da participação e auto-construção no projecto.



Fig. 82 Ilustração reunião dos residentes. Fonte: <http://renatatilli.com.br/blog/?cat=7>

Este processo participativo possibilita soluções práticas e eficientes sempre em consulta e discussão com os residentes do bairro (fig. 82), desenhando e adaptando

sempre melhores soluções de acordo com as necessidades actuais e futuras adaptações no caso de crescimento da família. No caso deste projecto apresentam-se 3 tipologias base de habitação. Dependendo do agregado familiar, das necessidades profissionais, ou razões financeiras das famílias, opta-se por um modelo de casa a construir parcialmente com a ajuda das entidades locais, para que no futuro quando possa expandir ou manter de acordo com as possibilidades.

A vertente cultural dos moradores também foi um aspecto importante na realização do projecto. Tenta-se assim reconstruir mas continuar com o espírito de comunidade não quebrando os laços de vizinhança entre as habitações (fig. 83). O próprio desenho da casa promove o diálogo com a casa exterior de modo a continuar/preservar esses mesmos laços. Neste sentido o desenho do bairro enfatiza a sociabilização entre os moradores sendo que compõe então unidades de vizinhança que se conectam através de caminhos pedonais que atravessam o bairro assim como através do espaço comum do logradouro entre eles.



Fig. 83 Ilustração vivência pretendida. Fonte: Desenho da autora

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

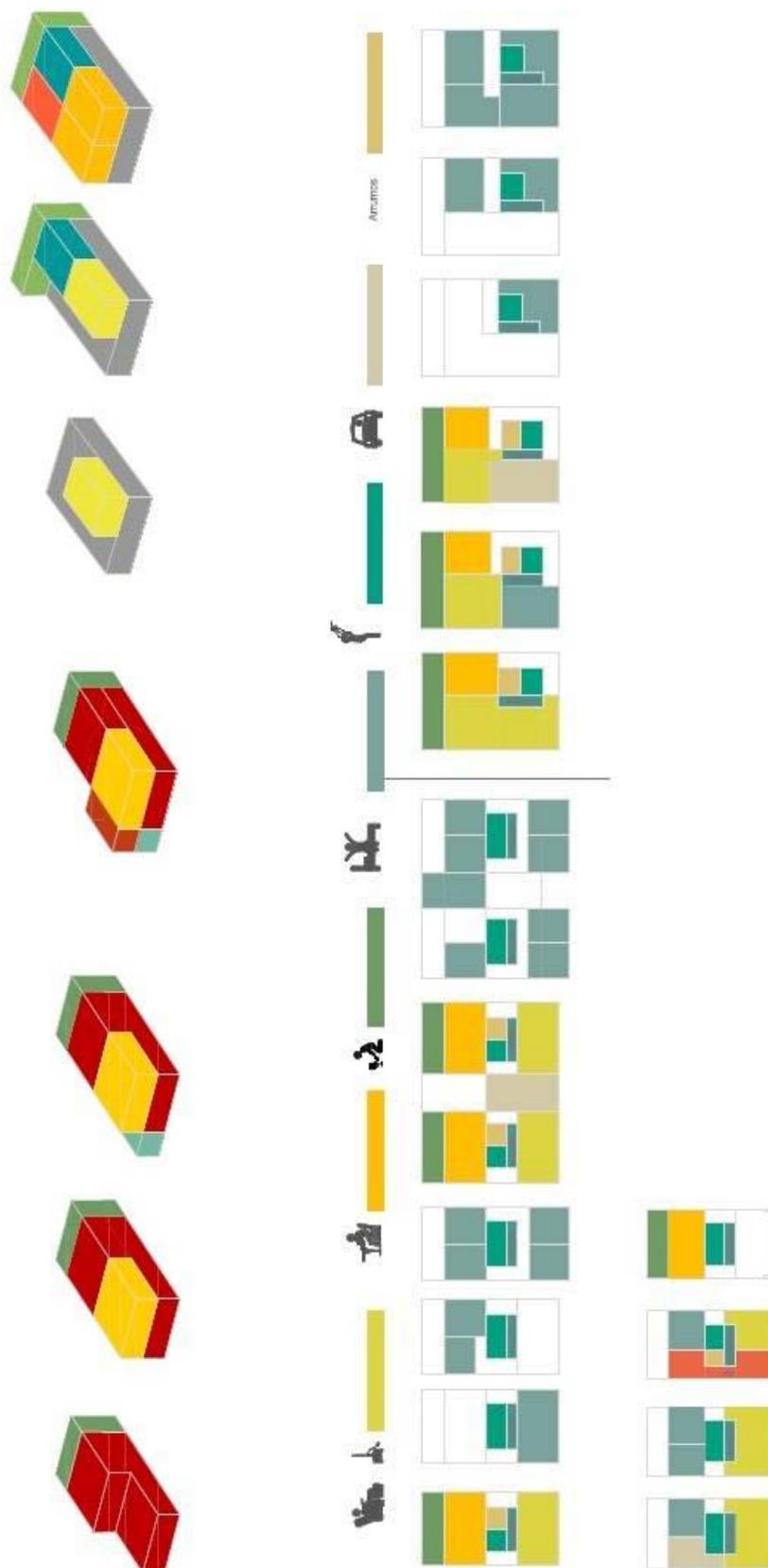


Fig. 84 Diagramas evolução da habitação proposta Fonte: Trabalho da autora

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



Fig. 85 Tipologias habitação proposta Fonte: Trabalho da autora

Ponto 3 Construir Equipamentos de Apoio à População (criação de emprego)

Como já foi dito os equipamentos de apoio à população desenrolam-se ao longo do eixo estruturador proposto.

Creche + Biblioteca: Na entrada Este do Bairro, com acesso à rua principal Marechal Craveiro Lopes, na charneira entre o bairro e a freguesia, localiza-se o edifício da biblioteca e da creche. A creche funciona no piso 0 do edifício juntamente com um serviço de apoio a esta zona – o café restaurante. A biblioteca ocupa uma área maior de 1267 m² no piso superior.

Associação de Moradores + ATL: localiza-se na antiga fábrica de peles renovada para o efeito, nas instalações podem acolher também actividades de Tempos-Livres para as crianças e jovens do bairro e outras actividades que sirvam os seus habitantes.

Parque Infantil: Um parque de média dimensão localiza-se no final da rua do edifício da Ass. Moradores.

Parque Urbano: com vertente desportiva, associada à zona baixa da ribeira do Barruncho, encontramos o Parque Urbano onde também desemboca a ciclovia e o percurso pedonal criado.

Centro socio/cultural do Barruncho / elemento escolhido para desenvolver na fase projectual.

Ponto 4 Manter e Expandir, quando possível, as Hortas Urbanas Existentes

As hortas urbanas acompanham o eixo estruturador definido para o bairro. Tem um forte potencial socio-cultural e de incremento da qualidade de vida dos moradores, onde diferentes gerações podem conviver. Faz-se agora uma regularização das mesmas, em lotes de diferentes dimensões, criando-se também estruturas de apoio para armazenagem de materiais e ferramentas.

A sua manutenção fica a cargo da associação de moradores, ajudando a desenvolver o sentido de responsabilidade ecológica de toda a população.

Ao longo do percurso pedonal faz-se também o aproveitamento de canteiros públicos e vegetação de sombreamento para plantação de espécies vegetais produtivas.

Centro Sócio-Cultural do Bairro do Barruncho

Motivações – porquê um centro socio cultural?

“A cultura – somatória de costumes, tradições e valores - é um modo próprio de ser, estar e sentir o mundo, o “jeito” que leva o indivíduo a fazer, ou a expressar-se, de forma característica.”³⁶

Seguindo a pensamento da autora, SER é também PERTENCER, seja a algum lugar, a alguma fé ou a um grupo, seja família, amigos ou comunidade. Assim a cultura apresenta-se como um forte agente de identificação pessoal e social, um modelo de comportamento que integra segmentos sociais e gerações.

Através do equipamento socio-cultural, procura-se dotar o bairro de um espaço comum que fomente a integração dos diferentes grupos étnicos presentes no bairro. Na aposta da multifuncionalidade do equipamento proposto pretende-se estimular as sociabilidades, fortalecendo a identidade pessoal e social não só dos moradores do bairro mas também de todos que tenham o interesse no encontro social, no interconhecimento, na troca cultural experiências entre diversas etnias.

Localização e desenho formal

O centro socio-cultural encontra-se numa posição charneira no bairro. Ou seja não estando dentro do bairro encontra-se nos limites entre os moradores e a restante freguesia. Definindo-se como um elemento ponte entre os mesmos, conecta as diferentes realidades da zona envolvente.

A linguagem formal do edifício está intimamente relacionada com as novas habitações a Norte, com a posição do núcleo central do bairro do Barruncho assim como as suas principais entradas a Oeste. De modo a agregar o espaço público, e tornar o bairro como um todo, os dois acessos a Oeste e o percurso que liga as habitações a Norte com o terreno do projecto constituíram logo á partida interessantes aspectos no desenho do edifício. Após a devida requalificação dos acessos a Oeste decidiu-se então prolongá-los para a área do projecto de forma a fomentar a continuidade do espaço público. O percurso a Norte é desenhado como se continuasse para dentro do

³⁶ Dra. Sonia Regina Rocha Rodrigues, escritora do artigo – A Importância da Cultura na Formação do Cidadão. Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=57#ixzz3444kVZj1>

edifício, gerando maior permeabilidade visual entre as hortas comunitárias e o interior do edifício.

Ao mesmo tempo pensou-se em abrir o edifício para o núcleo do bairro, numa tentativa de garantir mais controle e segurança por parte dos residentes. Como já dizia Jane Jacobs " (...) devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua". Como resultado desta decisão gera-se uma praça voltada para as habitações do bairro, onde ocorrem actividades diversas, desde feiras de artesanato, a feiras de gastronomia, como outros diversos acontecimentos festivos. Através da praça pretende-se encorajar a ocupação e uso efectivo do espaço exterior ao edifício. Desta forma ela torna-se um elemento potencializador da circulação e permanência do pedestre, local de encontro, de circulação e de convívio entre os moradores do bairro e os moradores das habitações envolventes.

Programa

Dá-se ao bairro do Barruncho e à cidade, um equipamento sócio-cultural com diferentes usos que motivam tanto o uso do espaço fora do edifício como um certo avivar dentro do mesmo.

O edifício está dotado de 4 valências diferentes: a cultural, a social, a recreativa e a comercial. Tentou-se portanto criar condições e oportunidades diversas que possam abranger e atrair as diferentes etnias presentes no bairro, desempenhando o importante papel de inclusão social.

A parte cultural percorre todo o braço esquerdo do edifício, desde o piso 0 ao piso 1. O piso 0 experiencia um carácter mais polivalente, estando apto para ateliers ocupacionais para jovens e crianças, salas de workshop, seminários ou salas de formação e ainda uma sala de exposições que poderá ser, para além de exposições dos trabalhos dos ateliers, usado para divulgar produtos e artesanato local dos artistas. Como extensão deste volume desenvolve-se a cafetaria, funcionando como um apoio a todo o edifício, fazendo o remate do mesmo no terreno. Ainda no piso 0, no sentido Norte temos o espaço da recepção que através de um grande átrio separa do volume cultural, o volume recreativo. Este volume recreativo alberga um salão de festas destinado a festas de baptizado, de aniversários e também a festas temáticas do bairro. O salão desdobra-se ainda num pequeno anfiteatro exterior de modo a

dinamizar os acontecimentos festivos e/ou dar lugar a um espaço de debates ou teatro.

A componente social localiza-se nas duas extremidades do piso 0. De um lado está localizado o gabinete de apoio ao cidadão. Numa zona central e acessível a todos o Gabinete trabalha em contexto de atendimento social. Do outro lado desenvolve-se um Mercado de Trocas, que de uma forma solidária, as pessoas trocam entre si produtos, serviços e saberes promovendo a cooperação entre as pessoas. Torna-se assim possível ajudar uma pessoa com determinada carência em troca de conhecimentos e serviços.

Com duplo pé direito a sala de exposições estende-se ao piso 1, explorando uma vertente mais jovem, onde localiza-se ainda uma sala de leitura, salas de aula, sala de informática, e uma sala de videoteca.

O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

Conclusão

Os loteamentos e construções clandestinas têm vindo a tornar-se objecto de estudo por parte de especialistas de diversas áreas que procuram a compreensão histórica do fenómeno, suas causas e efeitos.

Devido à ausência de uma solução por parte do Estado em relação à situação habitacional das classes trabalhadoras, estas viram-se obrigadas a recorrer à construção das barracas ou dos chamados bairros de lata em terrenos ilegais nas proximidades dos centros urbanos. Deste modo, ainda que com um desenvolvimento relativamente circunscrito, os primeiros bairros de construções clandestinas surgiram na década de 30 e 40, maioritariamente na periferia de Lisboa, Setúbal e Évora. Estas construções eram maioritariamente precárias, em bairros onde o poder económico era baixo.

O Bairro do Barruncho, fruto desse movimento clandestino começou a ser habitado nos anos 60 por uma população que procura melhores condições de vida e de trabalho. Após uma análise ao bairro verificou-se que este tem problemas a nível da precariedade das habitações, ausência de infra-estruturas básicas, e principalmente a ausência de uma estrutura pública e social que ajude a esbater de alguma forma os problemas sócio-espaciais que existem no bairro.

Como resposta a essa desintegração do bairro com a cidade, desenvolveu-se uma proposta de requalificação do espaço urbano informal do bairro. Com esta proposta não se procura resolver apenas o problema de cariz habitacional do bairro, mas procura-se realçar que o convívio, o encontro, as sociabilidades também devem estar presentes em qualquer plano de revitalização/requalificação de um bairro informal. Desta forma, o plano urbano encara o bairro como um potencial de transformação, tornando-o parte da malha, uma continuação da cidade. Através de uma descentralização do conceito do centro comunitário, este projecto propõe criar uma zona de ligação entre as comunidades do bairro e da cidade, que se materializa através da criação de novos espaços de sociabilidades.

Os casos de estudo, que resultaram de uma pesquisa bibliográfica onde procurámos encontrar situações próximas da estudada, permitiram perceber a realidade informal

das cidades de hoje, assim como analisar diversas soluções de forma a inseri-las socio e espacialmente na cidade, conferindo-lhes identidade.

A reflexão advinda deste trabalho possibilita confirmar que para além da habitação, os espaços públicos, a infraestrutura e os serviços, os equipamentos de apoio são fundamentais para a vida na cidade. Deve-se oferecer a todos as mesmas oportunidades de sociabilização, de bem-estar e conforto social, fomentado o sentimento de pertença, a coesão e a partilha, factores cruciais para uma boa recuperação das áreas informais e um bom funcionamento da cidade no seu todo.

É fundamental apreender que para uma correcta reconversão dos bairros clandestinos é necessário respeitar as normas e a cultura que se encontram nesses bairros. Mais do que pavimentar as ruas, criar espaços públicos, construir casas, há que se preservar a história e as memórias dos que vivem nesses bairros. Tal como se vive em plena cidade, cada um tem a seu modo de apropriação do espaço, a sua forma de relacionar-se com o outro. Por que motivo se havia de fazer diferente nos bairros clandestinos? Ou seja antes de agir é preciso se fazer todo um entendimento á volta do fenómeno da clandestinidade, perceber o porquê da desfragmentação em relação á cidade para posteriormente sustentar um bom plano de intervenção de modo a conseguir reunir as diferentes comunidades.

Bibliografia

ALVES, Carla (2008), *Áreas urbanas de génese ilegal: perfis socio-demográficos e modelos de intervenção de reconversão* (Dissertação de Mestrado), Lisboa, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa (dactilografado).

BAPTISTA, Fernanda Manuela Morais (2001), *Paisagens espontâneas e o desejo por novas formas de habitar: o desafio dos bairros clandestinos*, (Dissertação para Mestrado em Arquitectura de Habitação), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

BATALHA, Ana Elisabete Carvalhinho (2010), “Arte na minha rua – Estratégia de reabilitação urbana para o bairro da Cova da Moura”, Lisboa, Faculdade de Arquitectura de Lisboa

BANDEIRINHA, José António (2007), “O processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril”, Coimbra, Imprensa da Universidade.

CEIA, José (1980), “Loteamentos Clandestinos”, *Encontros sobre Construção Clandestina (I)*, Ministério do Planeamento e Administração do Território.

CUNHA, Manuel (1991), “Ocupação de Encostas”, São Paulo

CASTRO, Alexandra; DUARTE, Isabel (2001), “Os ciganos vistos pelos outros – Coexistência inter-étnica em espaços urbanos”, nº 2 Cidades, Comunidades e Territórios

CARDOSO, Ana; PIMENTA, Manuel (1989), “A pobreza nos bairros degradados de Lisboa: alguns elementos de caracterização”, *Sociedade e Território*, 10/11, Porto, Afrontamento, 13-24

CARDOSO, Ana (1993), “A outra face da cidade: pobreza nos bairros degradados de Lisboa”, Lisboa, CML

CAÇOILA, Sandra (2007), *Cidade informal e os paradigmas da contemporaneidade: contexto actual das áreas urbanas de génese ilegal no concelho de Oeiras* (Dissertação de Mestrado), Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (dactilografado).

FERREIRA, António Fonseca (1984), "Crise do alojamento e construção clandestina em Portugal", *Sociedade e Território*, 1, Porto, Afrontamento, 29-37.

FERREIRA, António Fonseca; GUERRA, Isabel; MATIAS, Nelson; STUSSI, Robert (1989/90), *Clandestinos na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, NEUT / JNICT.

FERREIRA, António Fonseca; GUERRA, Isabel; MATIAS, Nelson; STUSSI, Robert (1985), *Perfil social e estratégias do clandestino. Estudo sociológico da habitação clandestina na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

FORTUNA, Carlos (1999), "Identidade, Percursos, Paisagens Culturais", Oeiras, Celta Editora

FERREIRA, António Fonseca (1987), "Por uma nova política de habitação", Afrontamento

GUERRA, Isabel (1994), "As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas", *Sociedade e Território*, 20, Porto, Afrontamento, 11-26.

GUERRA, Isabel; MATIAS, N.J.F. (1988), "Elementos para uma análise sociológica do movimento clandestino", *Povos e Culturas*, 3, 335-356.

JACOBS, Jane (2003), *Morte e Vida das Grandes Cidades*, Trad: Carlos S. Mendes Rosa, Martins Fontes, São Paulo.

KNIPPSCHILD, Fabiana (2005), "Avaliação do planeamento urbano para a ocupação de encostas em Florianópolis", Relatório Final de Actividades, Florianópolis

LIVRO BRANCO DO SAAL 1974 – 1976 (1976), Lisboa, Conselho Nacional do SAAL

MAGALHÃES, Sérgio (2004), “Favela-Bairro: Uma outra história da cidade do Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, Viver Cidades.

MATOS, Fátima Loureiro de (1990), *A construção clandestina em Vila Nova de Gaia: o caso dos bairros do Picão e da Madalena Nascente*, Porto, Universidade do Porto, 149-280.

MATOS, Fátima Loureiro de (1989), “Breve análise da construção clandestina: o caso do concelho de Vila Nova de Gaia”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto -Geografia – I série*, Vol. V, Porto, 61-81.

MELÃO, Alexandra Isabel dos Santos (2010), “Adicionar como Forma de Requalificar – Relação entre Bairro e Escola: *O bairro da Cova da Moura e Escola Primária EB1/JI*”, Universidade Técnica de Lisboa

MORGADO, Inês Isabel Rabaço (2013), “O papel da Arquitectura na Revitalização de Zonas Social e Urbanisticamente Degradadas – Bairro da Arroja Velha” (Dissertação para Mestrado em Arquitectura), Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

MENEZES, Marlucci (1992), “*Espaço, Cultura e Arquitectura – Dissertação sobre a perspectiva interdisciplinar entre as Ciências Sociais e Arquitectua*”, Lisboa, LNEC.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1977), “Bairros clandestinos na periferia de Lisboa”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, XII, 23, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos das Universidades de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 28-55.

SANTOS, Lusitano dos (1980), “Loteamentos Clandestinos”, *Encontros sobre Construção Clandestina (I)*, Ministério do Planeamento e Administração do Território.

SILVANO, Filomena (1997), *Territórios de Identidade*, Oeiras, Celta Editora

SILVA, Mariana Geraldês Pires Aires (2012), *“O espaço público na relação com equipamentos culturais – Os casos de Lisboa e Barcelona”*, Lisboa, Instituto Superior Técnico.

TOMÁS, Ana Mafalda (2001), *“Realojamento Social em Portugal – Estudo sobre as expectativas e necessidades da população do Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento – Relatório de Estágio”*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Trabalho realizado pela Turma 5ºano “Análise do Bairro do Barruncho” no âmbito da cadeira de Projecto, ano 2012/2013, leccionada pelo Professor Doutor Pedro Rodrigues.

Webgrafia

MENDES, Maria Manuela (2012), *“Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo”*, Instituto Universitário de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa, disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10007.pdf>

Colectivo Boa Mistura (2012), *“Luz nas Velas – Projetos de Arte Urbano Participativo”*, Vila Brasilândia, disponível em:

<http://www.archdaily.com.br/br/01-53653/curta-luz-nas-velas-boa-mistura>

Websites:

<http://educa.cm-amadora.pt/index.php/projectos/orquestras-geracao/92-projectos/184-orquestras-geracao>

<http://www.orquestra.geracao.aml.pt/imagegallerymodule/gallery/id/19/src/@random4f9020c86f80f/>

<http://www.renovaramouraria.pt/>

<http://www.jauregui.arq.br/favelas2.html>

<http://www.moinhodajuventude.pt/index.php/pt/>

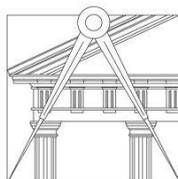
<http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/>

http://partilhazambujal.blogspot.pt/2008/06/amadora-projecto-pioneiro-em-integracao-e_04.html

Anexo 1 – Painéis Finais do Projecto

Anexo 2 - Processo de Trabalho

- Guião entrevista feita aos moradores do Bairro do Barruncho



FACULDADE DE ARQUITECTURA – UNIVERSIDADE DE LISBOA

Guião de entrevista aos moradores do Bairro do Barruncho sobre as sociabilidades e vivências

Esta entrevista enquadra-se no âmbito do desenvolvimento de um trabalho de investigação da Faculdade de Arquitectura para a obtenção de grau de mestre. De carácter anónimo garante-se a confidencialidade das informações fornecidas, que não serão utilizadas para quaisquer outros fins que não sejam de grau académico.

1) Identificação

Sexo | naturalidade | idade | profissão

2) Bairro

Há quanto tempo mora neste bairro?

Porquê escolheu este bairro?

Familiares proximidade de trabalho Boa vizinhança

Anteriormente morava onde?

3) Sociabilidades

Descreva um dia normal para si (onde vai/com quem fala)

Descreva um dia de fim-de-semana (onde vai/com quem fala)

Como caracteriza a relação que tem com os seus vizinhos?

-Portugueses

-Portugueses ciganos

-Africanos

Os seus principais amigos residem dentro ou fora do bairro?

Que actividades pratica com os seus amigos? (conversar/passear/jogar às cartas)

Quais os principais locais de convívio com os seus amigos?

Rua logradouro/quintal café outro

4) Equipamento público

Que tipo de equipamentos/serviços ou espaços públicos fazem falta neste bairro?

Jardins Centro Comunitário Ginásio Mercado

Cafeteria Hortas comunitárias

Utiliza alguns destes serviços nas proximidades do bairro?

Conhece algum centro comunitário nas proximidades do bairro?

Gostaria de ver introduzido neste bairro um centro comunitário?

- Se sim quais as funções que considera essencial incluir?

Espaço de leitura Sala de jogos Salão de festas

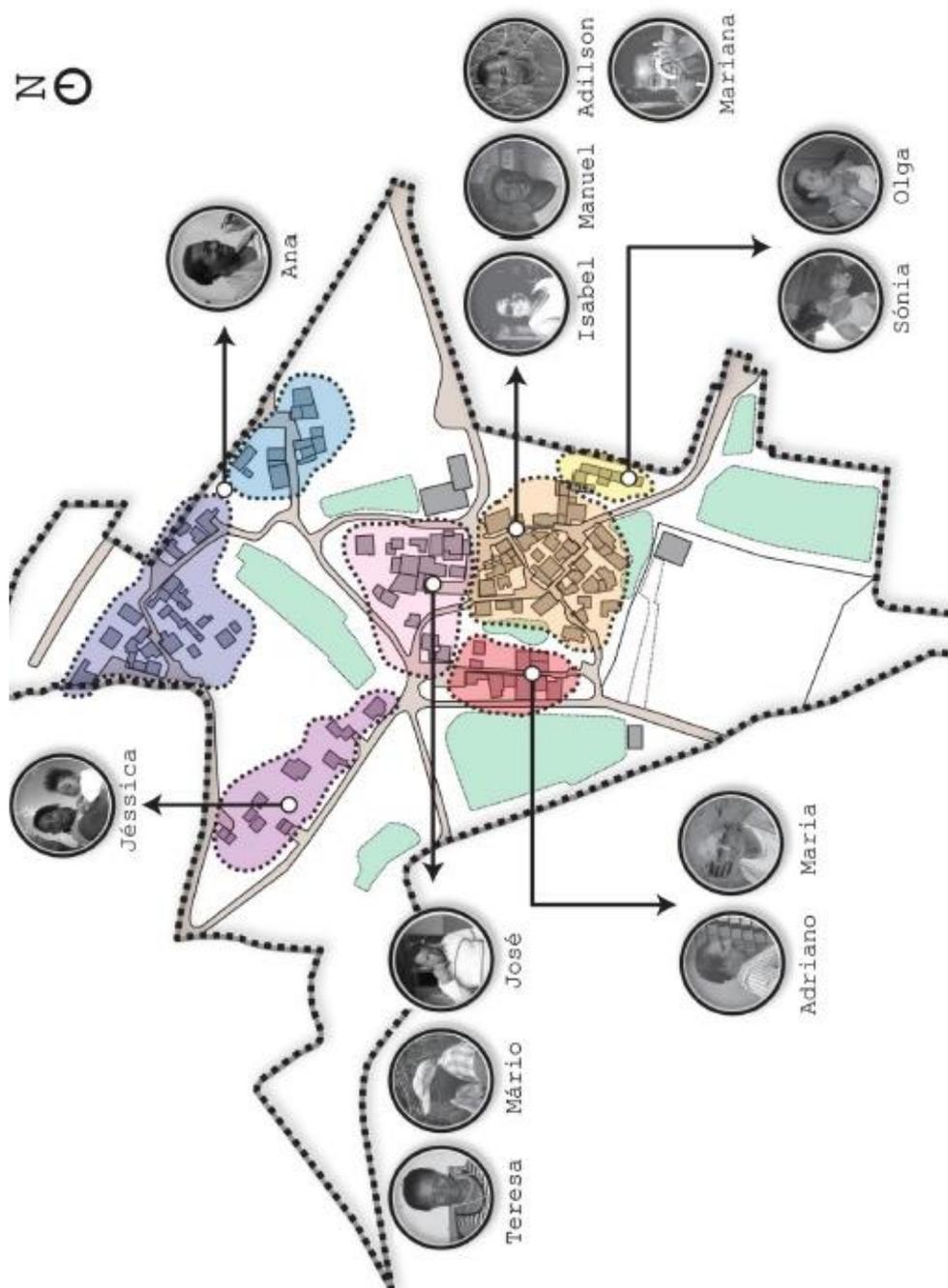
Cafeteria Centro de dia espaço artesanato

Lojas (produtos agrícolas e artesanais) Espaço apoio social

Espaço jovem

Síntese de entrevistas realizadas no âmbito do desenvolvimento de trabalhos de investigação dos alunos do MIARQ5D da Faculdade de Arquitectura, no 1º semestre de Lab. Proj VII – Bairro do Barruncho, sob o tema – Análise sócio-económica. Amostragem 12 pessoas.

Mapa localização dos entrevistados



Síntese 1 das entrevistas



Síntese das Entrevistas (amostragem de 12 pessoas)

Casa / Família
Habilitações Académicas:
a 4ª classe.
A maioria dos entrevistados tem

Ocupação:
A maioria dos homens entrevistados trabalha na construção civil; grande parte, devido à falta de trabalho, está desempregada.
A maioria das mulheres entrevistadas trabalha nas limpezas, em Lisboa.

Meio de Transporte:
A maioria utiliza o autocarro como meio de transporte mas há entrevistados com carro próprio.

Divisão:
Grande parte dos agregados é constituída por 5 a 7 elementos.
A maioria dos entrevistados tem 6/7 divisões na habitação; isto deve-se ao facto de serem famílias numerosas.
Perto de metade dos entrevistados tem Jardim /Horta.

Síntese 2 das entrevistas



Síntese das Entrevistas (amostragem de 12 pessoas)

Bairro / Moradores / Equipamentos
Relações sociais/ actividades:

- Em geral os inquiridos convivem e têm fortes laços de vizinhança com os “vizinhos de perto”, sendo que muitos não conhecem todo o bairro e há zonas do bairro por onde não costumam andar.
- A ligação com a igreja (coro/grupo de jovens) é patente nas actividades dos moradores do bairro.
- Aos fins-de-semana junta-se o convívio, o jogar as cartas e por vezes as almoçadas.

Do que gosta MAIS no Bairro:

- Forte relação de vizinhança.
- Sensação de segurança.

Do que gosta MENOS no Bairro:

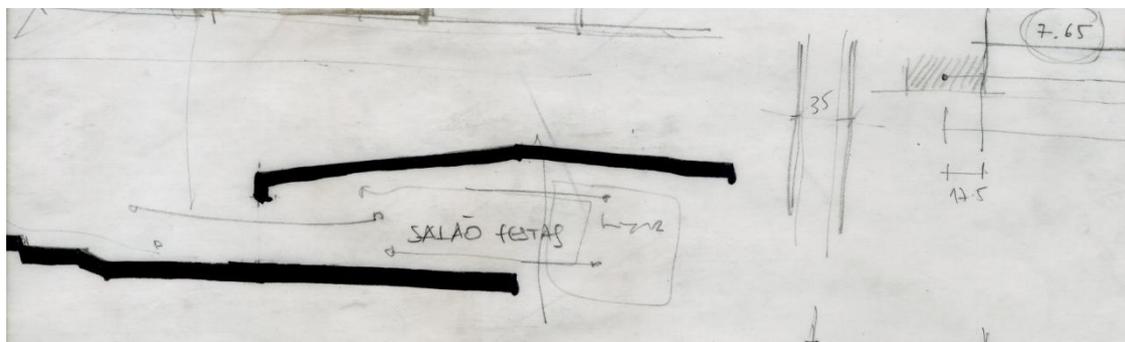
- Falta de infraestruturas básicas (abastecimento de electricidade e ligação à rede de esgoto); do lixo espalhado; falta de pavimentação da rua.

Equipamentos de que mais sente falta:

- Grande parte dos inquiridos sente falta de uma Associação de moradores / salão;
- Creche;
- Jardim /espaço público qualificado.
- Parque infantil.
- Equipamentos de saúde e de actividades físicas.
- Mercearia.

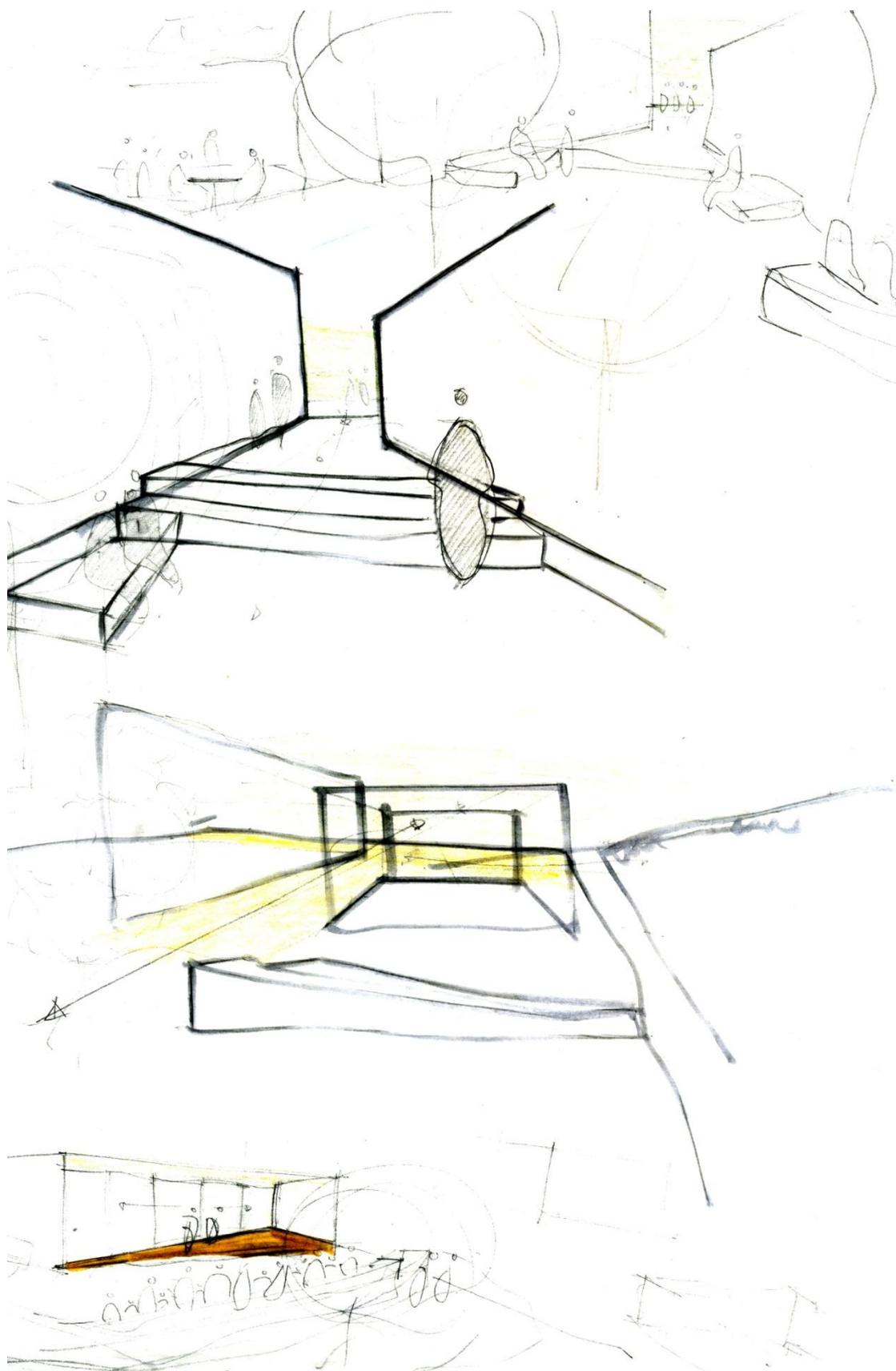
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



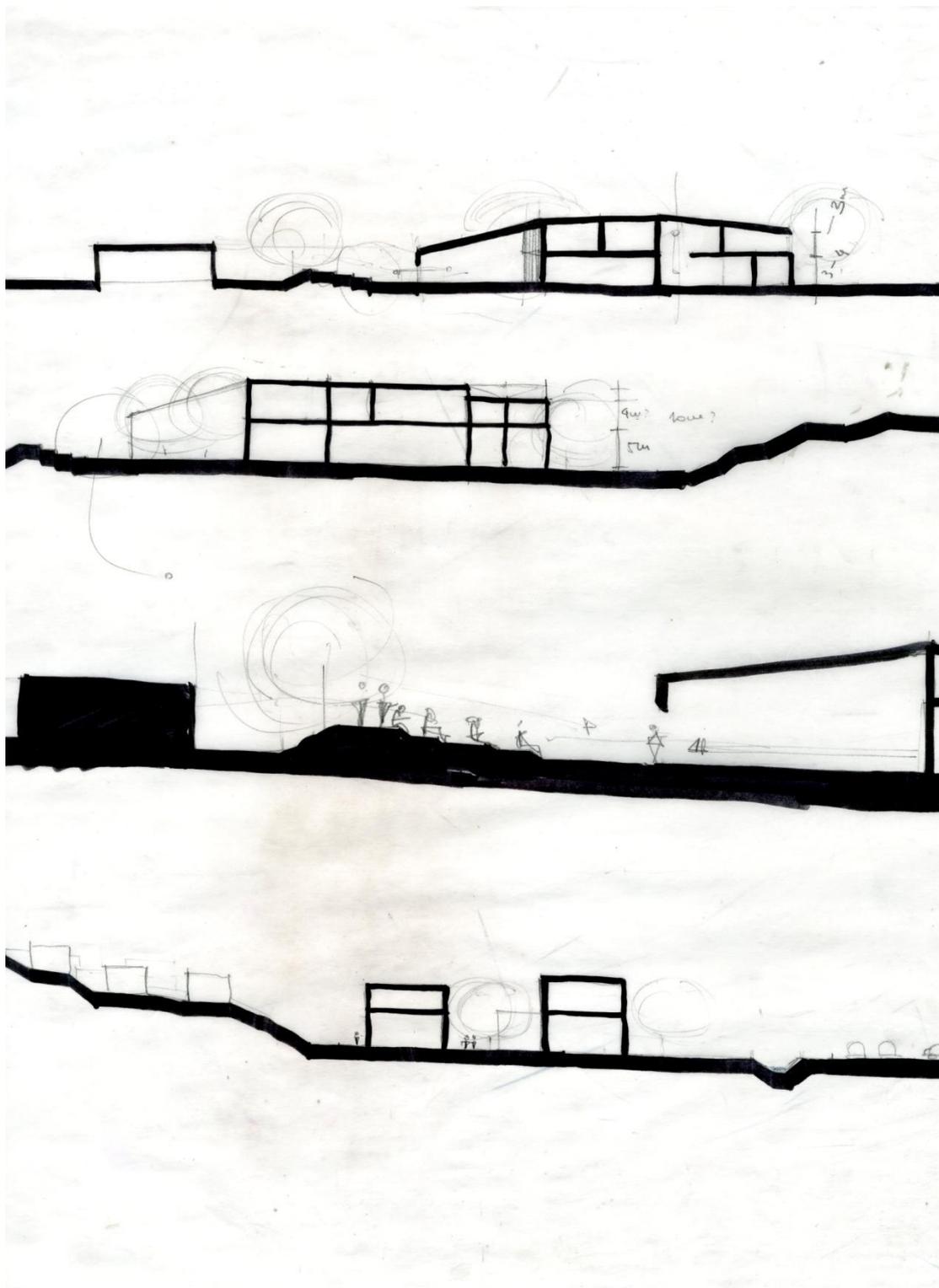
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



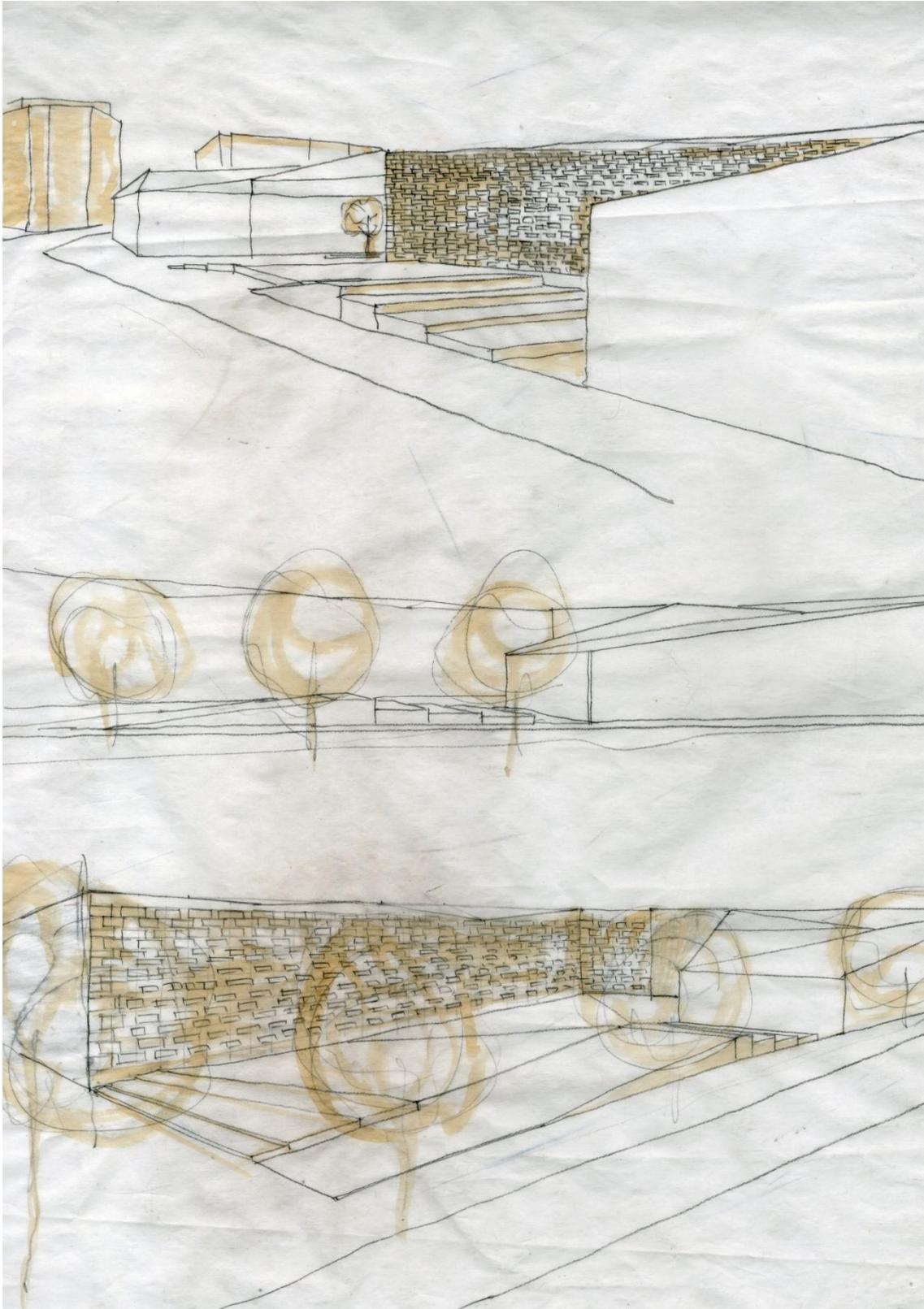
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



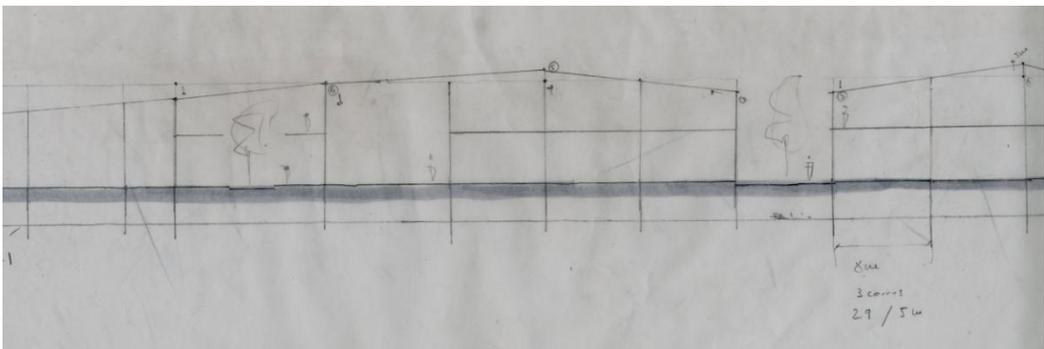
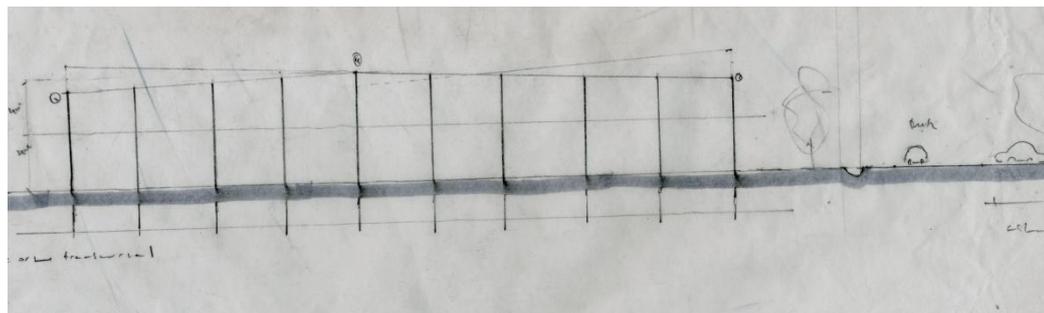
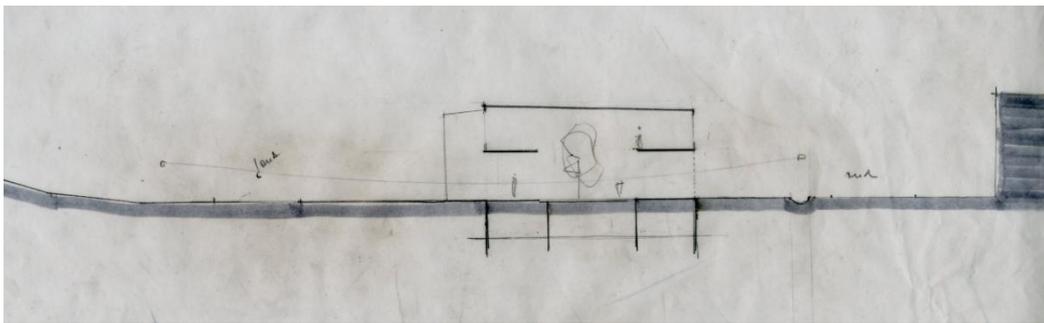
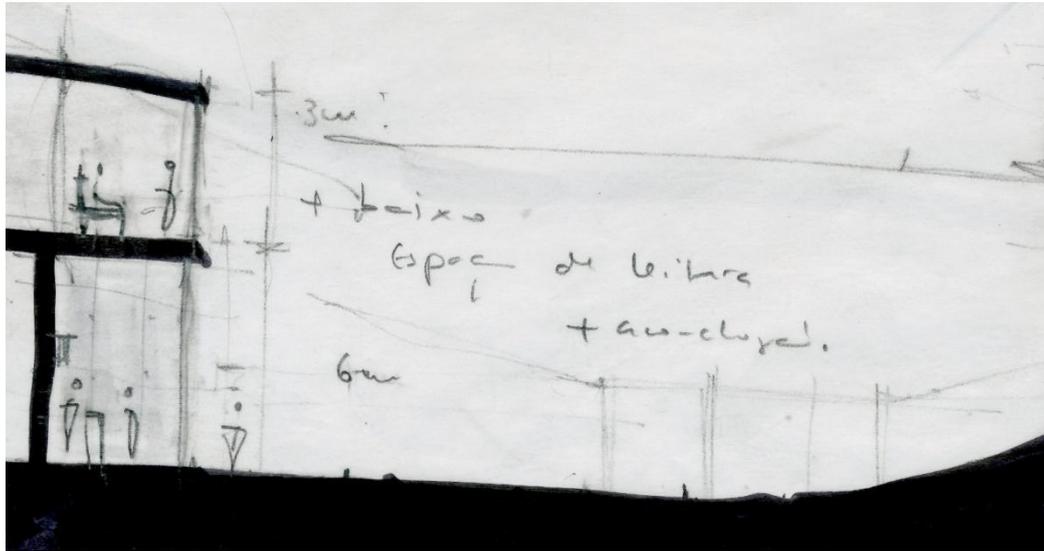
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



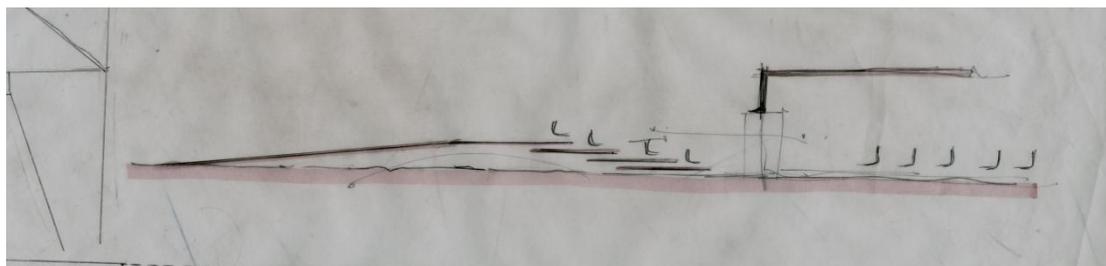
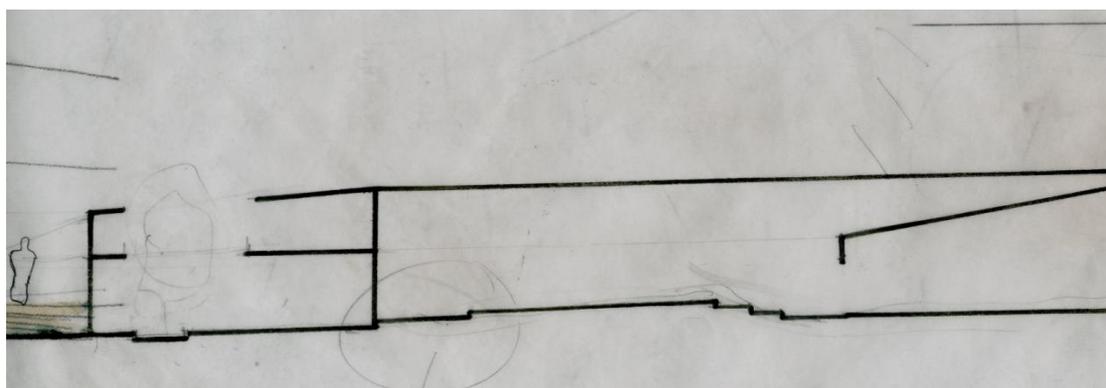
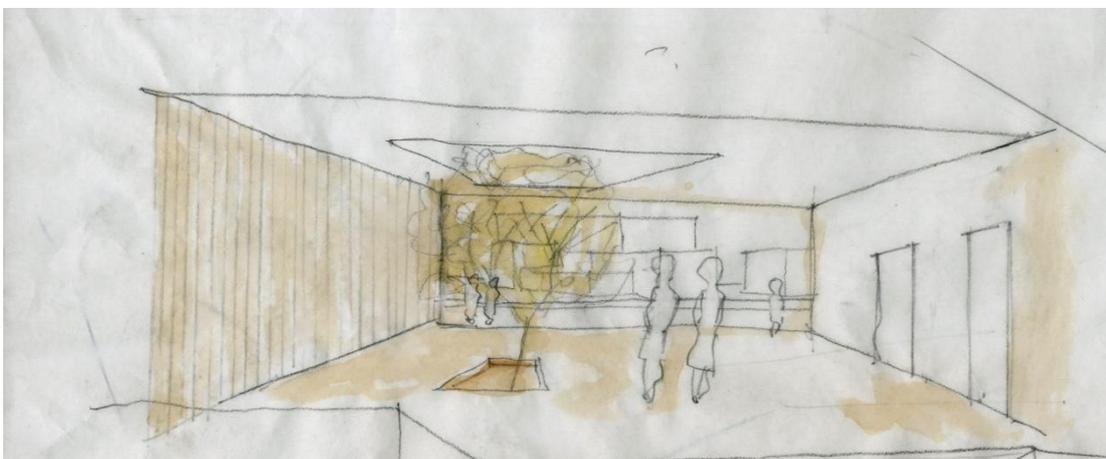
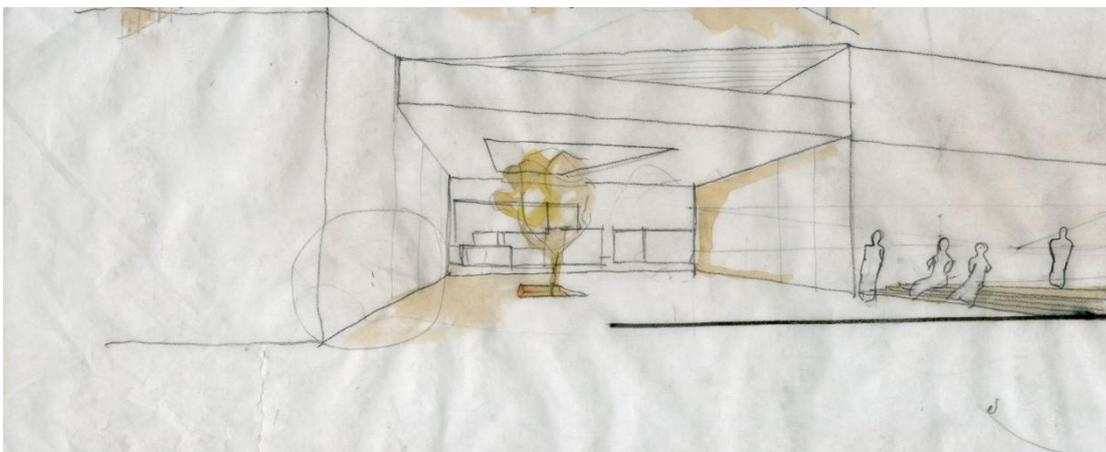
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

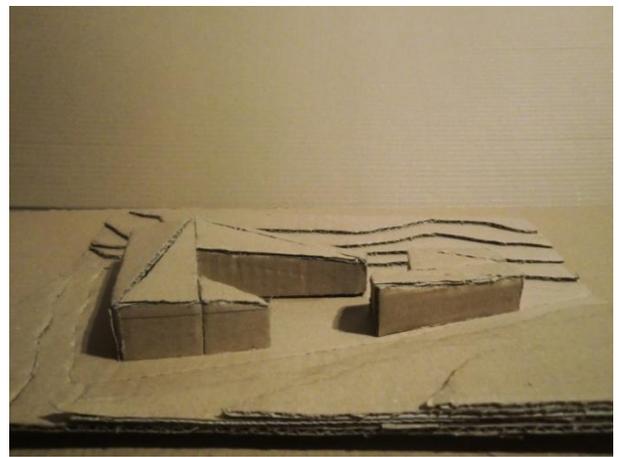
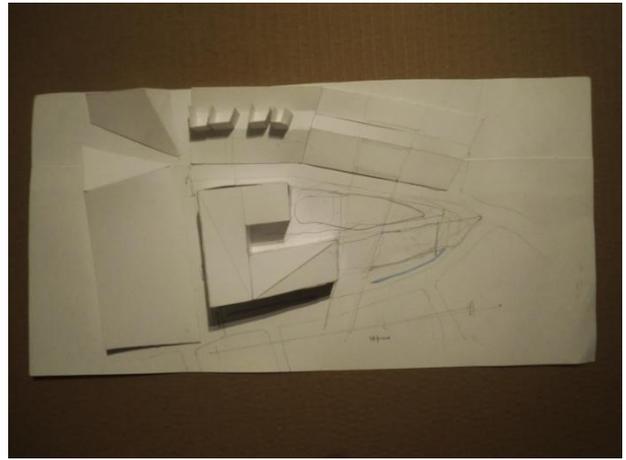
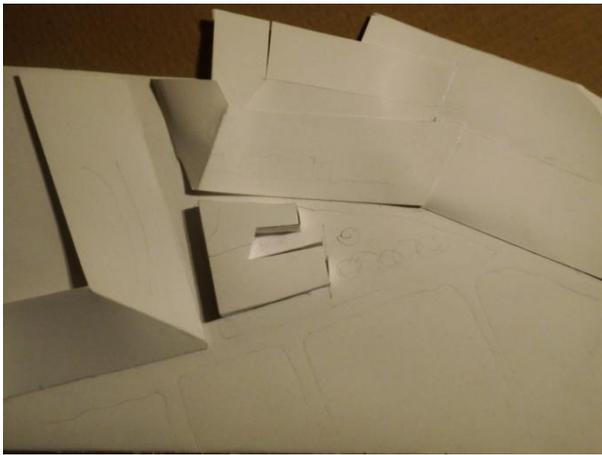
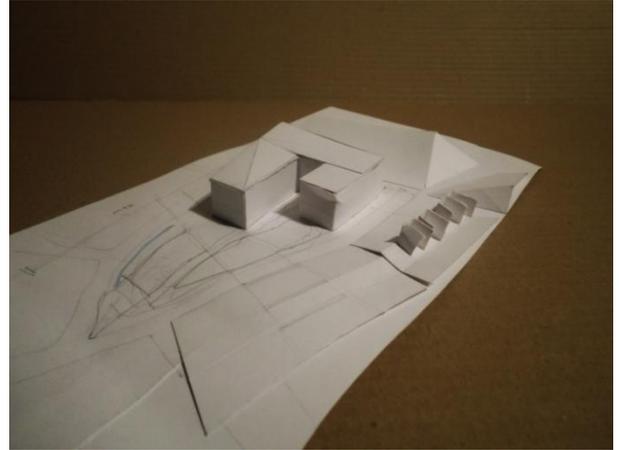
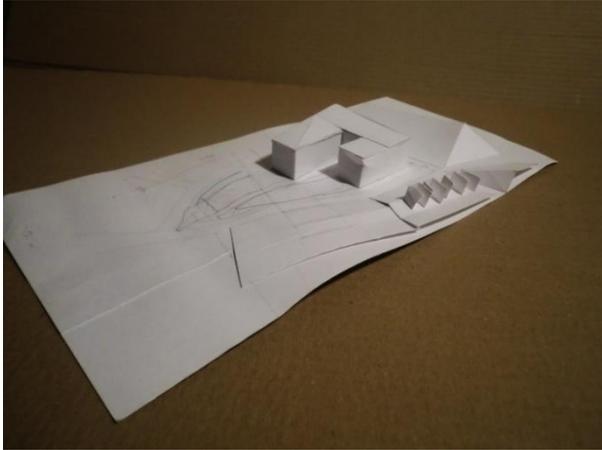


O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

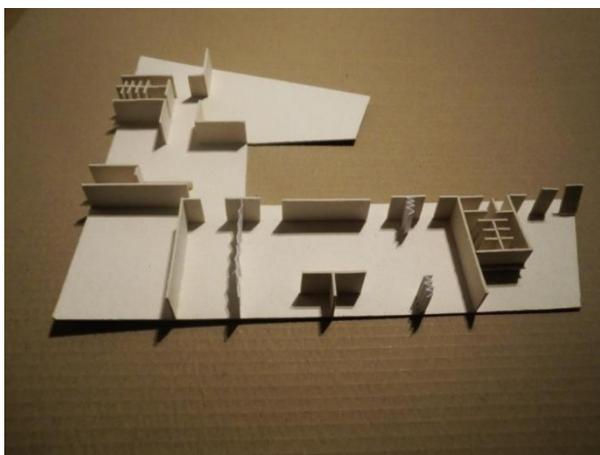
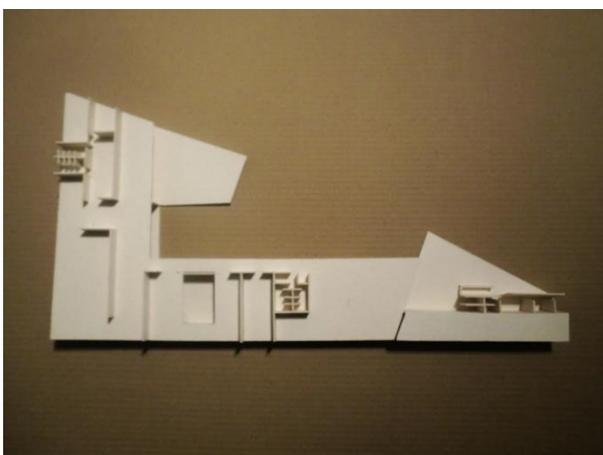
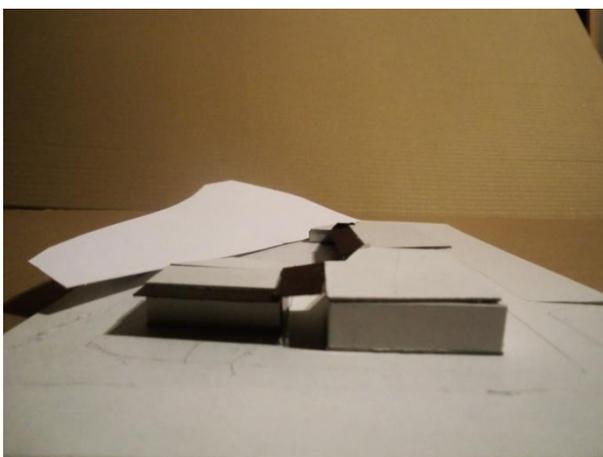
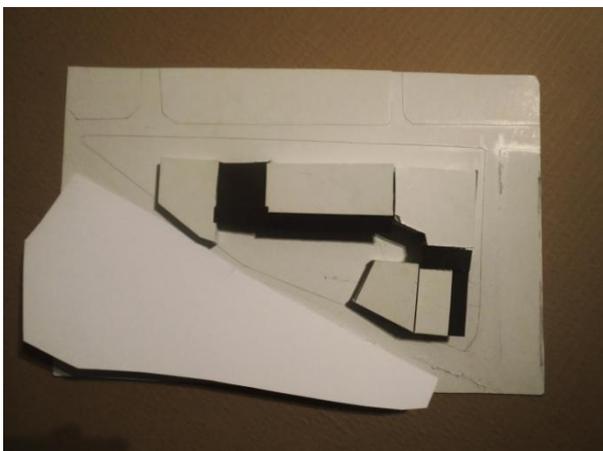


Fotografias de Maquetes de Estudo



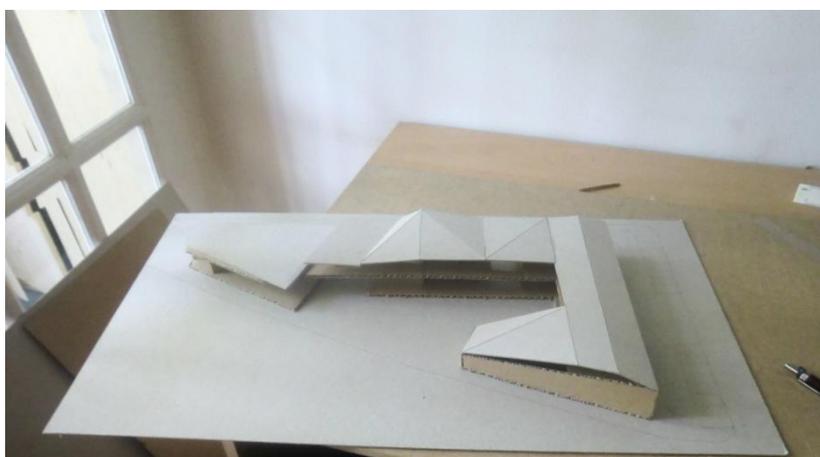
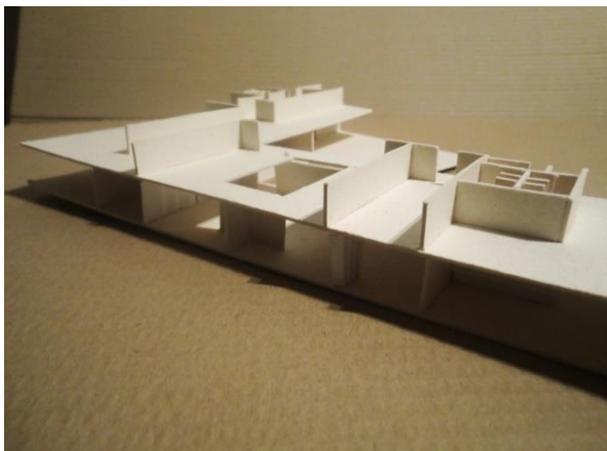
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



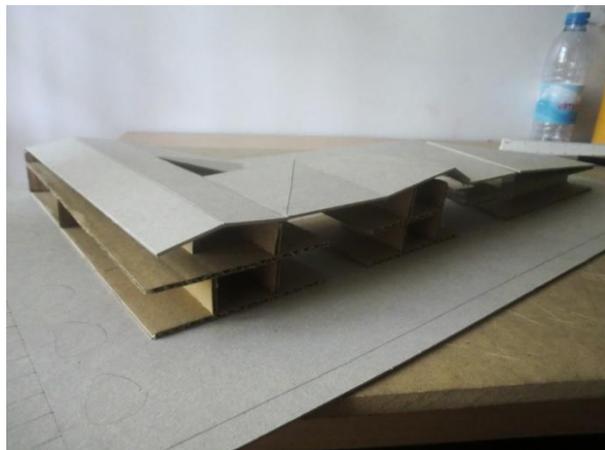
O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

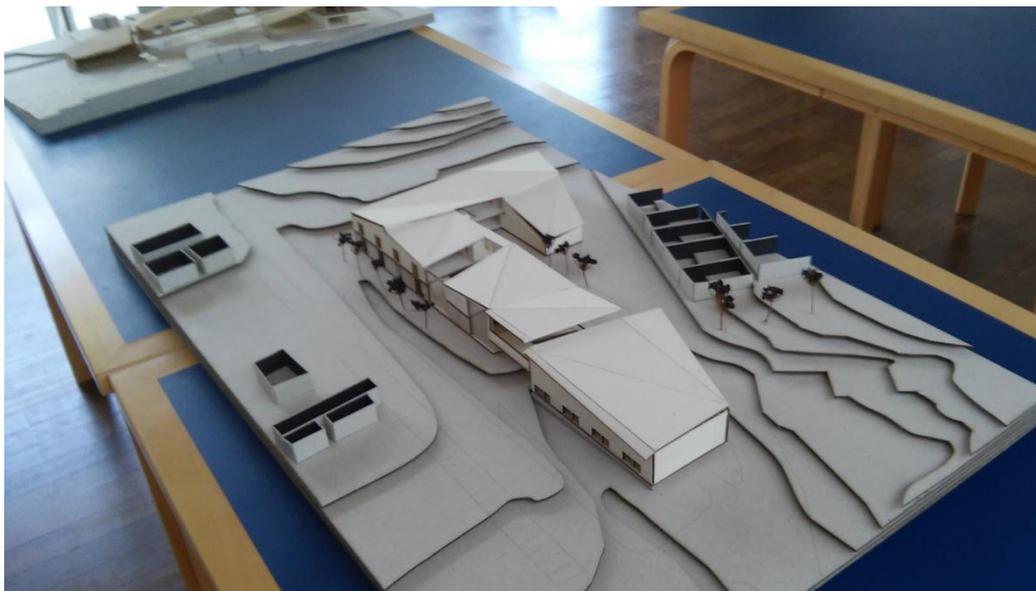


O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva



Fotografias da Maquete final



O Equipamento Cultural como Cenário de Integração no Bairro Informal

Maura Yasmina Delgado Silva

